

Nº de aluno: 23294

**Dinâmicas de expressão da identidade de cidadãos
Alemães residentes na região de Lisboa:
O papel das Instituições**

ELIZABET BREHM

**Dissertação de Mestrado em Migrações
Inter-etnicidades e Transnacionalismo**

SETEMBRO, 2010



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Migrações, Inter-etnicidades e Transnacionalismo, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Dulce Pimentel e do co-orientador Professor Doutor José Gabriel Pereira Bastos

Declarações

Declaro que esta dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

Lisboa, 28 de Setembro de 2010.

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

A orientadora,

Co-orientador,

Lisboa, 28 de Setembro de 2010.

Dissertação

Dinâmicas de expressão da identidade de cidadãos Alemães residentes na região de Lisboa: O papel das Instituições

Autor

Elizabet Brehm

Resumo

Esta investigação tem como proposta o estudo da presença de cidadãos alemães em Lisboa através da análise de instituições alemãs com destaque para a Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa. Para isso partiu-se de teorias sociais práticas, em especial da Sociologia e da Psicologia Social e do conceito de identidade como categoria central de análise, no contexto da mobilidade transnacional de quadros qualificados.

Palavras-Chave

Alemães em Lisboa; Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa;
Identidade; Mobilidade de Quadros Qualificados

Dissertation

Dynamics of expression of citizen's identity

Germans resident in Lisboa:

The role of the institutions

Author

Elizabet Brehm

Synopsis

This investigation purposes the study of the presence of German citizens in Lisboa through the analysis of German institutions particularly the St. Bartholomew Association of the Germans in Lisboa. To accomplish the endeavor departed from practical social theories, in particular the Social Sociology and Psychology and the concept of identity as a central category of the analysis, in the context of the transnational mobility of qualified personnel

Key words

Germans in Lisboa; St Bartholomew's Association of the Germans in Lisboa; Identity;

Mobility; Qualified personnel.

Agradecimentos

A produção desta dissertação resulta de um percurso exigente e solitário; introspecção e isolamento foram necessários para dar corpo ao que aqui se apresenta. No entanto, os objectivos não seriam alcançados sem a participação fundamental de pessoas. A estas quero expressar a minha gratidão.

O meu sincero agradecimento à professora Doutora Dulce Pimentel por me ter dedicado sua confiança aceitando ser orientadora neste trabalho e a prontidão que sempre revelou ao longo de todo esse tempo. Pela orientação científica e o rigor académico com que me guiou. Enquanto orientadora soube compreender os tempos difíceis, incentivar o amadurecimento de ideias e esperar o prazo necessário para que elas se apresentassem. Agradeço a sua ajuda na escolha do tema e reorganização dos objectivos quando o projecto inicial exigiu readaptações, sobretudo por ter me ajudado a acreditar na concretização do trabalho. O tempo dispensado com leituras prévias, as correcções feitas com desprendimento e a boa disposição que soube despender foram elementos facilitadores e determinantes para produzir resultados e concluir o processo com êxito.

Agradeço ao professor Doutor José Gabriel Pereira Bastos que me auxiliou na compreensão da complexidade da temática das identidades e me incentivou a perseguir o fio condutor da investigação, e pelo estímulo que me transmitia nos momentos de discussão, sendo a sua orientação importante no universo do conhecimento desde a escolha do tema até à conclusão do trabalho. Agradeço por ter me incentivado a ir mais longe.

Para o cumprimento desta investigação foi determinante a boa vontade de várias pessoas nas respectivas instituições alemãs ou luso-alemãs, a quem agradeço o tempo dispensado, as visitas guiadas e o material didáctico ou histórico alcançado.

A minha gratidão é dirigida em especial às pessoas entrevistadas. Aceitando reflectir sobre as suas experiências, estas pessoas permitiram que conhecesse as suas trajectórias de vida, as suas histórias pessoais e elaborações identitárias, boa parte delas tornando-se parceiras de outros diálogos, agradeço toda a atenção e tempo dispensado.

Dedico este trabalho ao Edgar, esposo e amigo: por todo alento dado ao longo do trabalho e da vida. Sem a sua incansável ajuda este projecto não teria sido possível.

Índice

1- INTRODUÇÃO	1
2- METODOLOGIA E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE	3
2.1 Justificação	3
2.2 Definição do problema	4
2.3 Hipótese	5
2.4 Objectivos	6
2.5 Objecto de estudo	7
2.6 Considerações metodológicas	9
2.7 Fases da pesquisa	11
2.8 Caracterização da população – alvo	16
2.9 O grupo de estudo	20
3- ALEMÃES NAMOBILIDADE DE QUADROS QUALIFICADOS	24
3.1 Migrações e mobilidade de quadros qualificados	24
3.2 Transnacionalismo e transmigrantes	26
3.3 Tipologias para quadros de alemães qualificados	29
3.4 A colónia alemã e o início da transferência de alemães qualificados para Portugal	33
3.5 Em torno dos conceitos de «organização» e «instituição»	38
3.6 A Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa: Instituição particular de auxílio material e moral	39
3.6.1 Exterioridade	40
3.6.2 Objectividade	43
3.6.3 Coercitividade	45
3.6.4 Autoridade moral	46
3.6.5 Historicidade	50
4- PROCESSOS IDENTITÁRIOS	51
4.1 Identidade e processos de socialização	51
4.2 Representações sociais e identidades sociais	54
4.3 Identidade social e categorização social	57
4.4 Representações identitárias: Dissemelhanças de alemães e portugueses	58
4.5 Identidade nacional	66
4.6 Retorno ao país de referência ou permanência no país de pertença	71
4.7 Características das pertenças e das organizações	76
4.7.1 Clube Alemão; Paróquia Católica de Língua Alemã em Lisboa Congregação da Igreja Evangélica Alemã em Lisboa.	82
4.7.2 Escolas Alemãs de Lisboa e do Estoril	84
4.7.3 Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa Lar para Idosos de São Bartolomeu dos Alemães no Estoril	86

Associação Alemã de Auxílio	
4.7.4 Cemitério Alemão de Lisboa	93
4.7.5 Instituto Goethe de Lisboa; Embaixada da Alemanha em Lisboa	94
4.7.6 ABLA – Associação de Beneficência Luso-Alemã	96
4.7.7 CCILA – Câmara do Comércio e Indústria Luso-Alemã Volkswagen /Autoeuropa	99
4.8 Processos e estratégias de integração	102
4.9 Representações e identidade de género	113
4.10 Identidade de elite	118
5- A RELEVÂNCIA DA EMOÇÃO NAS RELAÇÕES SOCIAIS IDENTITÁRIAS	129
5.1 A dimensão social da emoção	129
5.2 O grupo de professores	134
5.3 Processos emocionais em relação às organizações	140
5.4 A amizade: Categoria para a integração social	144
6- CONCLUSÃO	147
Bibliografia	151
Lista de Quadros e Gráfico	162
Anexo nº 1	163
Anexo nº 2	165

1. INTRODUÇÃO

Na definição do objecto de estudo desta dissertação, houve o cuidado de optar por algo que fosse do nosso interesse e que ao mesmo tempo pretendêssemos entender melhor e mais profundamente. A delimitação do problema resultou do contacto com cidadãos de nacionalidade alemã residentes em Lisboa e de visitas realizadas à Livraria Buchholz¹. Procuramos traçar os objectivos desejando compreender melhor a presença e actuação de cidadãos alemães estabelecidos em Lisboa ocupando espaços privilegiados e gozando de prestígio social na sociedade portuguesa.

O interesse inicial recaiu sobre a Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa; progressivamente outras organizações juntaram-se ao objecto de estudo. A Associação de São Bartolomeu é entendida como uma organização social cujos membros estão envolvidos em actividades transnacionais. Segundo Castles (2002: p. 111ss) as comunidades transnacionais tornam-se sustentáveis em razão de uma rede complexa de relações que as sustentam. As partes que compõem essa rede são simultaneamente autónomas e dependentes das relações estabelecidas. A pesquisa deseja compreender a formação e manutenção desta rede de relações e sustentações.

As entrevistas realizadas a cidadãos alemães através do estudo de caso revelaram constante mobilidade entre os dois países, Portugal e Alemanha, e uma deslocação da própria existência destes indivíduos. Há também uma multiplicação ou uma acumulação de pertenças sobre as quais se elabora a identidade. O ponto de partida da análise foi a observação da forma como os elementos constitutivos das identidades se tornam visíveis, identificando as redes de relações em que os sujeitos se integram.

Partimos da hipótese de que existe uma relação entre as estratégias identitárias dos sujeitos e sua actuação nas organizações. Tal factor levou a que na pesquisa se observasse as instâncias organizacionais enquanto espaços onde convivem mundos sociais pautados por interacções e mundos de histórias de vida num terreno de complexidade. A questão elaborada interroga a respeito da influência das instituições na construção das estratégias de identidade. A aproximação às organizações tem o objectivo de perceber se nelas se reconhece o *locus* social e cultural onde ocorre a

¹ A Livraria Buchholz em Lisboa foi fundada em 1943 pelo livreiro alemão Karl Buchholz, que deixou Berlim depois da sua galeria de arte e livraria terem sido destruídas pelos bombardeamentos durante a II Guerra Mundial.

formação ou a transformação identitária dos sujeitos, e a influência das instâncias organizacionais sobre os comportamentos individuais e relacionais. Concebemos as identidades enquanto processos socialmente construídos, multidimensionais, comparativos e conectados em contextos diversos. A pesquisa que realizámos tem como um dos focos de análise os processos de construção das diferenças entre alemães e portugueses, a partir da perspectiva de cidadãos alemães residentes em Lisboa.

A elaboração e o desenvolvimento da pesquisa estão marcados pela interdisciplinaridade consequente da diversidade conceptual e do interesse que o termo «identidade» desperta nos mais variados campos do conhecimento humano.

O trabalho encontra-se organizado da seguinte forma:

No capítulo 2 são apresentadas as escolhas metodológicas, os critérios para a selecção do grupo de estudo e sua caracterização. São ainda delineados os objectivos da investigação procurando apresentar a lógica condutora de todo o trabalho.

No capítulo 3 são apresentadas teorias explicativas da mobilidade de quadros qualificados com ênfase para o contexto português. Apresentamos aspectos da história da colónia alemã em Lisboa e da Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa.

No capítulo 4 são apresentados os dados obtidos nas entrevistas e analisados os resultados fazendo referência às questões teóricas consideradas no estudo. O capítulo está ilustrado por excertos das entrevistas por se considerar que são, eles próprios, exemplificativos das várias situações que se apresentam.

No capítulo 5 evidenciam-se os professores de entre o grupo de estudo. Através da especificidade deste grupo procura-se dar conta da elaboração e manutenção de processos emocionais nas situações relacionais. Ao observar a dimensão psicológica das relações sociais reconhecemos processos emocionais construídos e as suas implicações para a experiência social e individual dos sujeitos.

Este trabalho de investigação tem como base uma amostra pequena, não representativa, de cidadãos alemães residentes em Portugal, tendo desta forma um carácter exploratório. As generalizações são portanto relativizadas. Contudo, a investigação permite evidenciar o interesse que pode haver em estudar diferentes visões e representações de sujeitos com características culturais e sociais distintas, articulados numa competição identitária.

2 - METODOLOGIA E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE

2.1 Justificação

A escolha do tema e o desenvolvimento do problema de pesquisa ocorrem na sequência de uma investigação semelhante realizada no Brasil em 2002. Os cidadãos alemães e seus descendentes constituem cerca de 5,0 % da população brasileira e a sua presença no Brasil remonta a vários séculos.² Alemães são citados entre os tripulantes da caravela de Pedro Álvares Cabral por ocasião da chegada ao Brasil em 1500.³ Desde então as comunidades germânicas integram um dos grupos de comunidades de estrangeiros significativas para a história brasileira. Algumas definições aproximam-se nos dois contextos, brasileiro e português, como por exemplo o uso da expressão *colónia alemã*, empregada para referir o grupo social onde se preservam tradições culturais e a língua alemã. O termo *colónia*⁴ é usado com significado semelhante entre os alemães de Portugal e do Brasil. Mas, o que na compreensão portuguesa soa como colonialismo e referência de um período anterior à emancipação política, para os alemães serve como definição étnica e cultural. No caso do Brasil, indica uma noção saudosista de vida na *colónia*.

A razão da escolha do tema está também relacionada com uma exposição bibliográfica alemã sobre Portugal editada em catálogo pela livraria Buchholz em 1997, onde se oferece ao leitor português e alemão a “percepção da curiosidade que este canto mais ocidental da Europa suscitou no espaço cultural da língua alemã”. Nesta exposição denominada «O olhar alemão»⁵ (sobre Portugal), há referências a respeito da Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa citada como um marco da presença alemã em Portugal desde 1290. Esta Irmandade passou a constituir, na fase inicial, o objecto

² Dados IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística): www.ibge.gov.br/2008.pdf

³ O primeiro ‘alemão’ a chegar ao Brasil foi o astrónomo e cosmógrafo Meister Johann, exercendo a função de náutico de Pedro Álvares Cabral. Natural de Emmerich, actual Alemanha, por ocasião da descoberta, emitiu o ‘certificado de nascimento do Brasil’. Consta também que o cozinheiro de Pedro Álvares Cabral seria originário de uma região onde hoje se localiza a Alemanha: www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1158846_page_2,00.html

⁴ Em razão da compreensão diferenciada do termo no contexto português, optou-se por destacar a expressão em itálico, todas as vezes que for utilizada.

⁵ No original *Deutsche sehen Portugal* (O olhar alemão) s/p.

desta pesquisa. Com efeito, o projecto de preparação para esta dissertação foi elaborado tendo a Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa no centro da investigação. No entanto, foram surgindo restrições no acesso aos arquivos e a membros da organização que tornaram necessário redireccionar a pesquisa e seguir uma metodologia diferente, ainda que mantendo parte dos objectivos.

Não foram encontrados trabalhos de investigação em ciências sociais comparativos com o objecto de estudo. Partilhamos da dificuldade referida pela investigadora Bessa Gonçalves (2002: p.21) ao dedicar-se ao conhecimento da Comunidade Britânica no Porto. A autora refere falta de trabalho de investigação relativo ao tema das migrações de cidadãos estrangeiros denominados comunitários, provenientes de países ricos da UE e instalados em Portugal. Segundo a autora, a falta de bibliografia referente a estas comunidades ocorre pelo facto de a comunidade britânica, tal como a alemã ou a francesa, ser constituída por cidadãos oriundos de países mais desenvolvidos, e que por isso não se enquadram no estereótipo do imigrante pobre, com poucas qualificações e com problemas de adaptação.

2.2 Definição do problema

Um grupo humano pode ser observado por diferentes aspectos, e, na maior parte das comunidades, o que salta aos olhos de qualquer observador é o aspecto das relações que os sujeitos estabelecem entre si através de tradições próprias de cada grupo. As comunidades migrantes estão inseridas num conjunto de relações sociais a partir das quais se elabora uma imagem que passa a caracterizar este grupo no contexto da sociedade de destino. Os alemães em Portugal aparentam gozar de uma imagem simbólica positiva determinada por relações de poder.

A questão específica para o estudo aqui apresentado diz respeito à construção da identidade nesse contexto. Segundo Castells (1997: p.73) as pessoas tendem a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e uma identidade cultural. Essas organizações passam a oferecer um novo significado ao grupo. Os alemães estabelecidos em Portugal criaram organizações

próprias sendo a mais antiga a Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa fundada em 1290.

O problema para este estudo centra-se nas dinâmicas de expressão da identidade de sujeitos alemães interagindo em uma ou mais organizações no contexto português e o discurso que estes elaboram sobre si próprios, sobre a organização e sobre os portugueses como representantes da sociedade de destino. O problema está direccionado para duas linhas de observação: por um lado o papel das organizações na elaboração e na manutenção da identidade pessoal e social de sujeitos; e por outro lado, a questão das estratégias de identidade pessoal e social daqueles que se retiram do convívio em organizações alemãs no contexto português.

2.3 Hipótese

A hipótese aqui elaborada é a de que as 13 organizações, referidas no estudo de caso, constituem espaços de construção, orientação e reprodução de identidades e são formas de manutenção de redes sociais possibilitando a estruturação de estratégias identitárias.⁶ As organizações alemãs propiciam a composição de representações das dissemelhanças entre alemães e portugueses e neste sentido propõe-se a hipótese de que quanto maior a coesão de grupo, maior a influência sobre os seus membros, por meio de processos de influência social. A articulação desta hipótese levou a estudar os processos de integração de cidadãos alemães, ou descendentes, no contexto português. Interessou-nos investigar também a identidade de indivíduos que, sendo alemães ou descendentes, elaboram discursos de não pertença em relação às instituições. No decorrer da pesquisa procura-se compreender em que redes sociais estes sujeitos estão inseridos.

A reflexão a respeito do contacto com portugueses leva a que indivíduos alemães elaborem a sua auto-definição identitária. Alguns dos entrevistados afirmam já se ter

⁶ Entre as organizações ou grupos de actividades alemãs ou luso-alemãs aqui referidas, encontram-se: Clube Alemão em Lisboa; Paróquia Católica de Língua Alemã em Lisboa; Congregação da Igreja Evangélica Alemã em Lisboa; Escola Alemã de Lisboa e do Estoril; Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa; Lar para Idosos de São Bartolomeu dos Alemães no Estoril; Associação Alemã de Auxílio; Cemitério Alemão de Lisboa; Instituto Goethe de Lisboa; Embaixada da Alemanha em Lisboa; ABLA – Associação de Beneficência Luso-Alemã, CCILA – Câmara do Comércio e Indústria Luso-Alemã; Volkswagen/ Autoeuropa.

confrontado a si próprios com o tema da auto-identidade e das diferenças culturais entre portugueses e alemães. A entrada de um indivíduo num grupo social e num contexto diverso pode conduzir ao fortalecimento da auto-identidade: *Em Portugal eu experimentei algo que eu não sabia na Alemanha. Eu notei como eu sou alemã. Na Alemanha pensava que era tudo menos alemã, porque eu sou espontânea, sou popular, eu não sou pontual, sou uma pessoa realmente diferente de uma alemã normal. Quando cheguei aqui eu pensei: ah! Este é o meu país. E só com o tempo eu notei que não, não é bem assim!* [M14 p.6]

2.4 Objectivos

Para estudar as dinâmicas de expressão da identidade alemã e sua inserção na sociedade portuguesa, no âmbito das ciências sociais, rememoramos a afirmação de Santos Boaventura (1995: p. 22): “A ciência social é uma ciência subjectiva. É necessário usar métodos qualitativos com vista à obtenção de um conhecimento intersubjectivo, descritivo e compreensivo.” Neste sentido o interesse da pesquisa concentra-se menos nos resultados finais e mais na descrição dos processos interactivos dos sujeitos em estudo. Categorizamos o estudo no âmbito das migrações qualificadas e altamente qualificadas, que em Portugal, segundo Góis e Marques (2007:p.125) possuem boa aceitação social, sem conflitos ou atritos com as populações locais. Sendo que este tipo de imigrantes goza geralmente de invisibilidade social. No decorrer da pesquisa objectivamos testar esta afirmação em relação aos alemães enquanto agentes de actividades transnacionais legitimamente instalados em Portugal.

Os indicadores com os quais essa pesquisa se ocupa referem-se à actuação nas instituições alemãs ou luso-alemãs, aos vínculos afectivos que os sujeitos estabelecem no local, aos elos mantidos com a sociedade de origem, ao tempo de residência em Portugal, aos espaços profissionais ocupados pelos sujeitos, aos locais de convívio e de moradia, ao conhecimento da língua portuguesa, etc.

Assim, delimitamos dez objectivos que visam auxiliar na verificação da hipótese da investigação:

- * Analisar as dinâmicas de expressão da manutenção identitária de cidadãos alemães actuando em instituições na região de Lisboa.
- * Compreender o significado simbólico e o papel que exercem instituições, organizações e/ou empresas alemãs ou de cariz alemão.
- * Apresentar aspectos da Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa referindo épocas da sua visibilidade e /ou invisibilidade social.
- * Nomear diferenças socioculturais significativas entre alemães e portugueses no contexto lisboeta e o processo de construção de representações de elite.
- * Conhecer os processos de integração cultural através dos discursos dos sujeitos entrevistados; o que falam de si e do outro.
- * Estudar as representações identitárias de sujeitos alemães indirectamente envolvidos ou com algum conhecimento a respeito das instituições alemãs e o discurso que estes elaboram sobre si, sobre outros alemães e a respeito dos portugueses.
- * Mapear actividades transnacionais a partir das instituições de cariz alemão.
- * Contribuir para a produção de conhecimento que facilite a prática da integração cultural no âmbito do transnacionalismo.
- * Contribuir para a produção de conhecimento a respeito das migrações internacionais e das dinâmicas territoriais dos quadros qualificados e altamente qualificados.
- * Identificar os papéis sociais de género no contexto alemão e português a partir dos relatos de mulheres alemãs.

2.5 Objecto de estudo

Na definição do objecto de estudo prevaleceu o interesse pelas interacções de cidadãos alemães residentes em Portugal através de organizações de carácter alemão sediadas na região de Lisboa. Entre as organizações refere-se a Irmandade São Bartolomeu dos Alemães, presente em Portugal desde o século XIII. O estudo da interacção social constitui uma área de investigação actual no âmbito das ciências sociais. Os múltiplos

encontros de indivíduos resultam numa estruturação que a partir de Simmel foi chamada de interacção; a sociedade, em sentido amplo, existe quando vários indivíduos entram em interacção, formando instituições através das quais a vida se organiza quotidianamente.⁷ A elaboração do conceito de interacção social descreve a maneira como os indivíduos reagem face a situações na vida quotidiana, também no contexto das organizações. Através dos séculos, organizações alemãs orientaram a sua presença e história na sociedade portuguesa criando interacções próprias. Ao longo do tempo, cada instituição elaborou representações de conteúdo cultural identitário.

O contexto da investigação refere-se ao estudo das migrações internacionais, dos processos de globalização e do transnacionalismo enquanto fenómeno impulsionador de comunidades transnacionais. O constante crescimento do número de pessoas que vivem fora do país de origem, actualmente rondando os 160 milhões de pessoas, resulta no encontro de culturas, projectos de vida e mentalidades.⁸ O contexto específico da pesquisa é a mobilidade de quadros qualificados e altamente qualificados, os alemães como um dos grupos no quadro de comunidades de estrangeiros residentes em Portugal.

O objecto de estudo abrange a identidade de cidadãos alemães em contexto português e em organizações de cariz alemão. Sendo um foco de observação o processo de construção das representações das diferenças entre alemães e portugueses, a pesquisa visa perceber os processos de formação de identidade nas organizações alemãs e a interacção no contexto português. Conforme Tajfel (1981:p.53), ocupamo-nos do estudo do comportamento colectivo e dos efeitos directos da localização dos indivíduos em vários lugares do sistema social sobre uma grande variedade de relações face-a-face. A fundamentação teórica é interdisciplinar, desde a Psicologia Social, a Antropologia, a Sociologia das Migrações e a Geografia, além da abordagem histórica que permite um panorama geral dos factores que originaram as inter-relações das duas comunidades.

⁷ Segundo Claude Javeau: *Lições de Sociologia*, 1998, p. 147

⁸ Segundo dados da ONU, o número de pessoas que actualmente vivem fora do seu país de origem é de 160 milhões. www.bbc.co.uk/migrantes

2.6 Considerações metodológicas

A metodologia de investigação foi sendo construída à medida que se agregavam conhecimentos e contactos. Uma combinação de métodos foi a opção adequada aos objectivos que se pretende alcançar. Os métodos utilizados visam, conforme afirma Firmino da Costa (1986:p.142), auxiliar na busca pelos significados, motivos, aspirações, valores e atitudes dos sujeitos em relação ao grupo no qual estão inseridos e ao grupo social do país de destino. Para a recolha de dados, concebeu-se como técnica principal a entrevista e na análise de conteúdo procurou-se, conforme Laurence Bardin (1986: p.44), reconhecer o que está por trás das palavras sobre as quais nos debruçamos.

A entrevista como modalidade do método de pesquisa qualitativa permite conhecer o universo conceptual do sujeito entrevistado e fazer isso com relativa proximidade e interactividade. Segundo Rocha – Trindade (1995: p.118), a entrevista exploratória é, no âmbito da metodologia qualitativa uma técnica que exige atenção especial por parte do entrevistador, com o objectivo de fornecer ideias e pistas de reflexão e de abordagem sobre o estudo que se pretende realizar. A vantagem deste tipo de técnica é a possibilidade de aprofundamento da informação qualitativa possível numa entrevista semidirectiva. A entrevista é um processo de interacção social entre duas pessoas, em que uma procura obter informações sobre a outra, daí a necessidade de observar que as motivações pessoais do entrevistador não influenciem as reacções do entrevistado. Judith Bell (1997: p.137) alerta para esse cuidado especial na elaboração do guião da entrevista.⁹ Ao optar por esta modalidade de recolha de informações, o resultado é um discurso de um sujeito sobre a observação que este faz a respeito do seu próprio comportamento e da sua realidade, é o procedimento que permite perceber o ponto de vista dos actores sociais sujeitos da pesquisa. Uma das vantagens da entrevista é a possibilidade de aprofundar temas, determinar razões, motivos e atitudes. No entanto, o discurso que resulta da entrevista não tem necessariamente de coincidir com o que o entrevistado realmente pensa, ou como age no dia a dia. Há, na maioria das vezes, descoincidência entre a prática e o discurso. Pode haver, inclusive, uma contradição entre o que é dito e o que é feito. Ainda assim, segundo Firmino da Costa (1986: p. 137-142), a entrevista permite receber em primeira-mão o discurso sobre como os sujeitos

⁹ Um modelo do guião de entrevista encontra-se em anexo nº 2.

acham que a vida social deveria ser, sobre como esperam que ela seja e sobre como a vêem efectivamente ser. As entrevistas permitiram aos entrevistados reflectir sobre questões que nunca, ou pouco, haviam pensado, dito e estruturado, uma forma de discorrer sobre as temáticas propostas e sobre si próprios. Desta forma manteve-se, quando necessário, uma postura provocativa através da qual se propunha ao entrevistado a análise pessoal dos temas da pesquisa, deixando-lhe tempo e espaço para reflectir sobre as questões do guião de entrevista.

Com consentimento prévio dos entrevistados, as entrevistas foram gravadas. O idioma utilizado foi acordado entre entrevistadora e entrevistados deixando sempre a estes a escolha. Num total de 43 entrevistas, em 32, o idioma utilizado foi o alemão e nas restantes 11, o português.

Posteriormente, cada entrevista foi ouvida, transcrita e traduzida quando necessário.¹⁰ As gravações foram conservadas para a necessidade de informação paralinguística. Nos casos em que as entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados, houve em três situações a presença de uma terceira pessoa. Em dois casos: filha e esposa; numa outra situação tratava-se de um auxiliar de geriatria que acompanhava a senhora entrevistada e que por sua vez também já havia sido entrevistado. Estas pessoas actuaram paralelamente durante a entrevista interagindo com o entrevistado e interferindo algumas vezes.

O estudo de caso é, segundo Bogdan e Biklen (1994), uma abordagem metodológica de investigação adequada para conhecer em profundidade uma situação em estudo, utilizando para isso uma variedade de instrumentos e estratégias de recolha de dados. Trata-se de uma metodologia de investigação que incide sobre uma situação específica e que, no caso desta investigação, segue uma perspectiva interpretativa, ou seja, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes.

O estudo de caso é um método de investigação relevante e, no que diz respeito à validade, conclui-se, na pesquisa em questão, que a generalização dos resultados não faz sentido devido à especificidade do estudo. Segundo Bogdan e Biklen (1994: p. 47-62), os investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva e as abstracções são construídas à medida que os dados particulares vão se agrupando – “ São as

¹⁰ Três dos entrevistados solicitaram posteriormente uma cópia da gravação para arquivo pessoal, o que foi feito.

realidades múltiplas e não uma realidade única que interessam ao investigador qualitativo”.

2.7 Fases da pesquisa

A investigação obedeceu à organização de diferentes fases de recolha de material e registo de dados:

- Pesquisa bibliográfica: as literaturas consultadas em bibliotecas presenciais e virtuais são suporte teórico e contextualizador da pesquisa. Também foram utilizados dicionários temáticos de sociologia, além dos textos de autores da Psicologia Social para a compreensão dos conceitos de identidade, representação e estratégias identitárias.
- Pesquisa documental: como suporte da informação obtida através das entrevistas e das demais técnicas de investigação, a pesquisa documental foi realizada em organizações alemãs: na Associação de Beneficência Luso-Alemã com sede na Parede/ Cascais, nas Paróquias Evangélica Alemã e Católica Alemã de Lisboa, no Clube Alemão em Lisboa, no Instituto Goethe em Lisboa, na Irmandade e Lar para Idosos de São Bartolomeu dos Alemães no Estoril, na Escola Alemã de Lisboa e arquivos ou registos de bibliotecas particulares.
- Pesquisa estatística: Foram consultados dados estatísticos divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística e Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Ainda que estes dados sejam escassos e imprecisos servem para caracterizar tanto quanto possível o universo do grupo em estudo.
- Pesquisa etnográfica / observação directa: para alcançar um grau maior de aproximação das representações criadas, foi significativa a alternativa de trabalho etnográfico. Uma entrevista não mostra a representação real e daí a importância do trabalho etnográfico que permite observar a prática, pois não basta apenas reter um conhecimento exterior dos hábitos ou das actividades do grupo em estudo. A observação participante permite ao observador científico captar dados, símbolos e particularidades que não o seriam numa observação apenas bibliográfica ou em forma

de entrevista. A observação é uma actividade natural, mas simultaneamente fácil e difícil quando utilizada para fins de investigação. O ser humano tende a ver o que deseja ver, daí o cuidado com enviesamentos e ideias pré-concebidas. A observação é necessariamente subjectiva e torna-se eficaz à medida que mantém critérios bem definidos. Segundo Bell (1997: p.137), o investigador, na tentativa de perceber a realidade, interpreta-a a partir de diferentes perspectivas e da sua própria realidade. Portanto, cabe ao investigador manter a percepção do perigo da parcialidade, tratando-se, segundo a autora de uma técnica altamente subjectiva. Todo o investigador está inserido num meio social concreto a partir do qual elabora pressupostos e orienta consciente ou inconscientemente a interpretação de dados.

Na pesquisa etnográfica, ou seja, no trabalho de terreno, acontece uma aproximação aos processos culturais e sociais que elaboram as identidades e também os sistemas simbólicos. Nesta perspectiva, no transcorrer dos meses em que foram sendo realizadas as demais técnicas, houve observação etnográfica participante e não participante, sendo as várias situações citadas em seguida. Destas observações e participação em diversas actividades resultou, entre outros aspectos, a possibilidade de encontrar mais de uma vez alguns dos sujeitos entrevistados, ou seja, foi possível acompanhá-los em actividades sociais além do contacto da entrevista.

Quadro 1. Acções desenvolvidas no terreno

Data	Acção desenvolvida
04 Maio 2008	Participação em Assembleia anual da Paróquia Evangélica Alemã em Lisboa.
27 Maio 2008	Visita guiada ao Cemitério Alemão em Campo de Ourique/ Lisboa
25 Setembro 2008	Visita ao bairro Buraca onde uma cidadã alemã da Paróquia Católica Alemã realiza actividades sociais com crianças no Centro Paroquial São Geraldo, para o qual são enviados donativos financeiros por parte de membros da Paróquia Católica Alemã.
14 Outubro 2008	Diálogo com Presidente da Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães no Estoril.
17 Outubro 2008	Diálogo com Presidente da Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães no Estoril.

17 Outubro 2008	Visita e observação de actividades realizadas por uma alemã da Paróquia Evangélica Alemã ao Centro Paroquial São Vicente de Paula / bairro Serafina, onde esta realiza a entrega de refeição semanal a idosos. O Centro Paroquial recebe donativos financeiros por parte da Paróquia Evangélica Alemã.
17 Outubro 2008	Diálogo com jovem alemão que realiza um ano de Serviço Militar Alternativo no Centro Social São Vicente de Paula, hospedado em casa de um dos entrevistados.
22 Outubro 2008	Almoço e diálogo com a responsável pela Fundação Marion Ehrhard em Sintra.
23 Novembro 2008 e 15 Novembro 2009	Cerimónia oficial no Cemitério Alemão realizada pela Embaixada Alemã em Lisboa, com a presença do Embaixador, o Adido Militar e de outras representações militares alemãs do Exército, Marinha e Força Aérea. Cerimónia presidida pelo embaixador alemão, com participação dos líderes espirituais das Paróquias Católica e Evangélica Alemã de Lisboa e encerrada com culto ecuménico na sede da Igreja Católica Alemã de Lisboa.
30 Novembro 2008 e 29 Novembro 2009	Participação em Bazar de Advento e Natal organizado pelas Paróquias Evangélica Alemã e Católica Alemã nas instalações da Escola Salesiana de Lisboa.
29 Maio 2009	Visita guiada à Associação de Beneficência Luso-Alemã ABLA. Diálogo com a directora da instituição.
11 Setembro 2009	Café com idosos no Lar para Idosos de São Bartolomeu dos Alemães no Estoril; visita guiada às instalações do Lar de São Bartolomeu dos Alemães no Estoril.
21 Setembro 2009	Visita guiada às instalações da Autoeuropa Lisboa.
24 a 27 Setembro 2009	4 Noites de Festa da Cerveja Alemã em Lisboa / Campo dos Mártires da Pátria.
07 Outubro 2009	Participação em Concerto de Beneficência com a Banda da Força Aérea Alemã de Munster / Westfalen nas instalações da Escola Alemã de Lisboa.
26 Novembro 2009 e 14 Dezembro 2009	Participação em Ciclo de Conferências na Universidade Nova de Lisboa: “No meio da Europa a Alemanha Contemporânea,” “Aspectos da Cultura Alemã no Plano Internacional” e “A Língua alemã na Europa de Hoje.”
Participação em actividades culturais oferecidas pelo Instituto Goethe de Lisboa durante os anos de 2008 e 2009, incluindo concertos, exposições, conferências, <i>workshop</i> e consultas à biblioteca.	
Visita ao interior de 9 residências de alemães entrevistados, incluindo a Vila Geralda no Monte Estoril,	

antiga residência de veraneio do Rei de Espanha.
(2008 e 2009) Participação em cultos na Paróquia Evangélica Alemã de Lisboa, algumas vezes seguidos de café com bolo ou almoço comunitário e entrevistas com membros
(2008 e 2009) Participação em missas da Paróquia Católica Alemã de Lisboa, algumas vezes seguidas de entrevistas previamente marcadas, além de café ou almoço comunitário.
As entrevistas foram realizadas entre Maio de 2009 e Dezembro de 2009.

Fonte: diário de terreno da autora

- Entrevista: foram realizadas 43 entrevistas semi-estruturadas. A partir de um conjunto de questões foi elaborado um guião que serviu de apoio para manter uma sequência e permanecer nos objectivos da pesquisa. Quatro contactos privilegiados com cidadãos alemães contribuíram para a elaboração do guião de entrevista. Tratou-se de conversas informais não gravadas que contribuíram directamente para a definição das questões norteadoras do guião, sendo que cada uma destas pessoas participa activamente em alguma organização alemã em contexto português. Estes contactos privilegiados foram: o Presidente da Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa (no cargo até o ano de 2008), que vive há 27 anos em Lisboa e Cascais; o líder religioso da Paróquia Evangélica Alemã em Lisboa há 6 anos em Lisboa; o secretário da Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães que na ocasião do encontro se dedicava à elaboração de uma obra a respeito da história da Irmandade e que vive há 12 anos em Lisboa; a directora da Fundação Marion Ehrhard, que vive há 22 anos em Sintra e é autora de obras referente à Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa. A partir daí definiram-se as temáticas do guião e os critérios para a selecção dos contactos.

Quadro 2. Zona de residência dos entrevistados

Lisboa	25
Cascais	17
Torres Vedras	1
Total	43

Fonte: diário de terreno da autora

Quadro 3. Locais de realização das entrevistas

Gabinete do Instituto Goethe em Lisboa	01
Escritório do Lar para Idosos de São Bartolomeu no Estoril	01
Café no Hotel Sheraton em Lisboa	01
Café na Embaixada da Alemanha em Lisboa	01
Escritório Bancário / Lisboa	01
Instalação Comercial em Lisboa	01
Jardim da Estrela em Lisboa	01
Café na Escola Alemã de Lisboa	02
Escritório da Autoeuropa em Palmela/Lisboa	02
Gabinetes da Univ. Nova em Lisboa e do Instituto Superior Técnico	03
Sede da Instituição ABLA na Parede	03
Secretaria das Paróquias Católica e Evangélica Alemã de Lisboa	03
Café da Faculdade de Letras, da U NL e da Faculdade de Psicologia de Lisboa	06
Residências em Lisboa, no Estoril, na Parede e em Cascais	08
Café e restaurante em Cascais, no Estoril e em Alfragide	09

Fonte: diário de terreno da autora

O contacto com os potenciais entrevistados foi estabelecido através de uma carta de auto-apresentação enviada via correio electrónico, quando possível. Na impossibilidade de comunicação virtual, foi feito contacto via telefone.

O objectivo da pesquisa foi apresentado resumidamente no momento inicial da entrevista. O facto de a entrevistadora viver também a experiência de estrangeira em Portugal foi referido por alguns sujeitos entrevistados. Muitos deles, no final da entrevista, solicitaram que a entrevistadora descrevesse a sua própria experiência enquanto cidadã estrangeira em Portugal. No entanto, mantivemos sempre a consciência da afirmação de Burgess (1997: p.116), de que os investigadores que conduzem

entrevistas no terreno devem ponderar em que medida é que as suas características pessoais irão influenciar a prática da entrevista.

2.8 Caracterização da população-alvo

O trabalho que aqui se apresenta resulta de um estudo a respeito das interações de indivíduos alemães em organizações no contexto português, com especial enfoque na região de Lisboa. Foram realizadas entrevistas a indivíduos de nacionalidade alemã, com dupla nacionalidade alemã e portuguesa ou de nacionalidade portuguesa com descendência alemã em segunda e terceira geração residentes na área da Grande Lisboa. A área geográfica foi delimitada tendo em conta a referência estatística da presença proporcionalmente elevada de indivíduos alemães no distrito de Lisboa em relação ao restante do país.

A recolha de dados quantitativos a respeito dos alemães como uma das comunidades de estrangeiros residentes em Portugal não constitui tarefa fácil dada a escassez de informações estatísticas. O recurso a fontes como os recenseamentos da população e as estatísticas demográficas publicadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) apresentam limitações resultantes da condição de livre circulação de cidadãos de Estados membros da União Europeia (UE).

O estudo refere-se aos alemães enquanto um grupo numericamente minoritário em Portugal, em relação a outros grupos de comunidades estrangeiras residentes no país. Rocha-Trindade (1993:p.425) afirma que “O termo minoria não pode ser definido apenas como o antónimo de maioria.” A autora define minoria como o “conjunto de indivíduos que apresenta as características, a composição e a estrutura de uma comunidade (designadamente, possuindo um sentimento de pertença comum baseado numa herança cultural própria) com dimensão obviamente menor do que a sociedade (maioritária) em que se insere”.

Segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, a população provisória de estrangeiros em Portugal em 2008 era de 440277 pessoas e destas 53892 são cidadãos da União Europeia e entre os quais 8187 são cidadãos alemães. Em Lisboa residiam no

ano de 2008, 1522 cidadãos alemães, ou seja cerca de 20% do total de residentes em Portugal. Estes dados em relação aos alemães permanecem parciais, uma vez que a mobilidade de cidadãos da União Europeia é livre e o registo nos consulados facultativo.

A União Europeia permite a livre circulação tanto para passeio como para trabalho; a Embaixada só é notificada no caso de haver algum problema. Sabemos que há na região de Lisboa muitos alemães trabalhando em firmas tradicionais alemãs: Autoeuropa, Volkswagen, Merck, Indústria Farmacêutica, Siemens, onde em regra o grupo director é alemão. Há uma grande população no Algarve, que no entanto é na maior parte reformada. Há também um grupo que veio para Portugal antes, durante ou depois da guerra e aqui ficou até hoje, já estando na segunda ou terceira geração. E ainda há um grupo menor de alemães residentes no norte de Portugal actuando em indústrias têxteis, química, artefactos. Assim, os alemães estão em todo país com diferentes ênfases. Mas não há como atestar numericamente quantos são os alemães nestas diferentes áreas de presença em Portugal pelo facto de que não há obrigatoriedade de registo. Há possibilidade de todo o cidadão alemão se registar para solicitar informação, para solicitar um novo passaporte, registar o nascimento de crianças ou um falecimento. E quem não faz isso não entra nas estatísticas. [H16 p.3].

Com uma presença antiga e regular em Portugal,¹¹ dados recentes do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) atestam um considerável decréscimo do número de cidadãos alemães em Portugal e no distrito de Lisboa entre os anos de 2007 e 2008, informação que mereceria um estudo e uma análise mais pormenorizados visando perceber as motivações desta alteração. Mencionamos duas das causas possíveis apontadas pela revista periódica *Impakt*, da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã: uma das causas resulta do abrandamento verificado nos últimos anos, da procura de Portugal para destino de investimento das empresas alemãs em consequência de que, de forma generalizada, o investimento alemão no estrangeiro esteja a abrandar – “Desde 2004 que os industriais alemães não criam novas empresas em Portugal, de acordo com um inquérito realizado no final de 2006 pela Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã”.¹² Outro facto apontado como causa da quebra da presença

¹¹ “Já no século XIV existia, estabelecida na cidade de Lisboa, uma colónia alemã relativamente numerosa”. In: Oliveira Marques, *Hansa e Portugal na Idade Média*. 1959, p. 100

¹² „Deutsche Investitionen, ein Eckpfeiler der Portugiesischen Wirtschaft“. *Revista Impakt* , AHK Deutsch-Portugiesische Industrie- und Handelskammer , 2009: p.17

alemã em Portugal é a alteração demográfica da estrutura populacional a que se assistiu na Alemanha nos últimos anos – “A população alemã envelhece e diminui há já muitos anos, na sequência da diminuição dramática das taxas de nascimento desde 1970”.¹³ Um dos entrevistados define a redução da presença de alemães em Portugal desta forma: *De maneira geral tem diminuído o número alemães em Portugal em razão de que muitas firmas não enviam mais funcionários ao exterior ou porque Portugal tem internamente assumido esses espaços de trabalho. Também se destaca que a crise económica é percebida com mais força em Portugal que na Alemanha.* [H12 p.2]¹⁴

Quadro 4. Alemães residentes em Portugal 1990 – 2008

Ano	Total Estrangeiros	Alemães	% do total
1990	107.767	4.894	4,54
1991	113.978	5.137	4,50
1992	123.612	5.411	4,37
1993	136.932	6.150	4,49
1994	157.073	6.773	4,31
1995	168.316	7.426	4,41
1996	172.912	7.887	4,56
1997	175.283	8.343	4,75
1998	178.137	8.810	4,94
1999	191.143	9.605	5,02
2000	207.587	10.385	5,00
2001	223.927	11.167	4,98
2002	238.929	11.878	4,97

¹³ „Destination Portugal image und Angebot des Portugiesischen Tourismus“ . *Revista Impakt*, AHK Deutsch-Portugiesische Industrie – und Handelskammer, 2010: p. 15

¹⁴ No transcorrer do trabalho as referências grafadas em itálico reportam-se, salvo indicação em contrário, a citações retiradas das entrevistas, mencionadas como H (homens) e M (mulheres).

2003	249.995	12.539	5,01
2004	263.322	13.097	4,97
2005	274.631	13.622	4,96
2006	332.137	13.870	4,17
2007	401.612	15.498	3,85
2008	436.020	8.187	1,87

Fonte: Anuário Estatístico de Portugal edição 2009, (INE 2010)

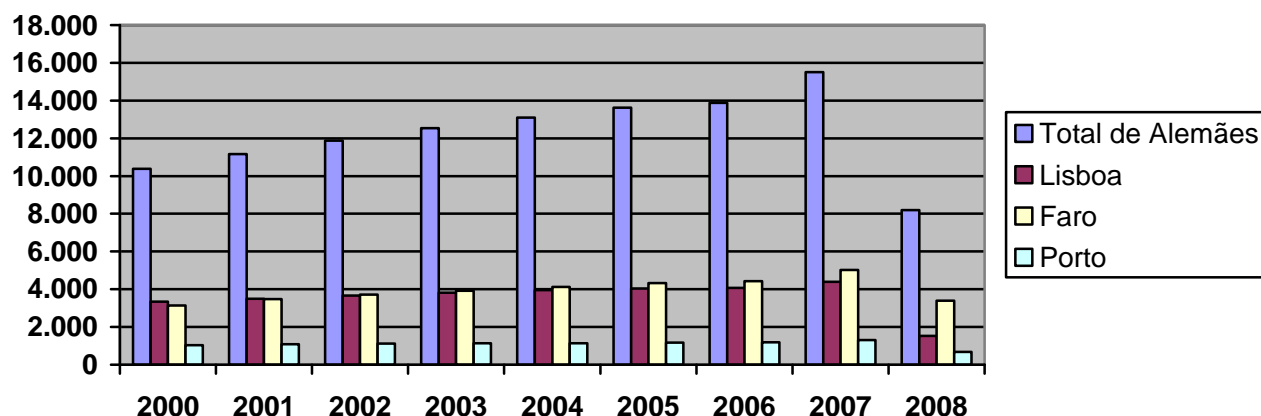
Tradicionalmente, os alemães concentraram-se em maior número nos distritos de Lisboa e Faro e com menor representação no distrito do Porto. Dessa repartição geográfica nos dão também conta os dados relativos ao período entre 2000 e 2008 (quadro 5). Em conjunto, Lisboa e Faro detêm sempre mais de 60% da população alemã residente em Portugal, cabendo a cada um dos distritos cerca de 30% do total. Contudo, no último ano para que dispomos de dados, 2008, em que o número de residentes alemães sofreu uma redução para quase metade do registado no ano anterior, o distrito de Faro reforçou a sua importância relativa (cerca de 42% do total) e Lisboa concentrava menos de 20% do total. Sendo que os alemães residentes no distrito de Faro caracterizam-se, em sua maioria, por cidadãos reformados que preferem as zonas costeiras como local para fixar residência temporária ou definitiva, enquanto na região de Lisboa estão concentrados os profissionais em diversas áreas de actividade e com maior mobilidade de acordo com ofertas de transferência e mobilidade das empresas. O grupo de alemães residente no Porto manteve, na última década, um peso relativo em torno de 8 a 10%.

Quadro 5. Alemães residentes nos distritos de Lisboa, Faro e Porto 2000 – 2008

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Lisboa	3348	3500	3660	3817	3951	4044	4066	4393	1522
Faro	3140	3474	3719	3927	4124	4323	4423	5029	3392
Porto	1030	1079	1113	1139	1143	1178	1187	1313	680

Fonte: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras; Censos, INE

Gráfico 1. Alemães residentes em Portugal e nos distritos de Lisboa, Faro e Porto



Fonte: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

2.9 O Grupo de Estudo

Num estudo de caso, a escolha do grupo adquire um sentido muito particular. A selecção é fundamental, pois constitui o cerne da investigação e estabelece um fio condutor que guiará todo o processo de recolha de dados. Procurou-se, como afirma Bertraux (1987:p.124), garantir a ‘diversificação’ e a ‘extensividade’ dos casos exemplares e das problemáticas constantes no guião. A expectativa inicial foi a de encontrar um grupo possuidor de uma capacidade de reflexão, o qual se deixasse motivar pelo tema da investigação.

A constituição do grupo perspectiva compreender o ‘caso’ em si. O critério da actuação em alguma organização foi necessário para a diversificação dos resultados, além do critério da delimitação da área geográfica da Grande Lisboa. No entanto, o estudo não conta com a representação de todas as organizações alemãs presentes em Lisboa, há certamente organizações não referidas. Em todos os casos, é primordial – *olhar e definir de que grupo está a falar porque há aí fortes diferenças. Há também alemães que não estão organizados aqui porque não vivem na área de Lisboa onde estão as instituições alemãs. Há aqueles que vieram para Portugal por quaisquer outros motivos e que não querem de forma alguma contacto com outros alemães.* [H10 p.3]

Para a confrontação da hipótese, foi também perspectivado o critério de contacto com indivíduos sem participação em organizações ou que delas se tenham afastado, no entanto esses são a menor representação do estudo. Trata-se de indivíduos de ambos os sexos com idade superior a 18 anos. A definição de género não é, a priori, critério delimitador da pesquisa. Ainda assim, houve um equilíbrio razoável na proporção de homens e mulheres: num total de 43 pessoas, 18 homens e 25 mulheres. Pela faixa etária o grupo está assim distribuído:

Quadro 6. Faixa etária do grupo de estudo

Idade (anos)	Nº
18-24	1
25-34	2
35/44	7
45/54	18
55/64	6
65/74	4
75/84	4
85/94	1
Total	43

Fonte: Diário de terreno da autora

Quanto à nacionalidade o grupo está representado por 29 cidadãos de nacionalidade alemã e uma cidadã austríaca.

Quadro 7. Distribuição do grupo quanto à nacionalidade

Alemã	28
Austríaca ¹⁵	1
Dupla nacionalidade alemã e portuguesa (nascidos em Portugal ou que receberam a nacionalidade alemã ou portuguesa através do casamento)	11
Portuguesa (segunda geração)	3

Fonte: Entrevistas realizadas entre 2009 e 2010

Não houve definição prévia quanto ao número total de entrevistas a realizar, havendo ainda um amplo leque de indivíduos que poderiam ser contactados. A cessação em 43 entrevistas resultou da compreensão da capacidade de análise de conteúdo, havendo informações suficientes para medir variáveis e quando se percebeu uma razoável saturação dos temas propostos. Os entrevistadores são informadores qualificados, altamente qualificados ou informadores privilegiados.

Os entrevistados estão distribuídos em 4 grupos, a partir da observação da área socioprofissional onde actuam:

* Escola Alemã de Lisboa; do Instituto Goethe de Lisboa; Universidade Nova de Lisboa; Faculdade de Letras de Lisboa; do Instituto Superior Técnico de Lisboa; Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Lisboa; Estudantes Erasmus da Universidade Nova de Lisboa.

* Empresas alemãs transnacionais ou empresas privadas (loja comercial, empreendimento imobiliário, escritório de publicidade, fábrica de velas).

¹⁵ A inclusão desta cidadã de nacionalidade austríaca justifica-se em razão de sua interacção em contexto português se dar no grupo de cidadãos alemães. A sua vinda para Lisboa deu-se através de contrato com a Escola Alemã no Estoril, os filhos estudaram na Escola Alemã. A entrevistada esteve hospedada no Lar para Idosos de São Bartolomeu dos Alemães no Estoril, realiza visitas e/ou participa de cafés semanais no Lar do Estoril e é acompanhada por um auxiliar geriátrico de nacionalidade alemã.

* Embaixada da Alemanha em Lisboa e da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã.

* Organização Social ABLA; da Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa; Clube Alemão de Lisboa; Associação Alemã de Auxílio; Paróquias Evangélica Alemã e Católica Alemã.

A Qualificação académica ajuda a caracterizar a actuação dos sujeitos nas diferentes organizações. O quadro refere a diversificação nas áreas científicas ou cursos de formação.

Quadro 8. Diversificação da qualificação académica ¹⁶

Ciências Sociais e Humanas	6 H 9 M
Ciências Exactas	7 H e 3 M
Línguas	3 H e 10 M
Direito, Jornalismo, Fotografia	1 H e 2 M

Fonte: Entrevistas realizadas entre 2009 e 2010

Eu suma, o grupo de estudo é formado por 43 sujeitos, cidadãos alemães ou descendentes, residentes em Lisboa ou arredores e com disponibilidade para expor a originalidade de sua experiência individual e de grupo. Segundo Velho (2004:p.13) “coloca-se como problema a relação entre projectos individuais e os círculos sociais em que o agente se inclui ou participa. Reconhece-se não haver um projecto individual ‘puro’ sem referência ao outro ou ao social”.

O que procuramos fazer nos próximos capítulos é privilegiar a experiência dos sujeitos para compreender a identidade que, sendo construída, resulta de uma combinação de factores tanto socioculturais, como históricos e psicológicos.

¹⁶ Dois dos entrevistados permanecem fora desta classificação por não possuírem formação académica universitária: H8 concluiu estudos até aos 18 anos na Alemanha, iniciando em Portugal uma empresa de importação de máquinas gráficas; M3 concluiu estudos na Escola Alemã de Lisboa.

3 – ALEMÃES NA MOBILIDADE DE QUADROS QUALIFICADOS

3.1 Migrações e mobilidade de quadros qualificados

A mobilidade humana é actualmente um tema que desperta interesse de várias disciplinas das ciências sociais e humanas. Este interesse teve início no final do século XIX quando se tornou indispensável a colaboração internacional e as migrações passaram a ser interpretadas de forma global pela necessidade de controlo dos contingentes de trabalhadores, essenciais aos processos de globalização. As migrações deste século assumiram em definitivo um carácter global, pois é nesta época que os fluxos migratórios se tornam mais volumosos, mais rápidos e complexos. No plano político e económico a problemática das migrações ganhou importância tal qual a atribuída a outros desafios mundiais. E é no século XXI que o assunto ganha destaque. Hoje, estudiosos como Stephen Castles (2002: p.44) concluem que “as migrações internacionais são uma das principais forças de transformação social em todas as regiões do mundo.” Gradativamente o estudo das migrações tem vindo a se afirmar como um campo de investigação autónomo no âmbito da sociologia com a formulação de teorias explicativas das migrações. Peixoto (2004: p.3), afirma que a migração é um assunto demográfico, económico e político, que envolve a psicologia social, constituindo também um problema sociológico.

Estudos convergem no que diz respeito às causas da mobilidade e à desmistificação do sedentarismo como condição natural do ser humano. Para Castles (2002), as migrações internacionais actuais caracterizam o fenómeno da globalização, no entanto, as pessoas migraram desde sempre por várias razões. A contribuição dada por Jackson (1991) é complementar ao desenvolver o princípio de que o ser humano sempre esteve associado ao movimento, explicando ainda que as sociedades humanas não são estáticas. O autor questiona o pressuposto que tem prevalecido no estudo das migrações: o ‘mito da sociedade estática’. Esta lógica de pensamento perpetua a suposição de que a condição natural do ser humano é o sedentarismo – “A sociedade de fixação não existe nem nunca terá existido, tratando-se apenas de um conceito errado, que simplesmente teve como consequência infeliz a adopção da representação do migrante como um estranho

ou uma pessoa marginal.” (Jackson: 1991: p.4) Com esta perspectiva, o autor classifica a mobilidade e as migrações como tema central e não marginal no estudo das ciências sociais. As migrações resultam da condição natural de mobilidade humana e da capacidade de integração.

A disciplina que tem dado maior atenção ao tema é provavelmente a Geografia. Segundo Peixoto (2004: p.4), o autor clássico deste tema é Ravenstein, geógrafo e cartógrafo inglês, que publicou em 1885 e 1889 dois textos sobre as ‘leis das migrações’. Ravenstein reconheceu o motivo económico como a principal causa desencadeadora dos fluxos migratórios e concluiu que existem factores repulsivos e atractivos a actuar neste fenómeno – “O modelo de Ravenstein, sob forma modificada, constitui ainda hoje a contribuição teórica mais significativa dentro das teorias baseadas no modelo de atracção – repulsão. Assume um conjunto de factores associados à área de origem e um outro conjunto de factores associados à área de destino, a que se vão juntar as variáveis intervenientes que afectam, num dado momento, o equilíbrio desses interesses.” (Jackson: 1991: p. 21)

Estudos sobre as migrações internacionais concentram-se habitualmente na mobilidade de massas formada desde os anos 60, sobretudo pelos fluxos de profissionais não qualificados. O interesse pela mobilidade dos quadros qualificados toma lugar em época posterior, quando o fenómeno já se tinha consolidado. Inicialmente a atenção foi dada à deslocação dos ‘cérebros’, *brain drain*, dos países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos.

Portugal recebe profissionais altamente qualificados principalmente da União Europeia, sendo o grupo de estudo desta investigação caracterizado nesta modalidade de quadros qualificados e altamente qualificados. Segundo dados recolhidos, países como Reino Unido, Espanha e Alemanha são os países da União Europeia com maior representação populacional em Portugal. Constitui uma migração transnacional periódica e estes cidadãos estrangeiros pertencentes a países membros têm os mesmos direitos empresariais, económicos, laborais e sociais que os nacionais. Esta imigração está ligada ao desenvolvimento de investimentos estrangeiros, à implantação de empresas multinacionais e a fluxos de reformados. Os trabalhadores europeus concentram-se nas profissões científicas, e nos empregos de serviços e muitos são trabalhadores independentes. Segundo Falcão (2002: p.4), prevê-se que continuem a estabelecer-se em

Portugal muitos profissionais altamente qualificados, provenientes de países da União Europeia.

A mobilidade sobre a qual este trabalho se debruça refere-se ao âmbito de cidadãos comunitários, estrangeiros e não imigrantes. Como afirma Rocha-Trindade (1995: p. 43), o estatuto socioeconómico relativamente alto deste tipo de residentes estrangeiros leva-os a procurar não serem integrados numa categoria ampla de imigrantes de motivação económica. Segundo Góis e Marques (2007), após a integração de Portugal na União Europeia, os cidadãos comunitários aqui residentes deixaram de ser considerados imigrantes e constituem o segundo maior fluxo de estrangeiros para Portugal, sendo em média mão-de-obra qualificada ou altamente qualificada e reformados. Alemães são cidadãos oriundos de um país mais desenvolvido, que desde cedo se estabeleceram em Portugal motivados por questões pessoais, climáticas ou profissionais. Como já citado anteriormente, em boa parte são despertados pela curiosidade pelo país mais ocidental da Europa. Em Portugal o número de estrangeiros legalizados é de um crescimento contínuo desde 1980; representam actualmente cerca de 5% da população residente. Numa das entrevistas elabora-se uma definição do termo estrangeiro a partir da concepção económica: *O estrangeiro é considerado aquele que trás dinheiro para Portugal. O Algarve é por exemplo, muito mais estrangeiro do que português.* [M3 p.4]

3.2 Transnacionalismo e transmigrantes

O aumento da mobilidade, o crescimento das migrações temporárias, cíclicas e recorrentes, as viagens baratas e simples, a constante comunicação proporcionada pelas novas tecnologias de informação são factores que propiciam a formação de comunidades transnacionais, grupos cujo desenvolvimento da identidade se caracteriza pela expressão de transmigrantes envolvidos em actividades transnacionais. As comunidades transnacionais são grupos cuja identidade não assenta primordialmente na ligação a um território específico. Para Scott (1998), aspectos relevantes desta nova estrutura são o elevado número de empresas transnacionais com os seus estabelecimentos distribuídos por diversos países e o deslocamento de empregados que estas empresas promovem.

Importa aqui referir a definição no que diz respeito ao fenómeno chamado transnacionalismo. Para Castles (2002), trata-se da palavra-chave da 1ª década do novo século, enquanto outros autores são da opinião de que o entusiasmo inicialmente associado à descoberta deste fenómeno tenha levado a que se exagerasse o seu âmbito. Facto é que o transnacionalismo se tornou, nos últimos anos, um conceito-chave de análise nas ciências sociais. Refere-se aqui as obras de três autores para esta reflexão: Stephen Castles (2002), Alejandro Portes (2004) e Steven Vertovec (2009). A importância do transnacionalismo para o tema de pesquisa deste trabalho surge no sentido de servir como instrumento teórico para esclarecer as actividades de instituições alemãs em Portugal e o seu significado para os agentes que as praticam.

Portes (2004: p.73-93) argumenta que o transnacionalismo representa uma perspectiva nova, mas não é um fenómeno novo. A mesma compreensão é partilhada por Foner (2001:p.58-86) quando diz que o transnacionalismo não é de modo algum um fenómeno novo mas o transnacionalismo actual é diferente do ‘velho’ transnacionalismo. Para Portes (2004) no passado existiram actividades transnacionais que como tal não foram reconhecidas devido à escassez dos meios ao seu dispor, em comparação com aqueles de que hoje em dia dispõem os imigrantes. O autor contribui com a reflexão de que nem todos os imigrantes são transnacionais, mas só uma minoria destes se caracteriza por um envolvimento regular em actividades transnacionais. Constata assim um paradoxo social: o transnacionalismo, enquanto aspecto teórico novo no campo da imigração, orienta-se em actividades de apenas uma minoria dos membros da população em causa. Uma pesquisa realizada com imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos da América em 1998, conclui que os imigrantes que se dedicam a actividades transnacionais são os melhor estabelecidos e com maior estabilidade.

Segundo Vertovec (2009), transnacionalismo refere-se genericamente a uma multiplicidade de laços e de interacções que ligam pessoas a instituições através das fronteiras dos Estados-nação. Os membros de comunidades transnacionais têm parte da sua existência social radicada simultaneamente em dois ou mais países e organizam as suas vidas tendo como referência sociedades nacionais distintas, levando a que se desenvolvam comunidades e consciências transnacionais. Através das redes transnacionais um número crescente de pessoas é capaz de viver simultaneamente em duas ou mais culturas. Para o autor, migração não constitui a expressão mais fiel para referir o fenómeno da mobilidade de trabalhadores qualificados e altamente

qualificados. Isto pelo facto de que a imigração tem conotações de permanência ou de residência, considerando que o movimento de muitas pessoas altamente qualificadas tende hoje a ser de curto prazo. Através das redes transnacionais tende-se a mudar o discurso e as expressões para noções como “globalização de capital humano” e “vias de circulação de trabalhadores qualificados”.

Castles (2002: p.119) identificou o termo transmigrantes para referir pessoas cuja existência é moldada através da participação em comunidades transnacionais e que se caracterizam por uma diversificação de sentidos – “Os transmigrantes são por vezes retratados como cosmopolitas capazes de ignorar barreiras culturais e de construir identidades múltiplas.” Noutros contextos, a consciência da identidade transnacional pode significar uma revalorização da identidade étnica, segundo a qual os transmigrantes se sentem solidários com os seus co-étnicos. Os indivíduos podem ser considerados membros de uma comunidade transnacional se as actividades transnacionais dos seus grupos sociais constituírem o contexto primordial das suas vidas, mesmo no caso de estes não estarem directamente envolvidos em actividades transnacionais.

Não há concordância entre o reconhecimento das implicações do fenómeno transnacional e as formas como o transnacionalismo se pode assumir nos diferentes países. Os alemães, enquanto grupo nacional deste estudo, não recebem a denominação de sujeitos imigrantes. No entanto, as suas actividades comerciais, científicas e profissionais são aqui enquadradas enquanto fenómenos transnacionais, e as redes de relações daí elaboradas são compreendidas como interacções de agentes transmigrantes.

As actividades das comunidades transnacionais mais estudadas são as de cunho económico, que estabelecem exclusivamente transacções financeiras entre países. No entanto, há pesquisas que demonstram que, além do plano económico, há outros laços transnacionais de grande significado. A socióloga Levitt dedica-se a estudar o papel da religião e de práticas religiosas transnacionais. Segundo Levitt (2003), estudos sobre a religião trazem à luz formas em que a religião cria ligações internacionais e elabora identidades transnacionais. A globalização permite uma diversidade religiosa através da qual os indivíduos constroem identidades. A autora analisa a proximidade de termos como ‘global’, ‘diáspora’ e ‘transnacional’, sugerindo a possibilidade de uso intercambiável dos termos por uma íntima conexão de sentidos.

Motivos religiosos também justificam a permanência de alemães em Portugal. Uma Irmandade fundada por comerciantes hanseáticos da *colónia alemã* servia para a manutenção do culto além da protecção e defesa dos interesses mútuos. Neste capítulo relatamos factos históricos que exemplificam o enquadramento do grupo alemão no quadro de estrangeiros qualificados e simultaneamente o papel da Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães enquanto organização alemã que mantém desde o século XIV a característica de uma organização de preservação dos laços de um transnacionalismo económico e religioso.

3.3 Tipologias para quadros de alemães qualificados

A seguir apresentamos tipologias para quadros qualificados definidas actualmente para o panorama português por investigadores portugueses, nomeadamente: João Peixoto (1999), Pedro Góis e José Marques (2007); Catarina Reis de Oliveira (2005). Tipologias são processos para a redução da complexidade de determinados fenómenos, elaborados no intuito de gerar uma compreensão sobre a realidade social complexa. Uma tipologia consiste numa classificação de actores, de acordo com as suas características comuns, assim como visa facilitar a compreensão, comparação ou análise de dados. Para atingir este objectivo é necessário, de acordo com Durkheim (1898), escolher as características particularmente significativas de um fenómeno social.¹⁷ Na compreensão de Góis e Marques (2007:p.116) e também na nossa, “as tipologias são processos para a redução da complexidade, que permitem construir um sentido nas múltiplas formas que a realidade social assume”.

O tema da mobilidade internacional dos quadros em Portugal foi ainda pouco pesquisado e, na maioria dos estudos, a perspectiva acompanha a evolução da realidade das imigrações. Portugal atrai imigrantes qualificados, tanto para o quadro das empresas nacionais, como também das multinacionais que investem no país. Segundo Góis e Marques (2007:p.19), os fluxos destes quadros evoluem paralelamente à evolução da economia portuguesa e à abertura do capital estrangeiro. Os trabalhos de investigação que analisamos apresentam tipologias utilizáveis para referir o tipo de imigrantes

¹⁷ Citado por Góis e Marques, 2007, p. 115.

qualificados activos no mercado português. Para o interesse desta pesquisa, apresentaremos as tipologias que se enquadram no tema proposto, ou seja, a deslocação de quadros qualificados em Portugal. Grande parte da bibliografia desenvolvida para este tema refere-se aos fluxos de profissionais dos países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos, o que se convencionou chamar de *brain drain*. Esta referência, exclui a mobilidade do estudo de caso aqui apresentado, no qual se desenvolve o processo de profissionais de um país mais desenvolvido, a Alemanha, para Portugal, não se tratando, neste caso, de um fenómeno de fuga de cérebros, mas sim de deslocação de quadros qualificados, deslocação de alto nível ou ainda globalização de capital humano.

O que se pretende é aplicar ao estudo de caso características associadas às teorias sobre transnacionalismo migratório na dimensão da inserção laboral de quadros qualificados, observando os locais de actuação profissional, a formação académica e o seu significado no quadro de estrangeiros qualificados em Portugal. Com o relato histórico da Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa esclarecemos o mesmo que Góis e Marques (2007:p.118), ou seja, a compreensão de que, em “termos históricos, Portugal atrai imigrantes altamente qualificados desde há muitas décadas (ou mesmo séculos), sendo conhecidas na história portuguesa várias figuras de origem estrangeira que aqui exerceram profissões altamente qualificadas.” Segundo João Peixoto (1999: p.41), houve nas últimas décadas uma diminuição dos fluxos permanentes ou definitivos e o aumento dos fluxos temporários. As novas tecnologias de comunicação e de transportes permitem fluxos frequentes e multidimensionais de pessoas, bens e ideias. Para o autor, o incentivo para o estudo da mobilidade dos quadros altamente qualificados em Portugal decorre do aumento gradual destes agentes na estrutura social. No seu trabalho de pesquisa Peixoto realiza uma avaliação quantitativa dos fluxos de agentes altamente qualificados. E constata que os imigrantes de ‘topo’ foram mais numerosos em Portugal do que os emigrantes detentores de posições sociais elevadas ou de habilitações escolares de nível superior – “As entradas provenientes de países desenvolvidos apresentaram muitas vezes uma proporção elevada de ‘quadros’ numa noção ampla de elites económicas.” O autor refere o actual fluxo de deslocações geradas por empresas multilocalizadas, mecanismo frequentemente ligado a um recrutamento no país sede da organização, para o qual a maioria dos profissionais móveis é nacional do país de origem.

Um número considerável de alemães com qualificação específica chega actualmente a Portugal atraídos por ofertas profissionais em institutos académicos de universidades. Os departamentos de estudos de língua oferecem modalidades de intercâmbio para actuação nos institutos universitários; essa modalidade pode ser definida como espontânea e com motivação induzida. Segundo a definição de Góis e Marques (2007: p.24), as transferências de quadros qualificados ocorrem de forma independente ou institucional. Os indivíduos que adquirem uma formação superior em Portugal, e aqui laboram após a obtenção da formação, são os agentes internamente qualificados. Entre o grupo deste estudo há também o caso de uma cidadã alemã residindo em Lisboa desde 1966 e que 15 anos depois realiza formação na Alemanha, deslocando-se mensalmente. Com esta formação é reconhecida na congregação evangélica alemã em Lisboa – *Eu realizei uma formação teológica na Alemanha. Há quinze anos atrás, meus filhos estavam crescidos e saíram de casa, então pensei que era tempo de realizar meu sonho de ter essa formação teológica. Durante dois anos eu voei uma vez ao mês para Alemanha para realizar esse curso teológico.(...) agora uma vez por mês eu coordeno o culto na igreja alemã.* [M24 p.1]

Muitos dos profissionais que hoje actuam no quadro de empresas multinacionais, podem ser referidos na tipologia de transmigrantes, já supracitada, caracterizados assim por percorrerem vários países ao longo da sua carreira profissional.¹⁸ No estudo de caso, há três casos exemplares de sujeitos que nasceram em Portugal e realizaram estudos de qualificação profissional na Alemanha para depois actuar profissionalmente em Portugal. Há também representantes na modalidade de qualificação interna, indivíduos alemães que adquirem uma formação académica superior em Portugal e que permanecem no país após a obtenção desta formação.

Um aspecto a destacar é a forma como a sociedade e o Estado Português asseguram o processo de entrada de determinados quadros no mercado de trabalho, assim como a integração no quadro profissional da nova realidade. O que se caracteriza enquanto «quadros qualificados privilegiados». Um dos relatos exemplifica esta tipologia pela auto-percepção de privilégios e o sentimento de estar incluído num quadro profissional diferenciado. Na chegada a Portugal, o sujeito recebe acompanhamento institucional para facilitar a sua integração, o que torna confortável a entrada em ambiente

¹⁸ Nas 43 entrevistas realizadas para o estudo de caso, os profissionais da empresa multinacional Autoeuropa e também do Instituto Goethe e da Embaixada da Alemanha referem projectar um próximo país onde actuar após o tempo de contrato em Portugal.

profissional e social – *Acho que a integração tem muito a ver com a nossa situação em termos de trabalho por exemplo. E quando se chega a um país tal como eu, em condições muito favoráveis, e já com um contrato de trabalho na faculdade, isso não se pode comparar por exemplo a um trabalhador que chega como imigrante a um país. As pessoas foram sempre muito simpáticas comigo desde o início. Eu cheguei lá ao Porto e no primeiro dia o director do departamento quase me pegou na mão e fizemos uma volta pelos prédios, tratamos de todos os documentos e pronto. Quer dizer, uma situação muito tranquila e de facto muito privilegiada para uma pessoa que muda de país.* [H3 p.2]

Há, no entanto, uma descontinuidade conceptual para o fenómeno da mobilidade de quadros qualificados, tanto na Sociologia, como nas demais disciplinas sociais. São referidos termos como circulação geográfica de elites ou desprendimento territorial dos quadros, mobilidade de competências ou migração de capital humano. Conforme Peixoto (1999: p.12), o estudo mais antigo dedicado à mobilidade internacional das ‘elites’ e dos ‘cérebros’ é o de Frank Musgrove (1963: p.1), descrevendo aspectos do caso britânico no final de século XIX. Musgrove considerou a existência de “uma crescente mobilidade territorial das ‘elites’ como consequência da formalização dos processos educativos e profissionais, assim como o aumento generalizado da necessidade de qualificações de ambos os tipos.” Alguns exemplos ilustrativos dados pelo autor são as viagens de lazer realizadas pelas elites britânicas e as deslocações de intelectuais: “As pessoas destas ilhas são mais móveis do que as de outras nações, e um grande número delas estão sempre no estrangeiro, por vezes em viagens longínquas, por vezes nos Alpes, por vezes nos desertos de África, ou nos lugares mais estranhos; mas em geral, em navios no mar, nos grandes entrepostos comerciais, nas capitais da Europa, nas nossas colónias, ou nos Estados da América.” No caso dos alemães, a chegada dos mercadores hanseáticos é o início de uma «mobilidade de elites» com interesses comerciais específicos.

3.4 A colónia alemã e o início da transferência de alemães qualificados para Portugal

As relações luso-alemãs são antigas, alcançando oito séculos de interacção. Há consenso entre historiadores no que respeita ao ano de 1147 como o primeiro contacto, tempo em que os cruzados germânicos auxiliaram a coroa portuguesa na conquista dos territórios ocupados pelos mouros.¹⁹ Conforme Vasconcelos (1921:p.35), “Aproveitando-se da passagem nas costas de Portugal, de armadas de Cruzados que iam para o Oriente, reuniu D. Afonso Henriques, para a sua tentativa de adquirir as terras do Sul, ocupadas por Mouros, muitos guerreiros de várias nacionalidades, como Alemães, Flamengos, Frígios, Ingleses, Normandos e Franceses”. Muitos destes cruzados acabaram por ficar nas terras então recuperadas, vislumbraram a possibilidade de fazer negócios e de se fixar definitivamente em Portugal. Estes acontecimentos dão início à vinda de mercadores e comerciantes do Norte da Europa para Portugal.

Historiadores como Hinsch (1890: p. 3ss) referem o selar de um contrato entre o assim conhecido membro fundador da *colónia alemã* e o rei, D. Dinis – “Sabe-se que um comerciante de nome Michael Overstadt possuía nas margens do Tejo um armazém ou depósito de madeira. Cercou o local de muros e fez construir uma capela – provavelmente também de madeira – que dedicou a S. Bartolomeu. O rei D. Dinis, cobiçando o terreno ocupado, cuja situação achara excelente, pretendeu edificar uma igreja no mesmo, sob a invocação de S. Julião. Assim, faz um contrato com Overstadt, trocando o seu primitivo terreno por outro – em sítio desconhecido, mas que, provavelmente, seria também nas margens do Tejo – mas doando-lhe o direito de propriedade sobre uma capela dedicada a S. Bartolomeu, a construir no novo templo. A edificação ficou concluída em 1290.”

¹⁹ Camões imortalizou estes combatentes germanos aludindo à lenda da palmeira milagreira nascida da sepultura de um deles:

Não vês um ajuntamento, de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando prova?
Olha Henrique, famoso cavaleiro,
A palma que lhe nasce junto à cova.
Por eles mostra Deus milagre visto;
Germanos são os Mártires de Cristo. (Lusíadas VIII, 18)

A inauguração da Capela de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa ocorre em 1291 passando a ser a referência da *colónia alemã* e o local de encontro da Irmandade. A criação desta Irmandade resulta da necessidade de protecção e de defesa dos interesses mútuos de comerciantes alemães que se instalam em terras lusas. Ehrhardt (1989) descreve os primórdios das relações luso-alemãs referindo os mercadores e comerciantes que se transferem para Portugal à procura de novas oportunidades ou para alargar os seus negócios. Na sua pesquisa, a historiadora nomeia uma sequência de nomes de alemães com diferentes qualificações profissionais, que, em número progressivo, chegam a Portugal para oferecer os seus serviços. Oliveira Marques (1993: p.101) refere que já em 1397 é atestada a presença de um alemão armeiro que parece ter vindo residir para Portugal a convite do rei D. Fernando, destacando assim a intenção de, já naquela época, atrair profissionais qualificados.

O mesmo autor, Oliveira Marques (1988-92: p. 106), em outra obra, menciona que em 1433, no reinado de D. João I, os alemães se encontram em actividades comerciais e no desempenho de ofícios, de tal forma que julgam necessário a instituição de uma feitoria e de um feitor que os pudesse representar junto das autoridades portuguesas. Feitoria foi o termo usado para referir os entrepostos comerciais europeus em territórios estrangeiros. A feitoria hanseática em Lisboa, no primeiro terço do século XV, refere “a existência de uma colónia de residentes alemães, em número de algumas dezenas, interessados num tipo de comércio idêntico, unidos na defesa de privilégios oficialmente concedidos pelas autoridades portuguesas.”

Através destas descrições pode-se referir o início e a periodicidade da presença de alemães enquanto profissionais com qualificações apropriadas para o contexto português. As diversas possibilidades de empreendedorismo incipiente em Portugal tiveram fortes repercussões nos meios comerciais germânicos. Strassen e Gandara (1944: p. 226) referem uma época posterior, em especial após o terramoto de 1755, quando houve grande movimentação de alemães enquanto técnicos de indústrias, negociantes ou mestres de ofício – “Em 1796, havia aproximadamente em Lisboa mil alemães notáveis” –, Tendo como consequência um maior afluxo de pessoas que esperavam fazer fortuna ao exercer a sua profissão num país tão promissor como Portugal. Segundo Ehrhardt (1989: p.11): “Eram sobretudo artífices que aqui estabeleceram residência, nomeadamente ferreiros, serralheiros, sapateiros, tanoeiros, vidreiros, ourives, escrivães, encadernadores e impressores.” O mesmo refere

Vasconcellos (1921: p.366): “ Cartas régias e alvarás do século XIV ao XVIII, processos de Inquisição, e documentos de várias espécies falam-nos de muitos indivíduos (...) Alemães (...) que cá exerciam profissões, por exemplo: de armeiro, ourives, lapidário, sapateiro, tecelão, cesteiro, calceteiro, relojoeiro, ou eram mercadores, banqueiros, médicos, serviçais, soldados, escultores”. O que caracteriza o facto de que exemplos dos quadros qualificados que referimos no estudo de caso estão inscritos numa sequência familiar, cronológica e histórica. Agentes de segunda e terceira geração cujos pais e avós estiveram inseridos no quadro profissional em Portugal: *Depois do terramoto, na reconstrução de Lisboa, houve procura de profissionais e vieram pedreiros, carpinteiros, mecânicos da Alemanha e muita gente de classe média baixa. Também havia a classe como era a do meu avô, que entravam como comerciantes e tornavam-se empresários.* [H1 p. 5]

Toda a sociedade se configura e multiplica por intermédio de organizações. No desenvolvimento histórico da mobilidade de quadros de alemães qualificados para Portugal tem-se definido a Associação de São Bartolomeu como uma organização de importante marco simbólico. Schwarz (2006) refere a Irmandade como a instituição mais importante na história alemã em Portugal. A organização da Irmandade de São Bartolomeu em Lisboa é um meio fomentador da transferência de quadros de alemães qualificados e da intensificação das relações económicas e culturais entre os dois países, em especial nos primeiros séculos de existência da Irmandade.

As transacções económicas entre comerciantes hanseáticos alemães e comerciantes portugueses iniciam-se no século XIV, quando os alemães hanseáticos se dirigem para comprar as mercadorias aos portugueses. Oliveira Marques (1993: p.138) afirma que a marinha mercante portuguesa “limitava-se a vender, nunca a ir vender as suas mercadorias aos hanseáticos. (...) Para quê procurar a Hansa, se ela mesma vinha procurar Portugal?”. As relações familiares, culturais e sociais luso-alemãs são consequência dos interesses económicos despertados pelos alemães que há séculos se deslocam para Portugal. Segundo o autor, no século XIV já existia em Portugal uma *colónia* germânica formada por membros da hansa – “ Antes de findar o século, encontra-se o primeiro exemplo de mercadores alemães estabelecidos em Portugal.”

Também Strassen e Gandara (1944: p. 271) referem o facto de que “muitos oficiais alemães tomaram parte nas lutas de Portugal pela sua independência e integridade territorial ou colaboraram com os oficiais portugueses na organização e no

desenvolvimento técnico do Exército. E fizeram-no com simplicidade, sem alardes, nem pedidos de recompensas, como se fossem filhos do país, que serviram com inexcedível lealdade e modéstia. Muitos cá ficaram, constituindo família, fundindo-se, naturalmente, na massa populacional e deixando descendência, que continua a honrar uma honradíssima tradição”.

A expressão *colónia* adquire diferentes significados no decorrer da história, alternando de acordo com as transformações socioeconómicas do contexto. Daí ser considerado por alguns autores, como Giron e Bergamaschi (1996), um conceito controverso. Segundo as autoras, a *colónia* constitui, de certa forma, um Estado dentro de outro Estado. A definição assemelha-se à compreensão clássica de Cohen (2003), para definir a diáspora, referindo grupos de comerciantes atravessando fronteiras, com uma forte consciência de uma pertença comum. A utilização do termo *colónia alemã* refere o local, fora da Alemanha, onde vivem cidadãos alemães que mantêm compromissos entre si e com o país de origem. A forma como o termo *colónia* é empregado nesta investigação resulta das literaturas consultadas e das citações das entrevistas realizadas no estudo de caso. *Colónia alemã* refere-se aos alemães que, vivendo em ambiente português, preservam traços religiosos e culturais, especialmente a língua alemã, e se comprometem com a preservação dos interesses comuns.

O termo é ainda empregado actualmente, ainda que a sua tendência seja a de gradativamente cair em desuso. As instituições que ainda preservam a expressão são em especial aquelas de carácter religioso e cultural – tradicional, como o Clube Alemão ou as Paróquias religiosas.²⁰ Como afirma um membro do Clube Alemão: *Eu sou conhecido na colónia alemã, ocupo-me com a colónia alemã.* [H14 p.2] É no âmbito da *colónia* que muitas das organizações se constituem de forma a preservar as tradições culturais alemãs – *O termo ainda é usado, mas não demonstra um grupo homogéneo em Portugal. Havia há alguns anos uma colónia alemã que tinha a sua própria igreja e sentia-se longe da Alemanha, o que mudou radicalmente na Europa. Vivemos hoje num contexto em que simultaneamente recebemos as informações tanto em Portugal como na Alemanha. Um alemão que vive hoje em Lisboa tem a possibilidade de assistir a quase todos os canais ou noticiários que se tem na Alemanha. Pode ler notícias alemãs on-line e informar-se quase identicamente como se estivesse vivendo na Alemanha. O*

²⁰ No estudo de caso constata-se o uso do termo com maior ênfase nos sujeitos envolvidos com a Congregação da Igreja Evangélica Alemã e menos destaque para os membros da Paróquia Católica Alemã.

que significa que os alemães que vivem hoje em Portugal não têm mais a necessidade de zelar pela sua tradição cultural com medo que ela se perca. O que quer dizer que há alguns anos, para manter a identidade, era necessário ficar em grupo e participar na colónia alemã, o que hoje não é mais significativo. Neste sentido, é um engano continuar a utilizar esse termo hoje. [H18 p.4]

A expressão «*Colónia Alemã*» também é aplicada para referir um período histórico específico, entre 1933 e 1945. Schwarz (2006: p.267) descreve essa fase de factos politicamente relacionados com os alemães em Portugal: “O período conturbado da colónia alemã entre 1933 a 1945, (...) tempo bastante breve mas recheado de acontecimentos, foi cunhado em diferentes medidas pela força motriz do Partido Nacional-Socialista e pela sua representação em Portugal, que moldou – muito mais do que geralmente se supõe – a actividade alemã em Portugal.”

As características atribuídas ao grupo de alemães enquanto membros de uma *colónia* organizada em Portugal dizem respeito às diferenças elaboradas no contexto, a partir de pressupostos trazidos do local de origem. Ou seja, as diferenças entre alemães e portugueses afloram no âmbito da interação e resultam de pré identificações. O que confere a necessidade de manutenção da especificidade da *colónia alemã* são características étnicas, a língua alemã e em especial a religião protestante. Segundo Boudon (1990: p. 98), pertença étnica refere-se “a uma população designada por um nome, que se reclama de uma mesma origem, que possui uma tradição cultural comum, especificada por uma consciência de pertença ao mesmo grupo, cuja unidade se apoia em geral numa língua, num território e numa história idênticos.” *Colónia alemã* impõe-se como conceito delimitador de uma pertença étnica particular. Segundo Korte e Schafers (2000: p. 168), “ Os membros de grupos étnicos vêem-se a si mesmos como culturalmente distintos de outros grupos da sociedade e são vistos como tal pelos outros grupos.”

O gradativo desuso da expressão está, provavelmente, relacionado com a conotação separatista que ela expressa em relação à sociedade portuguesa: *Colónia alemã é uma expressão negativa ao meu entender. Para mim colónia alemã é formada por alemães que vivem há mais de dez anos em Portugal e não mantêm contacto com a sociedade portuguesa, isto é para mim colónia alemã. E são pessoas ou famílias com nível económico elevado.* [H16 p.5]

Outro aspecto no uso da expressão é o estatuto de poder e de empoderamento que lhe é conferido. Empoderar é um neologismo, *empowermeny* – que define o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de acção – “Processo de empoderamento é resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e grupos.” ²¹ A força de influência política e a capacidade de acção estão demonstradas desde o início da história alemã, em contexto português.

3.5 Em torno dos conceitos de «Organização» e «Instituição»

Os termos organização e instituição têm sido usados numa polissemia de significados, designando desde uma estrutura formando um conjunto de normas aplicadas a um sistema social ou o emprego da força da lei num âmbito estabelecido. Num sentido amplo instituição pode se referir a tudo que numa sociedade toma a forma de um mecanismo organizado, visando o funcionamento dessa sociedade.

Conforme Berger e Berger (1981: p 200- 214), há grupos, organizações ou instituições da mais diversa espécie. Em alguns os indivíduos entram automaticamente por razão do nascimento ou de outros factores; em outros os indivíduos entram por decisão própria. A função da integração nestas unidades sociais é a de tornar o indivíduo membro da sociedade.

Instituição e organização são conceitos utilizados tanto no consenso geral como na linguagem científica sociológica e de outras ciências, na implementação de sistemas de pensamento ou teorias analíticas. Para Javeau (1998: p. 161-164), instituição e organização são unidades sociais que se colocam como mediações da sociedade-indivíduo, tendo cada qual maior ou menor espessura histórica. O autor, citando Mauss (1872-1950), define instituição como: “um conjunto de actos ou de ideias instituídas que os indivíduos encontram diante de si e que a eles se impõe mais ou menos”. A palavra instituição classifica a forma de controlo das condutas individuais ou de grupo, sendo também uma fonte de poder.

²¹In: <http://www.eicos.psychology.ufrj.br/portugues/empoderamento.htm>

Gukenbiehl (1995: p. 140 – 155) refere como exemplos de instituições as escolas, hospitais e locais de autoridade estatal ou civil, enquanto organização se refere a empresas de produção e serviço como fábricas e lojas comerciais. Segundo este autor, não há uma determinação clara no uso dos dois conceitos, tanto na formulação como na utilização no âmbito das ciências sociais, pois ambos servem para a análise de fenómenos bastante semelhantes na realidade social. O núcleo comum destes fenómenos é a cooperação ordenada de pessoas, cuja união não acontece de forma aleatória ou arbitrária. Os dois conceitos servem para destacar diferentes aspectos da realidade social. Apesar das semelhanças quanto ao objecto de análise, ambos os conceitos são introduzidos por diferentes ciências, com diferentes finalidades.

Instituição refere-se a um sentimento de unidade de acção e de formas de interacção social. O seu significado e justificação provêm da respectiva cultura. No aspecto pessoal, a instituição está enraizada na consciência e no corpo das pessoas, nas suas ideias, motivações, sentimentos, necessidades e reacções. Cada instituição e organização tem objectivos gerais e específicos que fundamentam a sua existência e preservam as razões da sua utilidade. As instituições oferecem estabilidade e formam uma ordem externa que se relaciona com o restante da vida de pessoas. Assim, estabilizam, controlam e canalizam o comportamento. Segundo Javeau (1998: p. 148), a sociedade reproduz-se por intermédio de instituições dotadas de uma capacidade maior ou menor de integrar comportamentos individuais.

Neste sentido, procura-se justificar neste trabalho o uso dos termos instituição e/ou organização para referir algumas das unidades sociais, tanto culturais como religiosas, educacionais ou profissionais, de alemães organizados em Lisboa.

3.6 A Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa:

Instituição particular de auxílio material e moral ²²

Berger e Luckmann (1999) afirmam que a realidade é socialmente construída na experiência da vida quotidiana. O indivíduo é um produto social – *homo socius* – que

²² Ao longo deste trabalho os termos «Irmandade» e «Associação» são intercambiados para referir a mesma instituição. O estatuto actual utiliza o termo Associação, no entanto os membros e os demais entrevistados, referindo a instituição, a designam: Irmandade ou Contraria – *Bruderschaft*.

partilha a sua experiência com os demais à sua volta, em processos de interações sociais tendo em vista a dialéctica entre a realidade objectiva e subjectiva (interiorização - exteriorização). Berger e Luckmann analisam aspectos sociopsicológicos da relação dialéctica entre indivíduo e sociedade. A fundamentação teórica provém do interacionismo simbólico demonstrado através dos processos de interacção social, que ocorrem entre indivíduos ou grupos, mediados por relações simbólicas.

Berger e Berger (1981: p. 200 - 211) descrevem cinco características de uma instituição: exterioridade, objectividade, coercitividade, autoridade moral e historicidade. Tomamos a análise destes autores enquanto moldura para trazer considerações a respeito da Associação de São Bartolomeu dos Alemães e sua repercussão no contexto português e nos relatos do estudo de caso.

3.6.1 Exterioridade

“As instituições são experimentadas como algo dotado de realidade exterior” – Berger e Berger (1981:p.196). A Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa tem, como já afirmamos anteriormente, em 1290 o ano de fundação e inauguração da capela consagrada a São Bartolomeu. Ehrhardt (1990: p. 3-11) atesta que os “comerciantes alemães que utilizavam a capela viram a necessidade de associar-se e formaram a Irmandade ou Confraria com a finalidade de possibilitar a administração do templo, a aquisição dos utensílios litúrgicos e a manutenção de um sacerdote”.

A época de maior visibilidade da Irmandade de São Bartolomeu terá sido provavelmente a Idade Média, tempo em que as Irmandades serviam como representantes oficiais por se dedicarem ao serviço divino e à beneficência.

Segundo estatutos de 1986, a partir de 1958 a denominação de Irmandade passa para Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa. Actualmente alguns membros da organização utilizam preferencialmente o termo Confraria. - *Eu fui colocado como membro da Confraria de São Bartolomeu e ali acompanho a realidade de alemães em situações diversas.* [H17p.3] Através da actuação na organização os sujeitos perspectivam a realidade da comunidade alemã em Lisboa. A actuação na instituição

concede ‘o olhar’ para ‘dentro’ da realidade dos alemães em Portugal. Os estatutos da Associação definem a sua orientação metodológica enquanto uma instituição particular de auxílio: “A Associação de S. Bartolomeu dos Alemães em Lisboa é uma instituição particular, sem fins lucrativos, fundada no século treze, e que, até o ano de mil novecentos e cinquenta e oito, se denominava Irmandade de S. Bartolomeu dos Alemães em Lisboa.”²³ Define-se a característica da instituição como a de uma organização de beneficência.

“ A Associação prossegue prioritariamente os seguintes fins:

- a. Prestar auxílio material e moral a membros da comunidade alemã residentes em Lisboa ou arredores em casos de velhice, doença e invalidez e em todas as situações de carência de meios de subsistência ou de capacidade de trabalho.
- b. Criar e manter em funcionamento em Lisboa um lar para pessoas idosas, hospitalais, infantários e centros de cultura e recreio.
- c. Fomentar o ensino da língua e prestar auxílio material a alunos, filhos de alemães, quando necessitados.
- d. Contribuir para a continuidade dos cultos religiosos de língua alemã em Lisboa;
- e. Contribuir para a conservação do cemitério alemão em Lisboa.
- f. Promover a criação de quaisquer organizações atinentes aos seus fins e subsidiar nos campos da saúde, educação, cultura e dos cultos religiosos, actividades e empreendimentos de interesse para a comunidade alemã em Lisboa.”

A característica de auxílio material e moral ou seja, de beneficência é confirmada pelos actuais membros: *A Confraria de São Bartolomeu dos Alemães existe há mais de 700 anos em Lisboa. E vai continuar existindo em razão de estar plenamente integrada no sistema da sociedade portuguesa, mas tendo como prioridade a preocupação com as dificuldades de alemães em Lisboa ou na região da Grande Lisboa.* [H17 p.3]

Em 1957 e 58 foi publicado um parecer a respeito da Irmandade a pedido do director do Secretariado Católico Alemão para o Estrangeiro. A autoria é do director do Instituto Canónico da Universidade de Munique, Klaus Morsdorf (1957 – 1958: p. 90). O parecer contém 123 páginas onde o autor refaz a história da organização destacando aspectos

²³ Estatutos da Irmandade, 1986.

religiosos e canónicos.²⁴ Como outros autores, também inclui a instituição no âmbito da *Colónia Alemã*, destacando factos que, segundo ele, não conferem com a essência de uma Irmandade: “A Irmandade de São Bartolomeu foi um fiel espelho da Colónia Alemã até à época contemporânea, durante a qual, e sob o domínio do tesoureiro, Hans Wimmer, foram postas em prática maquinações que entregaram a Irmandade a uma camarilha de pessoas interesseiras.” Esta descrição assemelha-se aos relatos do estudo de caso e demonstra a mediação simbólica emocional e conflitual nestas relações. Segundo Berger e Berger (1981), as interacções sociais são processos dialécticos, pois os indivíduos constroem os grupos e colectividades sociais dos quais fazem parte. Ao mesmo tempo, esses grupos e colectividades interferem na conduta do indivíduo.

Actualmente, a exterioridade da instituição está condicionada pela visibilidade que os seus membros-sócios transmitem, ou não, ao ambiente externo. O processo de tornar-se membro ocorre através de convite da direcção da instituição, sujeita a aprovação da assembleia-geral, por voto secreto. Cabe à direcção gerir os diversos sectores de actividade mantida pela instituição. A visibilidade da organização durante a história reflecte o contexto histórico de Portugal, da Alemanha e do mundo.

A intencional tentativa de manter a invisibilidade cria certos constrangimentos e leva a que, em certas circunstâncias, se identifique o grupo com uma instituição fechada: *A Irmandade de São Bartolomeu tem uma grande tradição. Tinham no século treze e seguintes uma missão muito importante porque na altura não havia uma rede social e assim ajudavam os comerciantes alemães. Esta Irmandade é ainda hoje um grupo fechado, só de homens. É uma das tantas organizações quase secretas, que não surge muito na superfície, não está nos media. São círculos fechados. E são de facto fechados.* [M2 p. 2]

Um facto que dificulta em parte a reconstrução fiel da história e contribui para a invisibilidade da Associação é o terramoto no ano de 1755. O terramoto resultou na morte de membros e mudança na identidade confessional religiosa das lideranças da instituição. Ehrhardt (1990: p. 25) cita que “O terramoto de 1 de Novembro de 1755

²⁴ Este parecer foi publicado no mesmo ano em que se realiza a mudança da denominação Irmandade para Associação de São Bartolomeu. No entanto este facto é contestado no referido parecer: “Frequentemente nos relatos protestantes da história da Irmandade de S. Bartolomeu, encontra-se a afirmação de que a mesma se transformou, de uma corporação católica e eclesiástica, numa associação privada e temporal. Ninguém todavia é capaz de indicar uma data para esta alteração, nem de designar o acto jurídico por via do qual se teria operado essa transformação. (...) Demonstrámos que ia Irmandade é uma verdadeira Irmandade Canónica ” MORSDORF: p. 48

teve efeitos catastróficos também para a Irmandade. Quase todos os membros católicos, que se tinham reunido para assistirem à missa de Todos-os-Santos, ficaram soterrados debaixo dos destroços, quando a igreja de S. Julião ruiu. Junto com a capela perdeu-se igualmente o arquivo, de modo que, hoje em dia, só com grandes lacunas é possível reconstruir a história da Irmandade durante os primeiros séculos da sua existência.”

Segundo Morsdorf (1957-1958: p.83) já antes do terramoto a Irmandade possuía prédios em Lisboa, dos quais cobrava rendas. Após o terramoto a Irmandade recebeu bens de compensação pelas perdas causadas, entre eles o terreno na Rua dos Douradores e outro na calçada do Carmo. Como propriedade mais importante é referido o terreno e edifício no Rossio, propriedade legada à Irmandade por testamento do alemão de religião católica chamado Jacques Coster, em 1749.

3.6.2 Objectividade

“As instituições são experimentadas como possuidoras de objectividade” – Berger e Berger (1981:p.196). O que resta de arquivos históricos mais os relatos feitos por historiadores, a apresentação de estatutos e a existência dos actuais sócios são indicadores da objectividade da Instituição de São Bartolomeu no contexto português. Essa objectividade atravessou diferentes fases, houve encaminhamentos e decisões que envolveram a organização e que, ainda hoje, reflectem de forma traumática em bibliografias consultadas e nos discursos de sujeitos directa ou indirectamente envolvidos.

As contribuições financeiras que cada sócio ainda hoje transfere para a Associação são parte dos deveres e uma das formas da sua manutenção – “ São deveres dos sócios: a) Pagar pontualmente a quota anual; b) Cumprir as disposições estatutárias e as deliberações da assembleia-geral; c) Zelar pelos interesses da Associação; d) Prestar colaboração efectiva em todas as iniciativas que concorram para o prestígio e desenvolvimento da Associação; e) Comparecer às reuniões da assembleia-geral; f) Não divulgar os dados de natureza privada ou confidencial referente a pessoas e entidades que solicitem o auxílio da Associação.” ²⁵ Os artigos do Estatuto da Associação seguem o estilo normativo português e conferem à organização as características de uma

²⁵ Artigo 10º, Capítulo II do Estatuto de 1986

entidade particular beneficente e sem fins lucrativos – *A Irmandade de São Bartolomeu é uma mini Santa Casa da Misericórdia para os alemães em Lisboa.*²⁶

Os Estatutos objectivizam a função dos sócios e da direcção da Associação para a administração de seus bens: *De onde vem os bens da Confraria de São Bartolomeu? Ela possui imóveis em Lisboa. Olhando aqui pela minha janela vemos no Rossio um grande Hotel Metrópole que pertence à Confraria e que está alugado. Há mais dois outros edifícios que também rendem um bom resultado financeiro. E esta é a sua função principal.* [H17 p.3] A referência ao Hotel Metrópole, ainda hoje instalado na Praça do Rossio em Lisboa, pertencente à Associação, é citada em site turístico lisboeta, onde se refere ainda uma Sociedade Hoteleira Alemã.²⁷

Os rendimentos da organização servem para que esta, enquanto entidade particular de beneficência, venha a realizar a sua função – *Eu fui colocado como membro da Confraria de São Bartolomeu e ali acompanho a realidade de alemães em situações diversas. Muitos deles têm de viver aqui com 300 ou 400 euros por mês. Há muitos alemães em situação financeira difícil em Portugal. E nestes dados eu excluo o grupo do Algarve onde vivem alemães reformados em situação privilegiada. São em média 8 mil alemães vivendo no Algarve. Na zona da Grande Lisboa e do Porto vivem em torno de 1800 a 2000 alemães. Destes, 80% vivem muito bem financeiramente o que significa que estão ocupados com trabalho fixo, ou em reforma ou recebem boas pensões. Mas os demais 20% são pessoas que não recebem e nem têm possibilidade de receber pensão alemã e vivem à margem da existência social. E com estes se ocupa a Confraria de São Bartolomeu e a Igreja Evangélica Alemã. A Confraria sustenta neste momento cerca de 30 a 40 pessoas mensalmente.* [H17 p. 3]

Morsdorf (1957-58: p.53) afirma que no século XIX o governo português via na Associação de S. Bartolomeu uma Irmandade canónica sobre a qual reivindicava seus direitos de soberania. “ Por diversas vezes o governo português exigiu a apresentação de contas e ameaçou colocar sob sequestro, os rendimentos da Irmandade”. No entanto, segundo este autor, a Irmandade não foi afectada pela Lei de desamortização de 1866, a qual proibia a aquisição de bens imobiliários às fundações de “mão morta”. Segundo essa Lei, as associações espirituais não podiam possuir quaisquer bens imóveis que não servissem para a realização dos seus fins e eram obrigadas a investir os seus bens em

²⁶ Afirmação feita em diálogo informal com o actual presidente da Irmandade em 19/06/2008.

²⁷ In: <http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.com/2009/07/praca-d-pedro-iv-rossio-xii.html>

títulos de crédito do Estado português. “A Irmandade de S. Bartolomeu não seria afectada pela Lei de desamortização”.

3.6.3 Coercitividade

“As instituições são dotadas de força coercitiva. O poder essencial que a instituição exerce sobre o indivíduo consiste justamente no facto de que a mesma tem existência objectiva e não pode ser afastada por ele” – Berger e Berger (1981:p.197). Este poder é experimentado de forma subtil ou violenta, de acordo com o contexto em que se encontre. Isto é semelhante ao que José Gil (2009: p.23 – 38), pensador e escritor português, definiu como um sistema institucional de poder, que estabelece uma relação com o indivíduo da qual resultará uma captura das forças do indivíduo pelas forças do sistema, a partir de um processo de subjectivização ou dobragem. A dobra de subjectivação interioriza nos indivíduos uma maneira de ser e de estar que atinge o cerne das suas vidas.

A concessão de diplomas privilegiava os alemães, membros da Irmandade de São Bartolomeu, e também outros grupos de estrangeiros residentes em Portugal. Morsdorf (1957-1958: p. 89) refere que uma segunda determinação régia ordenava o cumprimento rigoroso destes privilégios. “ Foi criada uma taxa pelos Reis portugueses com a intenção de permitir que a Irmandade de S. Bartolomeu pudesse satisfazer as suas obrigações de manutenção do culto religioso para os alemães na Capela de S. Bartolomeu e cuidar dos necessitados. A cobrança dessa taxa foi confirmada, em 1º de Dezembro de 1748, pelo Rei D. João V. Todavia, não era cobrada rigorosamente, e, por isso, o Rei D. João V, determinou, no referido decreto, que o administrador da capela de S. Bartolomeu poderia penhorar qualquer alemão obrigado ao seu pagamento que se recusasse a fazê-lo e que nenhum barco, sujeito à obrigação de pagar essa taxa, sairia do porto, enquanto não exibisse o recibo do Tesoureiro da Capela.” A força coercitiva de uma instituição beneficia os interesses de outra instituição: “ Em 1452, o Juiz da Irmandade de S. Bartolomeu obteve o privilégio de arrecadar para a Irmandade os espólios dos irmãos falecidos sem herdeiros. (...) O único e mais próximo herdeiro de Heinrich Meier,

falecido em Lisboa, sem filhos e sem testamento, foi convidado a indicar imediatamente o seu nome ‘nisi velit, ut hereditas foundationi Sancti Bartholomaei obveniat’.”

3.6.4 Autoridade moral

“As instituições tem autoridade moral.” - Berger e Berger (1981:p.198). A utilização de autoridade cria, muitas vezes, sofrimento moral para o indivíduo que a recebe, deixando marcas por muito tempo. A autoridade moral da instituição de São Bartolomeu transparece desde a sua fundação. Os privilégios recebidos, os bens adquiridos e a representação nacional alemã conferem com os relatos mencionados no estudo de caso e também descritos nos textos de consulta. As igrejas Católica Alemã e Evangélica Alemã, no decorrer dos séculos, estiveram representadas entre os membros da Irmandade, sendo que, em diferentes épocas, um grupo acaba por exercer maior autoridade que o outro, havendo disputas pela manutenção confessional intencionando impor autoridade moral. Tais conflitos foram agravados, segundo Hinsch (1890: p. 124), em razão de que por alguns anos uma mesma pessoa mantinha cargos na direcção da Irmandade e simultaneamente a liderança na igreja.

A autoridade dentro da Irmandade é almejada por representantes de diferentes círculos: católicos, protestantes, judeus, e também representantes influentes do partido nazi. Morsdorf (1957- 1958: p. 92) cita que em 1951 um representante da Igreja Católica Alemã envia uma carta ao Ministro do Interior do Estado Português, no tempo em que se dá por encerrado o processo de reenquadramento da instituição no contexto católico: “ Sob o ponto de vista prático, esta Irmandade encaminhou-se de maneira que pouco a pouco se introduziram protestantes, sem perder o carácter oficial católico. Sob o ponto de vista jurídico, parece-me que esta Irmandade conservou até aos últimos anos o carácter essencialmente católico.” Representantes das instituições religiosas fazem uso de seu poder e intercedem junto ao governo português para que este restabeleça a autoridade moral com o cunho religioso confessional que cada qual considera legítima.

Um relato do estudo de caso refere-se a este caso acrescentando outros aspectos: “*Eu faço parte da Igreja Católica Alemã; quando acabou a guerra havia aqui um padre que era o Monsenhor Wurzer, era do Tirol. E a colónia católica alemã não tinha uma capela, um sítio onde estar, não tinha nada. Era tudo por empréstimo, uma sala de um*

ou de outro. E existe em Lisboa uma Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães. Essa Irmandade foi crescendo e tornou-se uma coisa boa, com beneficência para os que precisavam, para os alemães que aqui estavam. Mas depois deu-se a Reforma de Martin Lutero e foi quando Portugal teve os descobrimentos todos. (...). Essa Irmandade de São Bartolomeu aumentou no número de pessoas e nessa altura vieram para cá os comerciantes das cidades hanseáticas, Bremen, Hamburgo, Lubek, essas cidades do Norte da Alemanha. Esses comerciantes eram protestantes. Vieram para cá e instalaram-se em Portugal e começaram então a ser os directores, os comerciantes importantes e ocuparam a Irmandade mandando os católicos para fora. Não os mandaram embora, mas quando tinham de mandar um representante ou um cargo maior mandavam um da crença deles. E desta forma a Irmandade de São Bartolomeu passou para a mão dos protestantes. E o padre católico de que falei no início entendeu que ele também tinha direito a qualquer coisa e isso os outros não queriam. Começou assim uma guerra entre os católicos e os protestantes. E eu assisti a tudo isso.(...) E foi uma guerra de que poucas pessoas sabem. O que é certo é que o juiz do Supremo tinha de dar uma sentença e foi a seguinte: Isso é direito canónico tem de ser discutido em Roma. E despacharam a coisa. Depois essa coisa morreu cá em Lisboa, mas ficou aquele mal-estar e a Irmandade ainda existe e está na mão dos protestantes. E são riquíssimos! Só no Rossio, na praça principal de Lisboa, tinham dois prédios. Venderam um destes prédios para fazer um lar para idosos no Estoril. Os católicos se quisessem teriam ido a Roma e continuavam o processo. Há um prazo de cem anos para fazer isso. Isso foi nos anos 60 e 70, ou seja ainda não passaram os cem anos. Isso provocou muito mal-estar na colónia alemã. O tal padre que iniciou isso tudo, quando morreu, não quis ser enterrado no Cemitério Alemão porque era dos protestantes e foi enterrado no Cemitério dos Prazeres. [M3 p. 2e3]

Segundo Schwarz (2006: p.268), no período pós-reforma, a Irmandade começou a aceitar de forma crescente protestantes, comerciantes abastados e influentes que gozavam dos mesmos direitos e deveres dos outros membros. Em breve, os protestantes começaram a ser nomeados para cargos de chefia, numa altura em que não era aconselhável divulgar publicamente o facto por causa da Inquisição. Em 1761, só três dos trinta membros eram católicos.

Os processos jurídicos da parte católica para reconquistar a autoridade religiosa sobre a instituição de São Bartolomeu foram encerrados em 1951, mas a memória histórica

ainda permanece no imaginário e nas relações sociais estabelecidas pelos alemães das Igrejas Evangélica e Católica Alemã em Lisboa – *Antes da Reforma, na Idade Média os reis portugueses impuseram uma taxa de imposto para as embarcações alemãs que aqui comercializavam para repassar aos alemães que aqui viviam e tinham dificuldades, em especial idosos e doentes. Ali houve a fundação da Irmandade de São Bartolomeu. É nesta Igreja onde agora estamos. A Igreja de Nossa Senhora das Dores era antes um convento. No tempo do terramoto em 1755 milhares de pessoas perderam todos os bens. Essa igreja aqui foi construída após o terramoto pelas pessoas que sobreviveram a essa catástrofe e o fizeram sem ajuda do Estado ou da Igreja. E isso foi feito em memória das pessoas que faleceram no terramoto. Essa era então a Irmandade. Em Portugal era assim que não existia directoria das igrejas, mas cada igreja e cada capela formava uma irmandade que respondia apenas directamente ao patriarcado de Portugal. Então chegou aqui um padre chamado Helme e ele descobriu a igreja, essa igreja que estava abandonada, e a Irmandade dispersa; ele agora já faleceu em 67. E ele fez o contacto com a diocese alemã que então enviou na época 250 mil marcos e por isso podíamos passar a utilizar a igreja. A Associação de São Bartolomeu é hoje uma unidade própria, não uma Irmandade. Isso foi nos anos 50 ou 60 e no prazo de cem anos, se essa decisão permanecer, então a igreja não tem mais nada a ver com a Associação que era a antiga Irmandade de São Bartolomeu. Eles têm bens em sua posse, bancos e edifícios que são por essa associação administrados. E eles têm também um lar de idosos e hoje não há dentro da Associação diferenciação entre católicos e evangélicos. Por ocasião do terramoto de 1755 os membros da Irmandade de São Bartolomeu estavam reunidos na capela da Igreja de São Julião, era um dia santo e por isso todos ali estavam. E morreram todos e eram todos católicos. Depois deste acontecimento é que chegam os protestantes e assumem a Irmandade e se inicia uma directoria de São Bartolomeu com membros protestantes, sendo que no decorrer dos anos que se seguiram houve mistura de membros católicos e protestantes. Até que nos anos 60, por determinação do cardeal e pela mudança de estatutos, a Irmandade deixou de existir como instituição católica romana passando a ser uma organização civil sem vínculo eclesiástico e dentro de cem anos essa determinação será totalmente expressa se não houver por parte dos membros mais nenhum vínculo com igrejas. E foi em 2004 que o Português Durão Barroso, representante da Europa, determinou ao Papa João Paulo II fazer a separação definitiva entre Igreja e Estado e*

por isso também as Irmandades que ainda hoje existem não têm vínculo com os Estados. [H2 p. 1e2]

A manutenção da autoridade também se refere à restrição de género na admissão de membros da Irmandade, sendo vedada a actuação de mulheres no quadro de membros e também na assembleia-geral, facto praticado pelas irmandades em geral e que a Associação de São Bartolomeu mantém como regra ainda actualmente apesar de sua secularização.

Os Estatutos de 1986 afirmam os seguintes critérios para tornar-se sócio da Associação: “ Podem ser sócios efectivos da Associação as pessoas singulares que cumulativamente preencham as seguintes condições: a) Serem maiores de 21 anos; b) Possuírem a nacionalidade alemã; c) Terem a sua residência habitual permanente em Lisboa ou arredores há mais de cinco anos; d) Terem dado provas de qualidades morais e oferecem garantias para o desempenho de qualquer actividade útil à Associação”²⁸ O que leva a concluir que a partir da orientação dos estatutos não se evidencia a proibição da membresia de mulheres ao quadro de sócios. No entanto, as entrevistas afirmaram que os respectivos membros para cargos vitalícios recebem convite por parte da direcção da Associação e posteriormente recebem a aprovação da assembleia-geral, o que leva a concluir que até o momento nenhuma mulher tenha sido apta ao convite.

Morsdorf (1957 – 1958: p. 7) destaca que as irmandades historicamente restringiram a participação das mulheres nas indulgências e graças espirituais, não tendo direito a voto nem podendo ser votadas. A única referência de participação de mulheres é de tal forma tida como insignificante que não há memória de nomes e nem sequer um número exacto de quantas teriam sido uma única vez eleitas – *Após a Segunda Guerra Mundial a Confraria estava sob a jurisdição portuguesa. E por oito anos não houve movimentação alguma por parte da Confraria. Até que o Estado Português devolveu a Confraria aos alemães para que voltassem a organização e movimentação. Naquela vez foi dito que qualquer alemão poderia ser membro, também as mulheres. Entraram em média dez mulheres na Confraria e saíram no mesmo ano. O que conclui que a Confraria é uma organização masculina e penso que irá continuar assim.* [H18 p.4]

²⁸ Estatutos da Associação de S. Bartolomeu dos Alemães em Lisboa. Extracto do Diário da República III Série nº181 de 1986.

3.6.5 Historicidade

“As instituições têm a qualidade da historicidade.”- Berger e Berger (1981:p.198)

Historiadores e pesquisadores alemães e portugueses têm-se dedicado à descrição dos factos históricos que envolvem as nações alemã e portuguesa, referindo a Irmandade como marco inicial desta relação.²⁹ A direcção actual da Associação estabeleceu contrato com dois cidadãos alemães residentes em Portugal para a elaboração de uma obra histórica oficial descrevendo toda a história que envolve a Irmandade. Durante dois anos estes investigadores percorreram arquivos para então concluir que a Irmandade de São Bartolomeu é a mais antiga de cunho alemão na história da humanidade: *Acabo de concluir uma obra histórica a respeito da Confraria de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa. São 600 páginas que no momento estão a ser traduzidas para o português. Será editada nas duas línguas português e alemão. São 700 anos de história contada nesta obra, com busca de arquivos no mundo inteiro.* [H18 p.2]

O valor histórico da Irmandade de São Bartolomeu é reconhecido e está preservado desde o século XIII. No entanto, o que esta pesquisa procura perceber, através do estudo de caso, é relevância actual desta organização no quotidiano dos diversos grupos de alemães em Portugal. No próximo capítulo dedicamo-nos a referir o trabalho de terreno e com ele, um reflexo que a actual Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa, entre outras organizações, preserva no contexto luso-alemão. Deseja-se observar e compreender a importância dos grupos em que os sujeitos se inscrevem, sendo estes grupos pontos de passagem de fluxos comunicacionais e identitários entre os sujeitos e o meio onde estão inseridos.

²⁹ EHRHARDT, Marion; MORSDORF, Klaus; HINSCH, J.D; MARQUES, de Oliveira, A. H; RIBEIRO, Vítor; OPITZ, Alfred; GANDARA, Alfredo; SCHWARZ, Reinhard;

4 - PROCESSOS IDENTITÁRIOS

4.1 Identidade e processos de socialização

“...Durante os quase trinta anos em que estou vivendo cá, eu construí a minha identidade. E ela tem elementos de várias culturas, várias formas de ser. ...” [H5p.3]

O objectivo deste capítulo é apresentar práticas, representações e estratégias identitárias que os sujeitos do grupo de estudo elaboram, adoptam e descrevem no contexto das organizações ou também fora delas. Para alcançar tal objectivo apoiamo-nos nas reflexões teóricas de autores entre os quais citamos: Bastos (2000); Castells (1997); Ciampa (2006); Doise (1980); Dubar (1997); Hall (1999); Pinto (1991); Tajfel (1981); Turner (1985); Velho (1994). A análise de conteúdo das entrevistas resulta das orientações metodológicas apresentadas por Bardin (1986) e Vala (1990).

Para Vala (1990: p.104) a análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de informação para diferentes níveis de investigação com o objectivo de organizar os dados, compreendê-los e dar a conhecer aos outros aquilo que estudamos. Trata-se de colocar os dados inventariados nas entrevistas num novo contexto com base nos objectivos e no objecto de estudo.

Após a audição, transcrição e/ou tradução das entrevistas, realizamos a leitura interpretativa de cada uma delas, estabelecendo uma reflexão em torno do conteúdo apresentado. Em seguida estabelecemos os temas, as categorias, subcategorias e exemplos. A análise categorial é o desmembramento de um texto em unidades ou categorias de codificação. Conforme Ghiglione (1992:p.187) trata-se de “ colocar cada

discurso sob uma forma mais cómoda que o torne mais “inteligível”, com tudo o que este termo pode ter de subjectivo, de ambíguo, de impreciso. Queremos obter um resumo para sob uma forma mais cómoda poder comparar, por exemplo, várias entrevistas”.

Bardin (1986) explica que categorizar implica separar determinados elementos e estruturá-los. Os resultados obtidos são expostos tema a tema, as categorias apresentadas através de quadros preenchidos com citações exemplificativas.

O estudo de caso é formado por sujeitos que narram as suas experiências em instituições ou organizações de cariz alemão e também em escolas, faculdades ou institutos portugueses. Estas narrativas revelam identidades, tradições, comportamentos e sentimentos e são o resultado do conjunto das relações sociais nas quais os sujeitos interagem. As entrevistas são relatos de vida de sujeitos que se constroem falando de si e do outro, descrevendo pertenças e representações identitárias próprias.

Há mais de oito séculos a primeira organização alemã em Lisboa, a Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães, constituiu a sua existência em ambiente português, criando a partir daí interacções internas e externas. Compreender como se reproduzem e se transformam as identidades implica conhecer os processos de sua construção e reconstrução. Segundo Dubar (1997:p.105), do ponto de vista da socialização, “ a identidade não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e colectivo, subjectivo e objectivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização, que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições”.

No plano teórico, o capítulo situa-se no âmbito das identidades sociais e das estratégias de representações sociais, as representações de si e do outro. Dubar (1997: p.104) define a identidade como aquilo que o indivíduo tem de mais precioso, um bem que se constrói e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida através de sucessivas socializações. O autor elabora sua análise na compreensão de várias modalidades de identidade pessoal, “ várias maneiras de construir identificações de si próprio e dos outros, vários modos de construção da subjectividade.” Dubar (2006:p.149) Para Berger e Luckmann (1999: p. 230) “ receber uma identidade é um fenómeno que deriva da dialéctica entre o indivíduo e a sociedade”.

Numa abordagem antropológica, a identidade é uma construção que se faz com atributos culturais, caracterizando-se pelo conjunto de elementos culturais adquiridos pelo indivíduo. A cultura, tal como a identidade, não tem um carácter estático e ambas, não sendo herança genética, são construídas através de múltiplas interações, resultado de similitudes ou de situações conflituais vividas pelos sujeitos. Assim, a identidade pode ser entendida como forma sócio-histórica de individualidade. A bagagem simbólica, trazida pelos sujeitos socializados no país de origem, é reelaborada no país de destino através das experiências interactivas.

Para Javeau (1998: p.166), o processo de socialização é ele próprio de natureza interactiva, tratando-se neste caso de aspectos relacionados com a socialização secundária. Na definição de Berger e Luckmann, (1999: p.178) a socialização secundária é a incorporação de um indivíduo já socializado (socialização primária) em novos sectores do mundo objectivo da sociedade. Os sujeitos em estudo apresentam narrativas de socialização em contexto profissional, educacional, religioso ou cultural recreativo, todas em carácter de socialização secundária, e por vezes hão-de referir aspectos da socialização primária, vivida na infância, tratados como memória cultural – *Tenho o livro de receitas da minha avó, que eu utilizo de vez em quando. São restos da minha ligação com a minha cultura.* [H5 p.2]

Investigações em ciências sociais entendem-se como formas de reflexão, interpretação e explicação dos fenómenos sociais, estudando as suas múltiplas manifestações. Conforme Maus (1981), a realidade social onde estes fenómenos se desenvolvem não está localizada fora do sujeito e nem dentro deste, mas nas relações que este estabelece com o meio. A interpretação dos fenómenos sociais reflecte a auto-interpretação do sujeito, que por sua vez está relacionada com os seus sistemas de valores, com as experiências de vida, os interesses e objectivos, reflectindo o contexto social plural no qual o sujeito se encontra. Em dialéctica com o contexto envolvente, o sujeito vai construindo imagens de si e do outro. Segundo Firmino da Costa (1999: p.82), “As identidades constroem-se de ‘materiais’ da história, geografia, biologia, de memórias colectivas, fantasias pessoais, aparatos de poder e revelações religiosas que se situam num contexto de relações de poder.”

Para boa parte dos autores, o conceito de identidade é essencialmente de natureza psicológica, referindo-se à percepção que cada sujeito tem de si mesmo, isto é, à percepção da sua própria existência, como pessoa que se relaciona com outros sujeitos,

com os quais forma um grupo social. Giddens (2004: p.29) refere: “A identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas. Estes entendimentos formam-se em função de determinados atributos que são prioritários em relação a outras fontes geradoras de sentido. O género, a orientação sexual, a classe social, a nacionalidade ou a etnicidade são algumas das principais fontes da identidade”.

Segundo Bastos (2002) “o conceito de identidade aponta tanto para a busca de auto-realização expansiva (tendencialmente imoderada e totalizadora) como para as estratégias de sobrevivência (pessoais, categoriais e grupais) e de busca da dignidade num mundo constituído genética e genealogicamente (e não apenas arbitrariamente) como um sistema de diferença.”

Ciampa (2006), psicólogo social brasileiro, explica a identidade como um processo contínuo da definição de si mesmo e de ‘estar’ no mundo. Segundo este autor, a questão central da Psicologia Social é compreender as transformações humanas. Ciampa usa a expressão *metamorphose* para nomear o processo pelo qual o sujeito se define no mundo. Para este autor, identidade entende-se enquanto movimento e dialéctica. No seu conjunto as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela.

4.2 Representações sociais e identidades sociais

Representações sociais são construções de pensamentos consensuais nas várias instâncias da vida social. As representações sociais são sistemas de valores com função de estabelecer uma ordem no mundo social. Trata-se de uma facilitação da comunicação entre membros de uma comunidade, por providenciar aos mesmos um código para nomearem e classificarem as suas histórias individuais e grupais.

Enquanto estudo, as representações sociais inauguram um novo campo na Psicologia Social, a partir da investigação apresentada por Moscovici, em 1961, e a publicação da tese: *La Psychanalyse: Son image et son public*. O autor desenvolve a teoria das representações sociais actualizando o conceito das representações colectivas de

Durkheim. Moscovici (2003: p.27ss) está interessado no estudo da diversidade das ideias colectivas nas sociedades modernas. Para o autor, as representações sociais são saberes colectivos compartilhados, como justificativas para opiniões ou posições tomadas em relação a objectos socialmente considerados. As representações sociais são essencialmente “um instrumento para categorizar as pessoas e os comportamentos”. Enquanto sistemas de interpretação, as representações sociais regulam as relações e os comportamentos sociais. Jodelet (2001: p.17-44) resume o conceito de Moscovici dizendo que “a representação social é sempre representação de alguma coisa (objecto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objecto nela se manifestam.”

Bastos (2000: p. 87-88), realiza um reenquadramento conceptual e introduz o conceito de representações sociais identitárias ao abandonar o conceito de estereótipo nacional. Segundo o autor, “a capacidade para a produção de representações identitárias aparece como uma competência generalizada dos sujeitos historicamente organizados em grupos sociais identitários”. No entanto, ela manifesta-se em grau diverso de um sujeito social para outro e de um grupo para outro. As representações sociais identitárias integram duas teorias sociais contemporâneas complementares: a teoria da identidade e a teoria das representações sociais.

Segundo Vala (1986: p.5-30), as representações são sociais porque emergem num dado contexto social e porque reflectem as relações sociais ao mesmo tempo que contribuem para a sua produção. O autor afirma, citando Moscovici, que a especificidade da situação de cada grupo social contribui para a especificidade das suas representações, enquanto a especificidade das representações contribui para a diferenciação dos grupos sociais. Este posicionamento situa as representações sociais no contexto dos fenómenos de diferenciação social e identidade social.

Na análise das entrevistas evidencia-se que os sujeitos estão envolvidos em relações sociais que configuram identidades sociais/pessoais, não havendo distinção nítida entre o individual e o social, mas uma articulação em que os limites se intercalam, concebendo a identidade enquanto elemento pessoal e ao mesmo tempo social.

Segundo Neuenschwander (1996), o autoconceito que o indivíduo tem de si é essencial para a formação da identidade. O valor pessoal e a soma de tudo aquilo que o sujeito assume como seu. Segundo Turner (1975: p.5-34), a identidade social e a identidade pessoal não constituem formas qualitativamente diferentes de identidade, mas antes formas diferentes de autocategorização.

Um dos autores cujos estudos sobre o tema das identidades são bastante difundidos é Erikson (1966: p.87s), para quem a compreensão de identidade implica definir quem a pessoa é no aspecto psíquico e social, o ser humano como um ser social, que vive em grupo, o reconhecimento dos outros é um aspecto imprescindível na formação da identidade. Para Erikson, identidade não significa um sistema interno fechado, mas um processo psicossocial, sendo ele o autor que introduz o conceito de identidade psicossocial, ou seja, identidade formada através de processos sociais. Estes processos são (re) construídos constantemente no desenvolvimento de relações sociais, por oposições, conflitos e negociações, numa dinâmica aberta, nunca acabada. A pesquisa a respeito das identidades é sempre um estudo social e/ou cultural. No aspecto psíquico importa estar identificado consigo mesmo, aquilo que o autor chama de «identidade do ego» (*sich selbst gleichsein*), enquanto no aspecto psicossocial identidade significa o processo de adaptação de um interior subjectivo com um exterior social, a forma individual de localização num espaço social.

Há uma diversidade de predicativos utilizados para qualificar os diferentes sistemas identificatórios e estes encontram-se nas diferentes reflexões teóricas relativas à temática das identidades: identidade cultural, identidade nacional, identidade pessoal, identidade social, étnica, religiosa, de género, ou profissional, estes são alguns dos predicativos tomados para definir cada qual uma intenção teórica. Para este estudo destaca-se o termo identidade social, privilegiando a dinâmica das relações sociais, das representações sociais e dos grupos sociais. Ao interagir, o indivíduo acciona, no outro, um processo de identificação que consequentemente suscita pertenças sociais, estruturando a origem pessoal e social da identidade. Para Pinto Madureira (1991: p.217s) a produção de identidades sociais envolve dois processos: por um lado a identificação pela qual os actores sociais se integram tendencialmente em grupos de pertença ou de referência e por outro lado a identização, processo pelo qual os sujeitos buscam se diferenciar socialmente fixando fronteiras em relação aos outros. Segundo este autor, as identidades sociais se constroem com e contra, ou seja: por integração e por diferenciação, por inclusão e exclusão, por complementaridades e contradições.

4.3 Identidade social e categorização social

“ ... Na Alemanha é difícil ser estrangeiro, mas em Portugal não é difícil ser estrangeiro se você vier de um país que tem determinado prestígio. Se eu fosse africana, provavelmente não gostaria de viver em Portugal....” [M18 p.3]

Tajfel (1981: p. 290), coloca o conceito de identidade no centro da análise das relações intergrupais e elabora o conceito de identidade social como “aquela parcela do autoconceito dum indivíduo que deriva do conhecimento da sua pertença a um grupo, ou grupos sociais, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença”. A visão que o indivíduo tem de si mesmo, o seu autoconhecimento, expressa-se pela sua pertença a um grupo ou vários grupos, e a partir desta elaboram-se categorias, sendo que um indivíduo pode actuar simultaneamente em diversas categorias sociais. Categorizar consiste em agrupar pessoas de acordo com características comuns (semelhanças físicas, psíquicas, comportamentais): família, nação, profissão, religião, partido político, etc. A pertença a uma categoria, ou mais de uma, determina a identidade social e define a posição do sujeito na sociedade. As categorias sociais conferem diferenças aos grupos humanos, podendo ser positivas ou negativas, consoante a que a pertença a um dado grupo contribua, ou não, para o autoconceito do indivíduo. Tajfel categoriza o grupo a que se pertence como intragrupo / *ingroup* e o grupo a que não se pertence como extra grupo / *outgroup*. Para este autor é significativo observar o elemento motivador da adesão ao grupo. Fazer parte de um grupo e não de outro é consequência dos processos de socialização da identidade social.

Amâncio (1996: p.296) compreende que o processo de categorização social está consentaneamente associado à acentuação das semelhanças intracategoriais e das diferenças intercategoriais, uma vez que o autoconceito de pertença, evocado pela categorização, está ligado ao significado emocional e avaliativo que resulta dessa pertença e exprime favoritismo pelo próprio grupo em detrimento do outro. Assim, os membros de uma dada categoria, por exemplo a nacionalidade, são perspectivados

como mais semelhantes do que membros de outras categorias, ou seja, outra nacionalidade.

Bastos (2000), parte de pesquisas sobre a multidimensionalidade das representações sociais identitárias para apresentar novas hipóteses a respeito da articulação do conceito de identidade pessoal com as identidades categoriais. A seguir procuramos demonstrar que os sujeitos de nosso estudo constroem as suas representações de identidade pessoal e social de modo a estabelecerem uma comparação com a identidade que atribuem aos membros do seu grupo categorial (da mesma nacionalidade) e a contrastam com o *outgroup* ou seja, os portugueses.

4.4 Representações identitárias:

Dissemelhanças entre alemães e portugueses

“...A minha chefe diz sempre: o rigor, o trabalho e a disciplina vêm do lado alemão, mas o coração vem do português. Aliás, foi a primeira-dama quem disse isso na festa dos 25 anos da ABLA: do alemão vêm o rigor, o trabalho, a disciplina e a garra e do português vem o coração quente...” [M13 p.4]

“...A esposa do presidente da República Cavaco Silva, Maria Cavaco Silva, disse: portanto, aqui vê-se a boa união da eficácia alemã com o grande coração português.”. [M14 p.4]

A hipótese inicial deste trabalho desenvolve a compreensão de que as organizações alemãs, aquelas representadas no grupo de estudo de caso, constituem espaços de construção, organização e reprodução de identidades específicas e são formas de disposição de redes sociais e instrumentalização de estratégias identitárias. Instituições alemãs propiciam a elaboração de representações das dissemelhanças entre alemães e portugueses.

A análise de conteúdo, demonstrada no quadro a seguir, refere os alemães enquanto grupo de pertença, *ingroup*, em relação aos portugueses enquanto grupo de referência, *outgroup*. Grupo de pertença refere-se aos sujeitos identificados ou não, com as tradições alemãs e que privilegiam ou não, o contacto com instituições alemãs como espaço de convívio e manutenção da identidade nacional alemã. Enquanto grupo de referência, estão os portugueses como grupo de interacção.

Quadro 9. Semelhanças/ Diferenças

Alemães	Portugueses
‘...Um fundamento alemão é o perfeccionismo, o que em Portugal não é o objectivo mais alto. Os valores são outros...’	‘...Os portugueses trabalham para viver enquanto os alemães vivem para trabalhar...’ ‘A sociedade portuguesa é policrónica, iniciam um projecto em várias frentes, o que para um alemão socializado parece totalmente caótico...’
‘...Os alemães são mais directos, mais ásperos e têm menos cuidados com as expressões interpessoais...’	‘...Um português por prática de educação tem dificuldades em dizer não a uma situação...’
‘...Os alemães são mais responsáveis e planeiam melhor as coisas. Por isso as leis na Alemanha são melhor respeitadas...’	‘...O sistema português é árabe: na frente é uma coisa e por trás é outra. O português é preguiçoso...’
‘...Na construção de frases, o alemão coloca o verbo no final, enquanto o português inicia logo com o verbo, o que faz com que o português interfira mais rapidamente numa conversa. ...’	‘...Confiar que um projecto pode acontecer sem linearidade e sem fases exactamente seguidas, e ainda assim acabar bem, é uma expressão do conflito pessoal entre cultura alemã e portuguesa...’

<p>‘...Num diálogo dificilmente vemos um alemão gesticular...’</p>	<p>‘...O português fala e discute emocionalmente e utiliza o corpo todo para isso...’</p> <p>‘...Os portugueses falam constantemente e todos ao mesmo tempo ao redor da mesa...’</p> <p>‘...Quando tenho um jantar com portugueses tenho de me esforçar para entrar na conversa ou senão não entro na roda de conversa e posso ficar a noite toda ali calada...’</p>
<p>‘...O resultado da união de trabalho entre portugueses e alemães é excelente...’</p>	<p>‘...Quando estou num encontro com portugueses ou numa conferência, ou o que for, me parece que os portugueses procuram a emoção do alemão, o que descreve também a forma do fado, que é bastante melancólico...’</p>
<p>‘...Na Alemanha via as pessoas a olhar no canto da janela quando saía para o jardim...’</p>	<p>‘... Penso que os portugueses são mais reservados. São muito pacíficos e deixam cada qual viver em paz no seu país...’</p> <p>‘...Aqui em Portugal ninguém vigia a vida do vizinho e pode-se viver tranquilo...’</p>
<p>‘...Na questão das amizades penso que os alemães fazem uma coisa: entre amigos falam constantemente sobre o relacionamento deles. Problematizam sistematicamente e dizem eu sou assim e você é assim...’</p>	<p>‘...Os portugueses definem a amizade através do modo de viver e não tem necessidade de verbalizar isso. E eu consigo viver bem na maneira portuguesa...’</p>
<p>‘...Há uma grande diferença no tema da pontualidade...’</p> <p>‘...A noção do tempo é diferente. Na Alemanha chegar atrasado a um convite de jantar, por exemplo, é considerado um desrespeito, o que para os portugueses é muito natural...’</p>	<p>‘...Uma questão perceptível é o significado da palavra ‘amanhã’ na cultura portuguesa. Amanhã para os portugueses é qualquer dia, mas também pode não ser nunca. Quando se é convidado para uma família alemã às oito horas, então são oito horas pontualmente. Mas aqui em Portugal se chegamos às oito horas somos considerados desagradáveis ou com comportamento não apropriado. Essa liberdade aparenta ser bonita, mas muitas vezes é difícil suportar tal situação...’</p> <p>‘...Há aspectos da cultura portuguesa que eu não aceito tal como: falta de pontualidade, aldrabice ou até mentiras...’</p>
<p>‘...A minha impressão é que os alemães têm os horizontes mais abertos, têm outra</p>	<p>‘...Os portugueses são mais humanos, mais flexíveis. Há em Portugal uma ideia de família como unidade fechada.</p>

experiência de vida...	<p>Não convidam muito facilmente para casa...</p> <p>‘...Eu acho que o português é um povo que luta com certos complexos sociais...’</p>
‘...Os alemães são objectivos e sistemáticos. A nível por exemplo profissional elaboram metas e têm um planeamento exacto e rigoroso...’	‘...Nas relações que eu estabeleço com portugueses tenho de me lembrar sempre destas diferenças e ser mais cuidadosa. Também muitas vezes quando o meu interlocutor português diz: ‘Sim isso seria muito bom e poderíamos fazer’, eu não sei ao certo se vai ou não acontecer. Tenho necessidade da forma mais directa...’
‘...O alemão está à vontade com americanos, com franceses ou qualquer outra nacionalidade...’	<p>‘...O que sinto nos portugueses é que quando se fala em estrangeiros há um sentimento de complexo, sentem-se um bocado inferiores...’</p> <p>‘...A receptividade dos portugueses é algo que vou levar comigo quando retornar novamente à Alemanha. A forma hospitaleira como os portugueses recebem quem vem de fora...’</p>
‘...Os alemães têm aquela conotação de serem pessoas muito lógicas, frias no sentido do raciocínio. ...’	‘...Portugueses na minha faixa etária cresceram ouvindo o fado, um estilo musical folclórico que esbanja emoção e descreve bem o ser português...
‘...Os alemães trabalham mais do que os portugueses. Os alemães são muito considerados pelos portugueses por serem trabalhadores, analíticos e sistemáticos...’	‘...A burocracia é que é terrível em Portugal. Têm ideias boas, mas elas não funcionam...’
‘...Há diferenças em várias áreas. Começando quando as pessoas se encontram pela primeira vez na Alemanha as pessoas dão a mão, não se tocam muito. Na Alemanha é apenas um aperto de mão muito formal. Uma forma fria de cumprimentar uma pessoa...’	‘...A aproximação física nos relacionamentos quando pessoas se conhecem a primeira vez agrada-me mais aqui em Portugal do que na Alemanha. Aqui as pessoas tocam-se, beijam no rosto...’
‘...A democracia aqui é muito jovem. Lutar pelos seus valores, coragem cívica – isso é mais dos alemães...’	‘.... Os portugueses falam muito mas não são agressivos. Se a revolução tivesse ocorrido em Espanha, então o sangue teria corrido como os rios. Mas aqui houve duas ou três mortes e nada mais. Portugueses são um povo de fácil relacionamento...’

<p>‘...Como alemães somos facilmente estereotipados como ricos e assim facilmente enganados...’</p>	<p>‘...Em relação à sociedade portuguesa, há um preconceito com mulheres estrangeiras. Eu construí aqui uma casa e fui sempre enganada e foi um problema para mim. Por ser mulher, por ser estrangeira, então tem muito dinheiro...’</p>
<p>‘...Na perspectiva profissional vejo que os alemães são mais característicos para arregaçar as mangas da camisa e encontrar uma solução para determinado problema...’</p>	<p>‘... No planeamento e abordagem de um problema, os portugueses improvisam muito mais...’</p> <p>‘...Em Portugal é feito pouco planeamento mas alcança-se também um objectivo. E sobre isso poderíamos conversar horas, quem tem a melhor estratégia...’</p> <p>‘...Aqui em Portugal onde as coisas são negociáveis abre-se para mim toda uma rede de possibilidades. E no momento acho isso muito interessante...’</p>
<p>‘...Alemanha tem uma boa imagem em Portugal...’</p> <p>‘...Acho que continua a opinião dos portugueses de que os alemães têm uma cultura bastante rica e desenvolvida e uma história desenvolvida e assim há um certo respeito em relação aos alemães...’</p>	<p>‘...Com os portugueses não se sabe bem ao certo sempre como interpretar, pois com o complexo de inferioridade interiorizado permanecem muitas vezes sem expressar o que realmente pensam. Queixam-se muito e também se retiram de responsabilidades muito facilmente...’</p> <p>‘...Os portugueses têm um complexo de inferioridade que os exclui muitas vezes sem motivo real...’</p>
<p>‘...Numa cultura universalista como a da Alemanha a afirmação é de que há regras fixas para todos e final de conversa...’</p>	<p>‘...O português pode ter objectivos mas pode seguir por aqui ou por ali sem problemas de mudar as estratégias. São menos rígidos. E assim se calhar aproveitam mais a vida...’</p>
<p>‘...Na Alemanha há sempre caos na paragem do autocarro...’</p>	<p>‘... Os portugueses organizam perfeitamente uma ordem para entrar no autocarro...’</p>
<p>‘...À partida os alemães são bem recebidos em Portugal. Há no entanto uma barreira que diz respeito ao hábito social dos portugueses. Os alemães têm a noção de que uma amizade tem de ser cuidada, que se tem de fazer algo por ela. Para nós não basta essa ideia de se encontrar uma vez ou outra para comer juntos...’</p>	<p>‘...Na minha visão os portugueses são bastante descomplicados, talvez um pouco menos organizados que os alemães, mas a gente habitua-se...’</p>
<p>‘...Pontualidade e confiança são características com mais importância na</p>	<p>‘...Uma coisa que nunca consegui tolerar muito bem em Portugal é que nada começa a horas. Nenhum teatro,</p>

Alemanha do que em Portugal. Houve um seminário em que o professor indicou dez páginas de leitura de uma sessão para a outra e percebi que eu fui a única pessoa a ler as páginas indicadas...	cinema, nada...
‘...Os alemães são muito directos com o <i>feedback</i> onde mostramos se gostamos do resultado de uma reunião ou não...’	‘...Logo percebi que o português que trabalha comigo é mais sensível e percebi logo que deveria ter uma outra forma de agir com os meus colegas portugueses...’
‘...E uma coisa é o pão, porque o pão alemão é o melhor do mundo e aqui não há. E na Alemanha temos tanta variedade e imensas padarias. E senti falta do pão alemão. Aqui comem-se comidas quentes no almoço e no jantar. Na Alemanha só para o almoço e no jantar come-se pão alemão e queijo ou frutas...’	‘...Na tradição portuguesa a família encontra-se para comer, quase a cada mês há uma festa ou um aniversário, mas não há aprofundamento além do comer junto...’

Fonte: Entrevistas realizadas entre 2009 e 2010

As descrições revelam uma forte capacidade de cruzar as diferentes experiências vividas nas relações grupais e intergrupais, e produzir representações que fundamentam seus comportamentos.

As representações são formas elaboradas de dar significado às experiências vividas no dia-a-dia e também à própria existência individual e social. O quadro acima demonstra um universo de representações em forma de comparações através das quais os sujeitos se descrevem a si e às suas experiências; através das representações o sujeito localiza socialmente a si e ao seu grupo. A identidade social identifica o sujeito no próprio grupo e o distingue de outros grupos. Essa distinção é, na maioria das vezes, de cunho cultural-comportamental e destaca-se pela forma como é idealizada a representação do ser alemão em relação ao ser português e vice-versa – *Os portugueses têm uma imagem do alemão que é muito trabalhador, muito disciplinado, muito rigoroso, muito inovador, muito organizado.* [M9 p.2] Caracteriza-se o ser português através de representações enunciadas nos discursos – *O português é muito mais solto, desapegado de compromissos, se não faz hoje, deixa para amanhã. A marcação de*

horário para um compromisso é algo incerto para o português e ele está habituado assim. O português improvisa. O alemão não. [M16 p.2]

A construção das representações resulta de actividades sociais vividas pelos sujeitos que as elaboram a partir das posições sociais que ocupam. As representações são construções discursivas que definem as diferenças e semelhanças entre as duas culturas enquanto categorias de análise. - *Há uma forma diferente de ser, de lidar com as coisas e de dar importância às relações, de fazer e seguir um sentimento. Aqui, sonha-se e fala-se de sonhos que na maior parte das vezes não se concretizam. Os alemães, quando dizem que se comprometem com algo, dizem por determinação de fazer isso mesmo. E não receiam. Por exemplo, eu marquei, há um ano um encontro com um colega de escola, alemão, e para isso não preciso telefonar novamente para confirmar o encontro. Na data marcada eu viajo para a Alemanha e sei que ele vai estar lá. Aqui seria necessário telefonar para confirmar e o português diria: Como assim? Não me lembro de ter combinado algo contigo há tanto tempo. Sinto isso como uma diferença estrutural entre esses dois grupos. Tem a ver com a ideia de que os alemães são tão disciplinados ou até pouco flexíveis.* [M15 p. 4]

A elaboração das representações relaciona-se à alteridade. O olhar sobre o outro determina a própria autopercepção e as mudanças comportamentais que daí decorrem. *Os portugueses não fazem a vida tão difícil como os alemães. Os Alemães são mais responsáveis e planeiam melhor as coisas. Por isso as leis na Alemanha são melhor respeitadas. A vida aqui é mais leve e não há tanta preocupação com as consequências de certas atitudes. E eu assimilei isso.* [M7 p.2]

A complexidade de algumas das auto-representações permite notar que a comunhão da mesma nacionalidade faz perspectivar os representantes do próprio grupo como mais semelhantes, intracategorias, do que os outros, intercategoriais, grupos de nacionalidade diferente. Trata-se de uma forma de favoritismo aos membros do próprio grupo. *Os Alemães são objectivos e sistemáticos. A nível por exemplo profissional elaboram metas e tem um planeamento exacto e rigoroso. Já o português pode ter objectivos mas pode seguir por aqui ou por ali sem problemas de mudar as estratégias. São menos rígidos. E assim se calhar aproveitam mais a vida. Outra questão é a pontualidade porque na Alemanha chegar atrasado a um convite de jantar, por exemplo é considerado um desrespeito, o que para os portugueses é muito natural. A noção do tempo é diferente.* [M21 p.2]

As diferenças são, muitas vezes, aumentadas através das representações. Objectivando enfatizar os distanciamentos sociais e culturais entre as categorias analisadas, percebe-se em várias categorizações uma sobrevalorização das diferenças: *Há uma diferença muito grande. O alemão é mais áspero e o português é latino é cortês. E o sistema português é árabe: na frente é uma coisa e por trás é outra.* [M3 p.3]; *Os portugueses são mais os poetas, os alemães são mais os pensadores. Há poucos conceitos integrais aqui. Os alemães são mais fazedores, pensam e avançam. Os portugueses avançam mais facilmente com todo entusiasmo. Depois muitas vezes perdem o entusiasmo no caminho, ou já não sabem onde é o rumo, o objectivo. Os alemães são mais estratégicos, mas isso é devido ao pensamento.* [M2 p.3] Bastos (2000: p.86) situa os sujeitos “enquanto diferentes a partir de suas diferenças de desejos, interesses, crenças, opiniões e pertenças categoriais (...) e grupais, possibilitando-lhes a construção e afirmação de um espaço identitário próprio”.

A compreensão daquilo que se define como o senso comum em relação ao *outgroup* pode levar a uma sobrevalorização da homogeneidade deste grupo, o que leva a invisibilidade das particularidades do grupo a que se compara e também das características comuns aos dois grupos. *É engraçado como os portugueses conseguem manter essa ideia de que eles são muito abertos, que recebem muito bem as pessoas, que em contrapartida os alemães são um grupo muito fechado e a minha experiência é exactamente o contrário. Eu gosto de viver em Portugal, mas vejo esse discurso oficial que consegue camuflar, consegue esconder a realidade. Quando recebo amigos alemães que não conhecem Portugal, eles não acreditam. Porque, na concepção dos alemães Portugal é um país onde todas as pessoas estão de braços abertos e são muito amigáveis, e não acreditam muito. Só quem vive cá mais tempo muda essa opinião um bocado. Mas eu também não quero cair no erro de ter também preconceitos.* [H5p.4]

Ao analisar o quadro acima, relembremos Moscovici (2003, p. 242), quando este afirma que as representações sociais são sistemas de valores para uma facilitação da comunicação entre membros de uma comunidade, por providenciar aos mesmos um código para nomearem e classificarem as suas histórias individuais e grupais. A comunicação intercategoriaal ocorre, muitas vezes, de forma a gerar valores de estigmatização dos alemães em relação aos portugueses: *Com os portugueses não se sabe bem ao certo sempre como interpretar, pois com o complexo de inferioridade interiorizada permanecem muitas vezes sem expressar o que realmente pensam.*

Queixam-se muito e também se retiram de responsabilidades muito facilmente. [H15 p.3] De acordo com a afirmação, também de Moscovici, de que as representações estão em permanente processo de mudança, pode-se supor que os antagonismos observados no quadro acima possam ser, em outro momento, substituídos por representações identitárias menos incompatíveis. E, na perspectiva sociológica, isso acontece quando os sujeitos desejam e aceitam ser re-socializados no processo de encontro com o outro.

4.5 Identidade nacional

“...Acho que as raízes nunca devem ser negadas. E há diferenças culturais sempre. Mas com uma atitude positiva podemos complementar-nos muito bem. Há uma coisa de que eu gosto nos alemães, são pessoas sempre em busca da solução do problema, são criativos na área de arranjar soluções para dificuldades na sociedade, organizam-se para resolver problemas, fazem grupos de auto-ajuda. E neste aspecto tenho um grande orgulho nacional. O que eu desejaria cá aos portugueses é de facto serem menos portugueses e mais europeus talvez. Olhar um pouquinho por cima do ombro e ver o que é que o vizinho faz. Não precisa de ser o alemão, pode ser o francês. Eu acho que se os portugueses pecam numa coisa é nisto: querem solucionar sempre à maneira deles, não buscam dirigir os faróis aos outros. E neste aspecto, sobretudo na área da saúde, gostaria que houvesse ainda muitas inovações cá em Portugal...” [M13 p.4]

Hall (1999: p.18), no âmbito dos estudos étnicos e culturais, afirma que a identidade conserva o enunciado da nacionalidade, embora não haja nada no gene humano que o faça ser, de facto, de algum país. Através de convenções simbólicas e culturais, os sujeitos se definem como parte de uma nação com as mesmas representações e os mesmos conjuntos de significados. Desta forma, criam-se as fixações identitárias com

um discurso próprio para cada grupo nacional. O autor define essas fixações identitárias caracteristicamente abstractas, criadas para afirmar uma cultura nacional em detrimento da outra. Na reflexão deste autor, a identidade é modificada em relação aos interesses do sujeito, e pode ser alterada a qualquer momento devido a questões particulares politicamente manipuláveis.

Identidade nacional é, ao mesmo tempo, inclusão e exclusão: ela identifica o sujeito no grupo e distingue-o de outros grupos. A identidade nacional aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença identitária nacional; grupos nacionais no país de destino são fortes referências para a reformulação das identidades. A análise da identidade nacional permite a localização social e cultural da formação identitária.

No quadro a seguir observam-se aspectos de fixação identitária nacional do grupo de estudo.

Quadro 10. Representação identitária nacional

Tema	Categoria	Subcategoria	Exemplos
Identidade Nacional	1. Identificação Objectiva	1.1 Fisicamente desassociada do modelo	<p>“...A minha aparência não é tipicamente portuguesa....”.</p> <p>“ ...Não consigo ficar anónima em Portugal. Eu vou ao mercado e quando alguém olha para mim ou fala comigo associa-me com tudo que não seja português. Começam por me classificar como francesa ou como croata, moldava, ucraniana nestes cantos é que alguns me colocam....”.</p> <p>“...Aos olhos dos portugueses penso que sou visto como estrangeiro, mas nem sempre como alemão, muitas vezes como francês. Acho que é por razão da minha estatura física...”.</p>
		1.2 Através de documentos de identificação e/ou da religião	<p>“...O meu pai nasceu na Madeira, mas nunca quis o passaporte português...”.</p> <p>“...tive de arranjar a papelada toda porque eu queria ser português e não queria ser alemão...”.</p> <p>“... Há em Portugal extremamente poucos</p>

			protestantes e os que falam alemão são mesmo os que participam nesta igreja...”.
Identidade Nacional	2. Identificação Subjectiva	2.1 Características comportamentais	“...Sinto-me alemão por falar alemão e por me entender a mim mesmo através da cultura alemã. Sou pontual, exacto e perfeccionista...”.
		2.2 Através do prestígio social / Fidelidade nacional	“...Sinto-me um alemão em Portugal. Minha língua é o alemão, a minha organização é alemã, o meu pensamento e o meu sentimento são alemães. Quando estou fora da Alemanha valorizo ainda mais a organização do meu país e já vivo há vinte anos em Portugal...”.
		2.3 Através das tradições culturais	“...A maior parte da minha vida passei em Portugal; nem por isso me sinto mais portuguesa. Sinto prazer nas tradições alemãs...”.
	3. Desidentificação Subjectiva	3.1 100% no local ; Identidade Europeia	“...Eu não sou um modelo para a identidade alemã. Procuro estar a 100% no local onde estou vivendo no momento...”.
		3.2 Identificação mista, multinacional	“...Sou europeu. Não me sinto assim alemão. E não tenho uma identidade alemã. Tenho um passaporte alemão, mas a minha identidade pessoal é europeia...”.
			“...Depois de que aprendi o português ficou tudo bem. Tenho o sentimento de ter perdido algo, mas ganhei outras coisas, até a capacidade de oferecer aos meus filhos o espaço de duas culturas e de se sentirem bem nas duas...”.
			“...Sinto que sou uma mistura. Quando estou com portugueses sinto-me portuguesa. Quando estou com alemães sinto-me alemã...”.
			“...Procuro desenvolver uma identidade multicultural...”.

			“...A minha identidade é múltipla. É uma mistura....”.
		3.3 Identificação com o país de acolhimento	<p>“...Até penso em português. Tenho consciência de que os meus descendentes vão ser portugueses...”.</p> <p>“...quanto mais soube sobre o nazismo, mais eu quis dissimular ou minimizar a minha identidade alemã. Eu queria parecer o menos alemão possível...”.</p> <p>“...Eu fiz tudo para parecer portuguesa. E sinto – me mais e mais portuguesa...”.</p>

Fonte: Entrevistas realizadas entre 2009 e 2010

Identificação objectiva é compreendida como aquela que define a identidade a partir de critérios determinantes como as características físicas, a língua, a origem comum ou a religião. Identificação objectiva é “aquela que é produzida pelos serviços de identificação dos Estados, discriminando entre ‘nacionais’ e diferentes tipos de ‘estrangeiros’”.³⁰

Identificação subjectiva é a que descreve a identidade como uma vinculação colectiva imaginária, como processos cognitivo – emocionais, demonstrada por uma elevada auto-estima nacional carregada de simbolismo e afecto. Esta auto-estima, na maior parte das vezes, contribui para um olhar crítico em relação ao outro, despojado desta mesma pertença nacional e de uma necessidade de superioridade em relação ao outro. Segundo Bastos (2000, p. 42), “A subjectividade pode ser investigada sistematicamente, através de instrumentos que a ‘objectivam’ e permitem a sua medição e comparação em níveis de análise previamente seleccionados como pertinentes”.

Uma vez que a nacionalidade articula sentimentos de comunhão entre os seus membros, interessou-nos perceber a compreensão de nacionalismo que o grupo elabora. Há entre os sujeitos de maneira geral um mal-estar em relação ao termo e à conotação histórico-política que carrega – *Como alemão obviamente tenho uma ideia bastante má sobre nacionalismo. Tem a ver com a nossa história; os portugueses normalmente não têm problema nenhum com isso. Afirmam-se claramente ou até ingenuamente como*

³⁰ As expressões: identificação objectiva, identificação subjectiva e desidentificação subjectiva usadas para referir as categorias de análise foram retiradas de Bastos e Bastos, 1999 p.11ss

portugueses. Um alemão normalmente diz: Sou alemão mas....Tem a ver com a nossa história obviamente. [H3 p.3]

Razões históricas e sociais são a causa da atitude diferenciada que alemães e portugueses tem em relação ao orgulho nacional: *Os alemães têm o orgulho nacional danificado por razões históricas. Mas desde a última estação de jogos mundiais de futebol isso já não é bem assim. Os alemães disseram: E porque não ter orgulho nacional? E festejaram a vitória.* [M7 p.3]

A desidentificação subjectiva aplica-se a uma desidentificação ou não identificação da própria identidade nacional, ou seja, com o país de referência – *Todas as palavras que têm sufixo ‘ismo’ são para mim caracteristicamente negativas. Por nacionalismo vejo instantaneamente Hitler. É bom estar a favor da sua nação, e os portugueses têm orgulho nacional. Mas eu vivi no tempo pós-guerra onde não se tinha motivos para orgulho nacional. A minha juventude foi de vergonha nacional. Eu escondi a minha nacionalidade por muito tempo.* [M25 p.2]

O orgulho nacional não é característica da maior parte destes sujeitos: *Eu não consigo dizer que tenho orgulho de ser alemã. Eu nasci alemã e é assim. Não saberia dizer sobre o que eu deveria estar orgulhosa. Há muitas coisas que eu tenho gosto no modo de ser alemão, mas isso não tem de significar nacionalismo. A minha filha agora tem 14 anos e quer ser conhecida e apresenta-se só como portuguesa e até o apelido alemão ela quer deixar de lado: Não gosto que pensem que sou alemã!* [M1 p.3]

A partilha de um mesmo sentimento em relação às duas nacionalidades, alemã e portuguesa mostra-se como uma postura que evita o embate: *Eu identifico-me tanto com a nação portuguesa como com a alemã. Os portugueses têm uma identidade nacional mais forte do que os alemães e tem mesmo de ter em razão da história de Portugal e da sua geografia – um país pequeno que só tem fronteira com Espanha, que é um país muito maior. E Portugal sempre teve de se defender deste vizinho espanhol. Os portugueses são muito orgulhosos de maneira positiva e dizem: nossa pequena nação não é uma província de Espanha como muitas vezes é dito em outras partes da Europa.* [M4 p.3]

4.6 Retorno ao país de referência ou permanência no país de pertença

“... Aqui vivem muitos alemães que não pensam mais em voltar para o país, ainda que frequentemente a missa alemã ou outro grupo, o que não significa refugiar-se num gueto nacional, mas a compreensão de viver numa outra sociedade...” [H13 p.3]

A vinda para Portugal parece resultar de uma escolha, a partir de critérios³¹: *Escolhemos Portugal para viver. Sempre queríamos viver no sul e assim acabámos por escolher este país. Conhecíamos algumas pessoas de Portugal, viemos para Cascais e gostámos daqui. Tínhamos as opções de Itália, Espanha, Portugal e França.* [M6 p.2]

Neste sentido as motivações para a permanência em Portugal ou o retorno à Alemanha relacionam-se igualmente com uma variedade de alternativas. Segundo um dos entrevistados, professor de Psicologia, a motivação é uma decisão pessoal, uma justificativa para uma tomada de decisão: *O que nós chamamos de motivação é uma justificativa ou racionalização de uma tomada de decisão que tivemos devido às circunstâncias ou às vezes é o acaso. Eu queria sair da Alemanha, conhecer outro país, conheci a minha mulher, mas não conhecia Portugal. Vim para aqui e fiz a minha vida aqui e se me pergunta o que me motiva a ficar, eu arranjo-lhe justificativa; pessoalmente gosto da diversidade.* [H7 p.3]

O quadro abaixo categoriza algumas das motivações/ justificativas, a partir da questão entre permanecer em Portugal como país de pertença ou retornar à Alemanha, país de referência. A questão foi considerada válida também para aqueles sujeitos nascidos em

³¹ Compreensão que, como outras, não deve ser generalizada, antes demonstra a complexidade do grupo. Um exemplo que contraria esta afirmação refere: *Portugal não é o meu país de escolha. E eu preferi buscar os contactos internacionais e multiculturais que me foram possibilitados estando aqui em Lisboa.* [H 11p.4]

Portugal, para os quais a Alemanha é país de referência por razões familiares ancestrais, na maior parte das vezes.

Quadro 11. Motivação para o retorno ao país de referência ou para permanência no país de pertença. ³²

Tema	Categoria	Subcategoria	Exemplos
Objectivos Futuros	1. Retorno ao país de referência	1.1 Razões familiares / profissionais	“...Possivelmente no final deste contrato retorno à Alemanha por razões familiares, meu companheiro vive lá. A minha família e todos meus amigos também. Eu estou aqui em Portugal a viver sozinha, com meus cavalos. O meu companheiro tem na Alemanha também um cargo de destaque e por isso permanece vivendo na Alemanha.
		1.2 Dependência de contrato	“...Possivelmente vou voltar. Essa é a razão de eu não ter deixado o contrato alemão. Eu tenho hoje 46 anos. Durante 30 anos fiz os meus descontos no sistema alemão. Tenho a minha segurança social e de saúde na Alemanha...”.
		1.3 Retorno condicionado	<p>“...É possível que algum dia retorne à Alemanha. Mas no momento tenho ainda muitas ocupações por aqui. Na Igreja Evangélica Alemã sou responsável pelos arquivos e pela organização de material histórico. Também sou responsável pelo Cemitério Alemão. No ano de 2012 vamos completar 250 anos de Igreja Evangélica Alemã em Portugal e já estou na coordenação dos preparativos para este evento...”</p> <p>“...Isso depende da vontade do meu filho de, por exemplo, querer estudar na Alemanha, e então poderíamos eventualmente viver na Alemanha, mas no momento não tenho ideia a esse respeito...”.</p>

³² Segundo Merton (1970), a sociedade de origem representa um grupo de referência, enquanto a sociedade de destino representa um grupo de pertença.

	2. Permanência no país de pertença	2.1 Delimitação de contacto com país de referência	<p>“...Não me atrai a ideia de voltar para a Alemanha, pois a sociedade alemã já não me agrada de todo. O estilo de vida aqui agrada-me muito mais. Eu aqui sou estrangeira e todos são agradáveis comigo...”.</p> <p>“...Eu já estou aqui há tantos anos e voltando para trás encontraria um país que já não é o mesmo que eu deixei...”.</p> <p>“...Viver na Alemanha não faz mais parte do meu desejo pessoal. Tenho às vezes muitas saudades de lá estar, saudades de uma ou outra coisa e de pessoas. Saudades de coisas típicas. Mas depois de estar lá por um tempo maior eu percebo que não posso mais viver na Alemanha...”.</p>
		2.2 Vida organizada no país de pertença	<p>“...Não tenho razão nenhuma para voltar à Alemanha. Tenho a família toda aqui. Tive sempre cerca de 50 funcionários, quase todos portugueses. Vivo há 56 anos em Portugal e a minha vida toda é feita cá...”.</p> <p>“...Aqui nasceram os meus filhos e o meu marido morreu aqui. Vou segurar o meu lugar em Portugal...”.</p> <p>“...Vou permanecer aqui. Eu tenho aqui uma casa com jardim e gosto muito do meu espaço. Tenho as filhas a viver perto de mim...”.</p>
		2.3 Permanência condicionada	<p>“...Pensamos ficar em Portugal enquanto tivermos condições para isso. Nós gostamos de estar aqui. Mas Portugal tornou-se uma realidade muito cara...”.</p>
		2.4 Aquisição de imóvel	<p>“...Vamos ficar aqui, comprámos casa...”.</p> <p>“...Vou ficar aqui. Temos uma casa agradável...”.</p>
		2.5 Qualidade de vida	<p>“...Vou ficar aqui. Moro na Praia das Maças. O melhor de Portugal é o clima...”.</p> <p>“...A qualidade de vida é melhor aqui. Há mais ofertas culturais, parques, praia, sol. Além disso, os portugueses são mais simpáticos e o clima é agradável...”.</p>
		2.6 Dupla pertença	<p>“...O que eu poderia imaginar é uma existência de troca, onde poderia viver tanto aqui como lá em determinadas épocas do ano...”.</p>

Fonte: Entrevistas realizadas entre 2009 e 2010

Há uma reacção táctica dos sujeitos em relação ao tema, somando ganhos ou perdas em relação ao ficar em Portugal ou retornar à Alemanha. A questão financeira é um dos factores mais significativos, por exemplo para aqueles sujeitos na modalidade de trabalhadores transnacionais que através do movimento de vai-e-vem regular circulam frequentemente entre países. Estes sujeitos mantêm vínculo de contrato alemão e portanto ao final do contrato retornam ao país de referência ou transferem-se para outros países. Para estes profissionais a pergunta pelo retorno está desarticulada da sua realidade, uma vez que as viagens à Alemanha acontecem mensalmente e para alguns até mais de uma vez ao mês. Por isso, para estas pessoas uma questão que se coloca como tema é, por exemplo, a escolha pelo local onde viver na reforma, tendo em vista a quantidade de alternativas que se abrem, e todas elas atractivas e possíveis de realizar – *Eu consigo imaginar-me vivendo bem aqui, como na Baviera ou na Saxónia e também em Espanha. Acho que tem relação com a minha situação profissional; quando já nos movimentamos muito geograficamente, então não temos esse sentimento forte de um dia voltar para casa. Também me pergunto às vezes onde vou ficar quando entrar na reforma. Há dois dias estive com alguém da embaixada austríaca que é casado com uma espanhola e também fazem essa pergunta sobre onde viver na reforma, tendo uma casa em Viena, em Portugal e também em Espanha. O mundo ficou em muitos aspectos diminuído nos últimos cem anos. A mobilidade tem uma ênfase grande na actualidade, a era da educação internética é tal que as fronteiras se desfazem. Naturalmente é bonito viver na Baviera e eu alegro-me quando estou em Munique, foi lá que eu e a minha esposa estudámos e nos conhecemos. Pensamos também na alternativa de viver na Áustria porque eu e a minha esposa gostamos muito de andar de ski e gostamos de desporto. Também pensamos em viver em Espanha onde a minha esposa tem os pais e onde também é muito agradável. E outra alternativa é Portugal de que eu gosto muito. Mas também penso que é muito confortável viver aqui com o meu estatuto social actual e o ordenado que agora tenho; no entanto se tivesse de viver como português, com o ordenado bastante reduzido, naturalmente não gostaria de viver aqui assim. Tudo depende do nível material e económico, do país em que podemos viver e nos sentir bem.* [H13 p.3 e 4]

A qualidade de vida oferecida no contexto português é a prioridade ao exprimir a razão da escolha deste país como espaço de trabalho e de vida definitiva. Sendo destaque que umas das entrevistadas é a única entre os 43 sujeitos a referir os amigos como unidade

de valor para a permanência definitiva em Portugal. E também refere o sentimento de felicidade em relação à esta questão. *Eu sinto-me em casa. Há aqui muita qualidade de vida, tenho imensos amigos. Estou feliz.* [M2 p.3]

Ao considerar os factores positivos e negativos da vida em Portugal a decisão entre ficar ou retornar à Alemanha converte-se no modo diferenciado de viver a vida, com menos ansiedade e aproveitando melhor a vida. Esta decisão leva a adopção de atitudes e valores específicos – *Penso que há uma diferença mesmo significativa entre os alemães que vem para Portugal para um tempo pré determinado e aqueles que aqui vivem sem preparar o retorno. Percebo que as pessoas que vem para ficar aqui cinco ou seis anos não têm muito gosto por Portugal e mantêm distância por saber que irão mudar dali novamente. Já as pessoas que como eu, vivem aqui sem prazo determinado compreendem que temos de nos sentir bem aqui e dizemos: a burocracia portuguesa é difícil, mas Portugal é agradável. Temos a tendência para ver o que é bom quando sabemos que vamos viver aqui com a nossa família e do contrário queremos enaltecer o bem do nosso país para o qual queremos voltar. Quero dizer que não está relacionado com o país em si, mas com a individualidade de cada realidade pessoal ou familiar. As pessoas que ficam aqui por pouco tempo permanecem muito mais alemãs, não se integram com intenção de conviver, mas querem em pouco tempo conhecer tudo sobre o país.* [M11 p.6]

Um aspecto considerado atractivo do contexto é a liberdade que os portugueses oferecem aos estrangeiros, deixando-os viver no seu país da forma como lhes aprouver. *O factor tempo meteorológico de Lisboa agrada-me e quando faz frio na Alemanha eu aqui posso abrir a janela e deixar entrar o sol. Outro factor é a tolerância dos portugueses que não se preocupam tanto com a vida alheia como os alemães. É mais fácil conviver com os portugueses do que com os alemães no dia-a-dia. Os portugueses aproveitam melhor a vida.* [H17 p.4]

O forte investimento identitário em Portugal, resultado, entre outros aspectos, dos anos de permanência no país e da estrutura familiar aqui organizada, leva a que dos 43 sujeitos da pesquisa 32 afirmam não considerar sequer a possibilidade de retorno à Alemanha mas ficar vivendo em Portugal. Destes, um sujeito afirma desejar transferir-se ao Brasil após a reforma e oito sujeitos deste mesmo grupo demonstram vontade e capacidade financeira para após a Reforma intercambiar a existência entre os dois países, mantendo casa tanto em Portugal como na Alemanha. Dos 43, 6 sujeitos

afirmam estar em processo de conclusão de contrato na modalidade da mobilidade de quadros qualificados e portanto perspectivam actuar em outro país para um prazo de três ou quatro anos. E do total de 43, 5 sujeitos afirmam retornar a Alemanha, sendo que dois destes o fazem em razão da Segurança Social Alemã e da constatação do sistema de saúde precário em Portugal ou ainda em razão de reagrupamento familiar. Os outros dois sujeitos que afirmaram planear o retorno à Alemanha são as estudantes de Erasmus, sendo que uma delas no dia da entrevista organizava a documentação necessária para concluir a Licenciatura em Portugal.

4.7 Características das pertenças e das organizações³³

“...As instituições servem para os alemães que aqui vivem, para a necessidade que estes têm de convívio com outros alemães. E penso que isso possa perdurar até a primeira e segunda geração, até que uma vez os filhos dizem: Não vemos sentido em participar no Clube Alemão. Mas também há sempre novos alemães que vem e se tornam membros destes grupos...” [H14 p.2]

Na compreensão de Merton (1970), as atitudes, os comportamentos e os valores do sujeito são condicionados pelo respectivo grupo de pertença e/ou pelo grupo de referência, sendo o grupo de pertença desempenhado por excelência pela família. O grupo de referência é formado pelos demais grupos onde o sujeito se insere. A noção de ‘grupo de referência’ foi introduzida, segundo Doise (1980: p.49s), em 1942 por Hyman ao definir o lugar de um indivíduo numa estrutura social. Segundo este autor, grupos de pertença são aqueles aos quais o indivíduo pertence naturalmente e grupos de referência são os que o indivíduo escolhe como base de comparação para a sua auto-estima.

³³ Compreende-se aqui a expressão «pertença» enquanto participação ou actuação em algum grupo e não no sentido em que Merton (1970) define um grupo de pertença. Neste sentido compreende-se por exemplo, alguém que afirma ser membro do Clube Alemão como uma pertença a um grupo de referência.

Facilmente podem surgir conflitos entre o grupo de pertença e o grupo de referência, quando o sujeito, mantendo relações com o grupo de pertença, aceita simultaneamente valores do grupo de referência. Conforme Dubar (2006: p.99), é graças à possível transformação das identidades na socialização secundária que se podem pôr em causa as relações sociais interiorizadas ao longo da socialização primária.

A pertença às organizações caracteriza uma dimensão privilegiada do fenómeno social observado e as interações que aí se desenvolvem levam ao fortalecimento da individualização do grupo e do sentimento de pertença dos sujeitos envolvidos, o que resulta da dimensão afectiva da socialização. Entende-se interacção, segundo Goffman (1993: p. 26), como a influência recíproca dos indivíduos sobre as acções uns dos outros numa situação de presença imediata.

A análise de conteúdo alusiva às organizações alemãs refere-se àquelas referidas pelos entrevistados que são: o Clube Alemão em Lisboa, as Igrejas Católica e Evangélica Alemã em Lisboa, a Escola Alemã em Lisboa e no Estoril, a Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, a Empresa Multinacional Autoeuropa em Lisboa, a Associação de Beneficência Luso-Alemã, o Cemitério Alemão em Lisboa, o Lar para Idosos de São Bartolomeu dos Alemães no Estoril, a Associação Alemã de Auxílio, o Instituto Goethe de Lisboa e do Porto e a Embaixada da Alemanha em Lisboa.

O quadro a seguir resulta da análise do conteúdo das narrativas em relação às pertenças.

Quadro 12. Características das pertenças nas organizações

Tema	Categoria	Subcategoria	Exemplos
Características das organizações	1. Clube Alemão e Igrejas Alemãs	1.1 Satisfação da necessidade de convívio	“...Os alemães que eu conheço, conheci através da Igreja ou da Irmandade de São Bartolomeu. Há 40 anos estou na direcção da Igreja Alemã. Alemanha é para mim a minha igreja...”.
		1.2 Participação de longa duração	“...Eu participei por muitos anos no Clube Alemão. Quando vim para Portugal em 1962 eu não tinha contacto algum com alemães; tinha amigos ingleses mas não alemães. Tinha saudades de livros alemães, do jornal alemão e comecei a participar mais no Clube Alemão...”.
			“...Há 15 anos que estou na direcção da Igreja Alemã. Também sou responsável burocrática do Cemitério Alemão...”.

		1.3 'Entrar' no mundo alemão	“...Vou à missa da Igreja Católica Alemã porque é mais fácil ter esse momento familiar sem precisar de traduzir. E eu gosto de ver novamente estas pessoas, é o momento da semana onde eu entro de novo no mundo alemão...”
		1.4 Meio de integração	“...O Clube Alemão existe há 140 anos. Antigamente era uma forma de ajudar as pessoas alemãs no processo de integração ou até ajudá-las a localizar-se aqui no país. Hoje em dia não há mais essa necessidade, a integração em Portugal tornou-se relativamente fácil...”
	2. Escola Alemã	2.1 Alunos alemães/ portugueses	“...Há 90 professores a trabalhar no jardim-de-infância, na escola normal e no liceu. E no total penso que sejam 120 professores. Com o pessoal da administração devem ser até 150 pessoas a trabalhar nesta escola. E todos alemães ou meio alemães no mínimo. Há anos em que quase só temos alunos portugueses. Isso depende um pouco das condições de trabalho das empresas alemãs em Lisboa. Nos anos 90, por exemplo, tínhamos muitos alunos filhos de pais que trabalhavam na Siemens, na Volkswagen/ Autoeuropa. De todas essas firmas alemãs tínhamos muito alunos. Agora com a crise está um pouco mais difícil com alunos alemães, porque custa muito para as firmas alemãs quando um funcionário de uma firma alemã estuda na escola: a firma paga o transporte, os livros, a escola em si, a casa onde os funcionários vivem, e não são casas pequenas mas naturalmente casas espaçosas...”
		2.2 Dificuldades entre alunos e professores	“...Conheci professores e alunos da Escola Alemã e professores do Instituto Alemão. O Instituto Alemão e a Escola Alemã contratavam professores na Alemanha que nunca ficavam mais de três ou quatro anos no país. O resto do pessoal era contratado aqui em Portugal. Alguns alemães, alguns portugueses. As pessoas que vinham da Alemanha ganhavam muito mais e estas pessoas eram intratáveis. Do tipo: nós somos da Alemanha, nós sabemos tudo e na própria Escola Alemã entre os alunos havia muitos problemas...”
		2.3 Valorização familiar e social	“...Penso que a Escola Alemã é importante em especial para as famílias que vêm para cá com filhos em idade escolar. Hoje a Escola Alemã é também procurada por famílias portuguesas e eu acho muito bom e destaco essa possibilidade de que portugueses decidam colocar os seus filhos na Escola Alemã...”

Características das organizações	3. Outras Instituições	3.1 Distanciamento	<p>“...Quero distanciar-me de mais contactos com alemães. Penso que nunca participaria num Clube Alemão. A minha impressão é de que estas pessoas não assimilam nada do país onde estão a viver. Fazem compras no Lidl e no Aldi. Não dominam a língua e nem têm interesse por ela. Estão todas as férias na Alemanha. Deste estilo de vida não retiro nada para mim...”.</p> <p>“...Com grupos alemães em nunca me envolvi. Sempre achei esses grupos de alemães um extremo engano...”.</p>
		3.2 Utilitarismo, pertença para fins de negócios	<p>“...Para mim as instituições alemãs servem apenas para fazer negócio e para trabalho. Por exemplo os meus contactos na Câmara de Comércio e Indústria Luso -Alemã são contactos profissionais. Mas para a minha vida privada ou para a minha integração no país essas instituições não servem...”.</p> <p>“...O único espaço onde me encontro com alemães é na Câmara de Comércio e Indústria Luso – Alemã...”.</p>
		3.3 Vínculo com Segurança Social Alemã	<p>“...O Lar para Idosos de S. Bartolomeu dos Alemães é reconhecido como uma instituição social em Portugal. Mas não temos vínculo com a Segurança Social de Portugal, mantemos o vínculo alemão. ...”.</p>
		3.4 Exagero de organizações	<p>“...Os alemães aqui em Portugal são em regra bastante arrogantes. Há para tudo o que diz respeito aos alemães um ambiente extra: Cemitério Alemão, Escola Alemã, Clube Alemão e até um acompanhamento aos alemães reformados. Cada ano vem um representante alemão fazer assessoria para os reformados alemães em Portugal...”.</p>
		3.5 Historial alemão	<p>“...A ABLA como organização é actualmente independente, mas no historial desta instituição os alemães foram fundadores. Uma grande parte dos nossos sócios ainda é alemã...”.</p>

Fonte: Entrevistas realizadas entre 2009 e 2010

As organizações são estruturas que revelam estratégias muito variadas para distinguir os alemães dos portugueses nas dimensões económicas, históricas, simbólicas e de linguagem. Os sujeitos demonstram capacidade de acção sobre a escolha ou o distanciamento do grupo que tomam como referência, elaborando para si identidades socioculturais – *Temos na Igreja Alemã famílias que estão aqui há 50 anos, 40 anos, 30 anos e tem toda a sua estrutura familiar e profissional aqui, falam bem a língua portuguesa. Em dois anos a igreja protestante fará 250 anos. E Portugal só se tornou*

próximo da Alemanha nos últimos trinta anos. Antigamente Portugal ficava inimaginavelmente longe da Alemanha. As viagens eram feitas de barco. E por isso as igrejas ou as organizações eram por assim dizer os espaços onde as pessoas se encontravam e podiam manter um pouco da cultura alemã. Na igreja protestante alemã, em primeiro lugar é falado alemão e há o encontro entre protestantes. Em Portugal há extremamente poucos protestantes e os que falam alemão são mesmo os que participam nesta igreja. Dizer que a igreja alemã tem um contacto forte com portugueses é mentir, pois temos um ou dois portugueses que estão envolvidos através dos seus parceiros de casamento. No mais é uma instituição legitimamente alemã. [H10 p. 3]

Os relatos que se fazem a respeito da actuação nos grupos revelam aspectos essenciais da identidade. Aos grupos é atribuída uma identidade social e um significado emocional: *A Igreja Alemã em Lisboa é de um significado enorme não apenas por ser igreja, mas por trazer uma parte da pátria alemã. Para mim em Portugal, a Alemanha é a minha igreja. Seria uma grande ausência se não houvesse aqui em Lisboa a Igreja Alemã. Orar na língua materna é algo muito especial. É muito mais fácil orar na língua materna que numa língua estrangeira. [M24 p.2]*

Ao integrar-se em uma organização o sujeito elabora tácticas de preservação da identidade cultural e constitui redes de sociabilidade limitadas em função das suas dimensões. A afirmação institucional ocorre, para boa parte das organizações analisadas, através da estratégia de manutenção da língua alemã. Sendo que muitos alemães tem nos grupos o espaço social de comunicação na língua materna e não sentem a necessidade de aprender a língua do país de destino mesmo vivendo em Portugal a muitos anos. O Clube Alemão, as instituições religiosas, O Lar de Idosos de São Bartolomeu, a Irmandade de São Bartolomeu, o Instituto Goethe, as Escolas Alemãs e a Embaixada Alemã em Lisboa são organizações onde via de regra utiliza-se a língua alemã no desenvolvimento das actividades da organização. Com excepção das Escolas onde o alemão e o português são intercalados de acordo com as disciplinas e os professores. Exemplifica-se esta observação através da descrição do presidente do Clube Alemão – *Penso que devemos nos integrar sem no entanto esquecer de nossas raízes. É neste sentido importante manter a língua alemã, sem poder falar o alemão eu não gostaria de viver em Portugal e se eu não conhecesse nenhum alemão aqui em Portugal penso que não ficaria morando aqui por muito tempo. [H6 p.3] A*

possibilidade de manter comunicação na língua materna confere satisfação aos indivíduos. O sentimento de integração no grupo e bem-estar é transmitido pela manutenção da língua. Segundo Berger e Berger (1999: p.193), a linguagem é “ a instituição social que supera todas as outras. Representa o mais poderoso instrumento de controlo da sociedade sobre todos nós.” Trata-se da linguagem enquanto instituição não só de comunicação mas também de manutenção da identidade nacional individual e de grupo.

A reflexão em torno da importância da manutenção da língua alemã caracteriza-se na descrição de sujeitos em diversos grupos. Um representante da instituição diplomática, a Embaixada Alemã considera a representatividade da língua alemã no contexto da união europeia – *Qual seria a língua comum aos Estados europeus? A língua que é falada pela maioria? É o alemão. Na Europa se contarmos o número de pessoas, o alemão é a língua materna mais falada do que o inglês, o francês, o espanhol ou o português. A Alemanha é o país com maior número de população: 83 milhões de habitantes. Mais a Áustria, a parte da Suíça e as zonas de fronteiras da França, da Bélgica, da Holanda e da Dinamarca. São em média 120 milhões de pessoas vivendo na Europa e tendo o alemão como língua materna. Duas vezes mais do que o inglês. (...) Quando a União europeia foi iniciada houve uma definição a respeito da língua comum a ser utilizada neste meio, naquela vez o alemão perdeu por um voto, em oposição ao inglês.* [H16 p.4]

Contrastando opiniões há um relato de uma cidadã alemã que, tendo estudado numa escola portuguesa na Alemanha e ali haver aprendido a língua, refere a decisão que tomou ensinando português à filha antes da família transferir-se para Portugal. Considerável é o facto de que o seu único vínculo com grupos alemães em Lisboa é a Câmara de Indústria e Comércio Luso-Alemã – *Já na Alemanha falava com a minha filha em português, nos primeiros três anos eu só falei português com ela. E ela aprendeu alemão com meu marido e português comigo. E eu só podia fazer isso com português, não com espanhol ou outra língua. Porque para mim o português é uma língua do coração. Eu podia dar a minha filha em português o mesmo carinho que daria em alemão. E acho até que fiz isso melhor em português do que em alemão. E isso não me custava nada. Eu achei normalíssimo. E porque eu fiz isso? Porque na altura tínhamos decidido com dois anos de antecedência a escolha de mudar para Portugal. E toda gente na Alemanha achava que eu falava russo com a minha filha...*

[M2 p.1]

Outro aspecto que determina o valor da pertença nos grupos relaciona-se com os laços afectivos elaborados nestes contextos e que se ampliam para fora do círculo institucional: *Os alemães que conheço, conheço através do Clube. Meus colegas da direcção do Clube são também meus amigos e muitas vezes nos encontramos informalmente.* [H6 p.2] A amizade estabelecida no intragrupo afasta a necessidade da exposição e das negociações exigidas quando se busca estabelecer vínculos com sujeitos fora do grupo, o que também minimiza a possibilidade de tensões.

Da mesma forma se configura o discurso a respeito da equiparação da actuação em uma instituição religiosa na Alemanha e em Portugal, sendo que o contexto não modifica a vivência, a experiência e o sentimento identitário em relação ao grupo: *Somos membros da Igreja Católica Alemã de Lisboa. Procuramos estar ali duas vezes por mês. E ali não há diferença para a vivência e experiência que existe na Alemanha, é igual como lá. Não há diferença entre estar na igreja aqui ou na Alemanha, é igual. A diferença é de que na Alemanha o caminho é mais curto. Moramos em Zambujal e para vir à missa em Estrela é um caminho razoavelmente longo.* [H16p.3]

A seguir apresentamos especificidades das 13 organizações referidas pelos sujeitos nas entrevistas, em especial àquelas descritas pelos próprios sujeitos.

4.7.1 Clube Alemão em Lisboa

Paróquia Católica de Língua Alemã em Lisboa

Congregação da Igreja Evangélica Alemã em Lisboa

Os relatos de pertença às instituições religiosas e ao Clube Alemão em Lisboa evidenciam a afirmação de Tajfel (1981: p. 290) que “um indivíduo tenderá a manter-se como membro dum grupo e a procurar pertencer a novos grupos se esses grupos contribuíram de alguma maneira para os aspectos positivos da sua identidade social, ou seja, para aqueles aspectos dessa identidade que lhe dão alguma satisfação.” O sentimento de pertença a um determinado grupo é conferido pela necessidade de estar entre ‘iguais’, neste caso, que falem a mesma língua. As pertenças às instituições religiosas e também ao Clube Alemão são caracteristicamente familiares e boa parte das vezes são transmitidas de uma geração para outra, quando o pai já era membro do Clube

Alemão e o filho dá continuidade à presença familiar no grupo. Ou seja, os aspectos considerados positivos da identidade social são preservados e tradicionalmente transmitidos de uma geração para a outra.

Nos relatos de pertença às instituições religiosas transparece uma diferenciação entre ambas. A Igreja Evangélica Alemã é formada, na sua maioria, por membros que residem em Lisboa há dez anos ou mais. Sendo caracterizados como membros da *Colónia Alemã – Na Igreja (Evangélica) Alemã encontramos senhoras idosas que já nasceram aqui em Portugal e apesar disto têm todas as características de autênticas alemãs*. [M11 p.3] Enquanto a característica da Igreja Católica Alemã é a de uma instituição voltada para famílias ou sujeitos ‘de passagem’ por Lisboa, o conjunto de membros está em constante processo de mudança. Uma explicação para esta característica que distingue as duas igrejas é de que os cidadãos da Igreja Católica Alemã que residem há anos em Lisboa acabam por integrar-se nos espaços das igrejas católicas portuguesas, enquanto para os membros protestantes essa alternativa torna-se mais difícil em razão de não haver uma congregação evangélica luterana de língua portuguesa em Lisboa – *Uma comunidade como a nossa caracterizada como Igreja de estrangeiros fora do país, é concebida com prioridade para pessoas que estão apenas de passagem por aqui. E não é um espaço pensado para aqueles alemães que tem morada definitiva aqui. Por este motivo temos muita mobilidade. E após as férias temos sempre um novo rosto na comunidade*. [M4 p.4]

O investimento emocional que envolve a actuação nestes grupos está relacionado com o ambiente familiar que envolve as denominações religiosas. O envolvimento com as instituições religiosas é narrado como forte motivação para a permanência no país. Para alguns membros a actuação comunitária religiosa confere sentido e valorização pessoal: – *Já há 40 anos estou na directoria da igreja e ocupo-me em trazer mais pessoas e membros para a igreja. Eu dedico-me a conseguir dinheiro para a manutenção da igreja e melhorar o ambiente físico e de convívio na igreja, tudo isso pertence à minha ocupação aqui*. [M24 p.1] A ocupação de cargos na igreja condiciona o tempo de permanência em Portugal: *É possível que algum dia retorne à Alemanha. Mas no momento tenho ainda muitas ocupações por aqui. Na Igreja Evangélica Alemã sou responsável pelos arquivos e pela organização de material histórico. Também sou responsável pelo Cemitério Alemão*. [H17 p.2] O significado subjectivo de pertença às instituições religiosas pode ser compreendido numa sentença que intitula o boletim

mensal da Congregação da Igreja Evangélica Alemã: *Dabei sein ist alles...* Fazer parte deste meio é tudo! (*Der Bote aus Lissabon* nº 4 / 2009 p. 20)

4.7.2 Escolas Alemãs de Lisboa e do Estoril

As escolas alemãs em Lisboa e do Estoril são escolas de língua alemã, subsidiadas através de financiamentos públicos da República Federal da Alemanha, onde se proporciona aos alunos portugueses e alemães a possibilidade de estudarem em conjunto a língua e cultura de ambos os países. Os estudos terminam com o certificado do exame final do curso geral do ensino secundário, o *Abitur*, o qual é reconhecido em Portugal como equivalente ao 12º ano do ensino secundário português. Este exame final é a qualificação para o ingresso imediato numa Escola Superior na Alemanha.

As escolas são instituições que mantêm uma influência fundamental na vida familiar dos cidadãos alemães residentes em Portugal. Dos 43 sujeitos da pesquisa apenas dois não referem algum tipo de contacto com a Escola Alemã, e ainda as duas estudantes de Erasmus envolvidas directamente com a universidade. Os demais referem todos alguma forma de conhecimento e envolvimento directo ou indirecto com as Escolas Alemãs de Lisboa ou do Estoril:

- 8 entrevistados estudaram na Escola Alemã de Lisboa
- 25 entrevistados referem ter filhos ou netos estudando na Escola Alemã
- 4 entrevistados são ou foram professores na instituição

Pedagogicamente as escolas cumprem o papel de ligação entre as duas culturas, alemã e portuguesa, sendo de ano para ano maior ou menor o número de alunos portugueses matriculados na instituição alemã – *Tenho o exemplo de uma experiência recente da Escola Alemã que acho fabuloso: eles têm lá várias festas como São Martinho e ali fazem muita mistura das tradições alemãs e dos hábitos portugueses. E quando há festas para os pais e avós, há sempre alguém que fala em alemão e depois outro traduz em português. Portanto eles são muito sensíveis com essa ligação com Portugal e Alemanha.* [H7 p.2]

A localização geográfica de Cascais como zona de preferência para fixação de moradia de alemães é justificada com referência às escolas – *Isso acontece por causa da escola primária no Estoril e pelo facto de que a Escola Alemã aqui em Lisboa oferece o seu trajecto de transporte escolar nesta via entre Lisboa e Cascais. O que significa que as famílias que têm crianças na Escola Alemã preferem morar no caminho por onde passa o transporte escolar.* [H16 p.3]

A questão financeira é um aspecto significativo a considerar aquando da decisão de colocar os filhos na Escola Alemã e quando não se está vinculado a empresas que subsidiam a escola dos filhos. Colocar os filhos na Escola Alemã é comparado a um investimento, sendo também referida a comparação curricular entre o nível de ensino em relação às escolas portuguesas: *Certo é que as crianças tiveram melhor educação escolar, não somente pelo ensino das duas línguas, português e alemão, mas aprenderam a pensar melhor, uma escola mais inteligente em termos de currículo. As escolas portuguesas são para esquecer. ... Não somos ricos, assim tínhamos de poupar. Com a Escola Alemã tínhamos um grande investimento.* [M12 p.2]

A escolha pela Escola Alemã pode não ser possível para os filhos, no entanto ser aceita como alternativa para os netos: *As minhas filhas não estudaram na Escola Alemã por razões financeiras e também porque o ambiente na altura não era bom. (...) E achei sempre que as minhas filhas eram suficientemente inteligentes para fazer a vida mesmo frequentando o ensino público português. Mas neste momento o ensino oficial está tão mal que estamos pensando para os netos a possibilidade da Escola Alemã porque eu vejo muito mal o futuro das escolas em Portugal.* [M10 p.3]

A questão contratual é referida na diferenciação entre o vínculo de trabalho de professores e também nas relações interpessoais estabelecidas entre professores alemães e portugueses. A modalidade de contrato alemão faz a diferença – *A diferença entre aqueles que têm contrato alemão e aqueles que são regidos no sistema português é uma diferença como o dia e a noite.* [M4 p.3] A convivência profissional dentro da instituição reflecte-se nesta modalidade de diferenciação de contrato: *Penso que sejam em torno de 10% do total os professores portugueses na Escola Alemã, e eles retraem-se bastante. E tem a ver se eles falam ou não o alemão. Muitos dos meus colegas alemães não falam bem o português. Eu percebo que os portugueses se fecham entre si, o que é compreensível pois os portugueses trabalham pelo currículo português. Isto significa que eles têm menos horas livres.* [M18 p.1]

4.7.3 Associação de São Bartolomeu dos Alemães

Lar para Idosos de São Bartolomeu dos Alemães

Associação Alemã de Auxílio

“...Sobre a Irmandade de São Bartolomeu, é hoje uma organização que está na mão de algumas famílias alemãs que estão radicadas em Portugal há muito tempo...” [H1 p.4]

A Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa foi apresentada no capítulo anterior. O que se acrescenta neste capítulo é a sua relação com o Lar para Idosos no Estoril e com a Associação Alemã de Auxílio, analisando as estratégias de invisibilidade e as negociações de poder que a organização aparenta sustentar no contexto actual. Concluimos este subtítulo retomando o conhecimento a respeito da *colónia alemã* e os interesses da liga de comerciantes hanseáticos do norte da Alemanha, procurando relacioná-las com a actual influência da Associação de São Bartolomeu nas relações comerciais estabelecidas entre Portugal e Alemanha ainda hoje.

Um dos membros da Associação refere a filantropia como objectivo da criação da instituição no século XIV: – *A Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa foi criada naquela época com o objectivo de ajudar marinheiros e viajantes alemães que estivessem em dificuldades. A exigência actual para receber ajuda da Irmandade é a de ser alemão e de morar na região de Lisboa. Os estatutos colocam o princípio de ajuda para alemães em Lisboa. Para ser membro da Irmandade deve-se ser alemão e viver em Portugal pelo tempo mínimo de cinco anos. Somos 34 membros actualmente. Essas irmandades vivem das tradições.* [H10 p.3]

Oliveira Marques (1993:p.101ss) é um dos autores que descreve a história da Irmandade de São Bartolomeu inserida no contexto dos interesses que comerciantes hanseáticos estabelecem com Portugal no século XIV: “ A criação da Irmandade só mostra que o número de alemães, em Lisboa, no século XIV, era suficientemente grande para que se

reconhecesse a conveniência de um organismo associativo, em prol dos interesses do comércio com Portugal”. Neste sentido o marco de fundação da Irmandade de São Bartolomeu é a necessidade de facilitar as transacções comerciais entre estes dois países. Ainda segundo o autor, “os alemães residentes em Portugal no século XIV e XV verificam a realidade de uma colónia germânica com participação hanseática”. Na segunda metade do século XV já era estável e numerosa a *colónia alemã* fixada em Lisboa. Estes comerciantes alemães eram naturais da Baixa e da Alta Alemanha, estabelecem-se em Lisboa, associam-se à Irmandade de São Bartolomeu e recebem cartas de privilégios da parte da coroa portuguesa. Estas cartas estabeleciam uma série de isenções ou tenças anuais que beneficiavam os comerciantes tanto da Baixa como da Alta Alemanha.

Oliveira Marques confirma que “a crescente colónia hanseática exigiu separação nítida entre uns e outros” (entre comerciantes da Alta e da Baixa Alemanha) “e conseguiu, para si, maiores regalias. (...) Em 1452 uma carta régia privilegiava os súbditos de 72 cidades que constituíam a Liga Hanseática”. O que os relatos históricos revelam é que a Irmandade de São Bartolomeu tem desde o seu início a necessidade de negociar poder para obter privilégios e manter as actividades comerciais e os interesses de seus membros. A ligação entre a *colónia alemã* e a Irmandade é mais correctamente expressa com a compreensão de que a Irmandade desde o seu início é formada por membros da *colónia alemã* interessados em manter os privilégios alcançados. Quando demonstramos o vínculo entre a liga hanseática, a *colónia alemã* e a Irmandade de São Bartolomeu buscamos destacar que os comerciantes da Baixa Alemanha, já estabelecidos em Lisboa no século XV são excluídos de determinados privilégios, facto que sugere o início das tensões envolvendo a Irmandade.

Desde o início da presença alemã em Portugal, os alemães comercialmente envolvidos fazem uso do poder de influência, através do qual alcançam benefícios e as cartas de privilégios são exemplo da concessão desta actividade. *Se hoje continuamos a usar o termo colónia alemã então identificamos indivíduos que vivem como antigamente num grupo muito fechado e restrito. Com certeza há alemães assim e são via de regra mais conservadores.* [H18 p.5]

O quadro a seguir organiza as referências de cada entrevistado a respeito seu conhecimento ou desconhecimento sobre a Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa.

Quadro 13. Contacto ou conhecimento a respeito da Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa

H1	Pai foi membro da Irmandade e director do Hospital mantido pela Irmandade Relata a história da Irmandade com ênfase em aspectos da época pós-guerra
H2	Relata a história da Irmandade com detalhes que considera significativos
H3	Desconhece
H4	Trabalhou 2 anos no lar para idosos mantido pela Irmandade no Estoril
H5	Ouviu falar de um lar de idosos no Estoril
H6	Conhece membros da Irmandade
H7	Conhece aspectos da história da Irmandade; prefere não ter contacto
H8	Refere um restaurante em Lisboa ligado à Irmandade; primo viveu no Lar para idosos no Estoril
H9	Tem amigo que é membro da Irmandade
H10	É membro da Irmandade; o pai foi membro da Irmandade
H11	Desconhece
H12	Sabe que a Escola Alemã do Estoril pertence à Irmandade
H13	Desconhece
H14	O pai foi membro e presidente da Irmandade
H15	Desconhece
H16	Conhece membros da Irmandade
H17	É membro (secretário) e recentemente escreveu livro sobre a história da Irmandade
H18	Conhece membros da Irmandade e oferece o espaço do Instituto Goethe para esta realizar eventos

M1	Sabe da existência do Lar para Idosos de São Bartolomeu no Estoril
M2	Define a Irmandade como uma organização ‘quase secreta’
M3	Relata a história da Irmandade com detalhes de conflitos
M4	Relata a história da Irmandade com detalhes de conflitos
M5	Desconhece
M6	Refere saber que a Irmandade existe
M7	Refere ser uma Irmandade antiga
M8	Viveu temporariamente no lar para idosos da Irmandade no Estoril
M9	É directora da instituição, desconhece detalhes da história da Irmandade
M10	Desconhece
M11	Refere saber que a Irmandade é composta apenas por homens, na maior parte mais velhos.
M12	Sabe da existência de um lar de idosos e refere que não teria condições financeiras para lá viver
M13	Sabe que os idosos do Lar de São Bartolomeu estiveram hospedados por um tempo na ABLA
M14	Sabe que os idosos do Lar de São Bartolomeu estiveram hospedados por um tempo na ABLA
M15	Visitou o lar de idosos com alunos o ano passado
M16	Sogro foi um dos fundadores da Irmandade. Funciona como uma fundação. Ex – marido é membro
M17	Sem informação
M18	Acha que é uma comunidade religiosa. Tem algo a ver com a Escola Alemã de Estoril
M19	Desconhece
M20	Pai era membro. O irmão é membro. Acha que ajudam a igreja e pessoas necessitadas.
M21	Pai é membro da Irmandade
M22	Conheceu membros da Irmandade através da Câmara de Comércio Luso – Alemã
M23	Filho é membro da Irmandade

M24	Mora próximo do Lar para Idosos no Estoril
M25	Morou no Lar de Idosos por uma semana para acompanhar uma amiga. Solicitou ajuda financeira para a Irmandade

Fonte: Entrevistas realizadas entre 2009 e 2010

O quadro traduz uma diversificação entre conhecimento e desconhecimento ou visibilidade e invisibilidade:

Das 43 pessoas entrevistadas:

7 Afirmam desconhecer a Associação ou do Lar para Idosos – (4 homens e 3 mulheres).

26 Referem algum contacto ou conhecimento a respeito da instituição – (11 homens e 15 mulheres). Muitos destes relatos conferem com o conteúdo dos textos a respeito da Irmandade encontrados em documentos acessíveis em bibliotecas.

6 Dos entrevistados exemplificam motivos para a sua decisão de distanciamento pessoal da Instituição – (4 homens e 2 mulheres).

10 Entrevistados afirmam saber somente da existência de um Lar para idosos sem no entanto relacionar o Lar com a Associação de São Bartolomeu. O que caracteriza a noção da invisibilidade social que a instituição sustenta e consequentemente o desinteresse que esta desenvolve ao redor de si: *Conhece a Associação de São Bartolomeu? Só de ouvir falar. Sei que eles têm um lar para idosos. Sei que há uma lista de espera até, e que eu jamais teria possibilidade de lá entrar, porque não poderia pagar.* [M12 p.3]

Segundo Schwarz (2006: p. 268), a Irmandade foi abalada pelo terramoto de 1755. Os membros católicos morreram quase todos nos escombros da igreja de S. Julião e o arquivo perdeu-se totalmente. A segunda mudança estrutural na organização da Irmandade relaciona-se com contexto pós-guerra. O governo português estabeleceu uma comissão responsável pela administração dos bens alemães em Portugal e consequentemente também os bens da Irmandade: *Depois da guerra houve aquela comissão luso – aliada que administrou os bens alemães e portanto administrou também a Irmandade de São Bartolomeu, eles só quiseram voltar a entregar a direcção de São Bartolomeu com a condição de o presidente não ser membro do partido nazi e ali só havia um que então foi colocado como presidente. E mantiveram-se durante muitos e muitos anos antigos nazis na direcção da Irmandade e também do Clube*

Alemão. Quando começou o Clube Alemão, ali bebiam muita cerveja, então começavam a cantar os hinos nazis. [H1 p.4] Segundo Schwarz (2006), no ano de 1922, o Estado português devolveu os bens à Irmandade. Entre os quais um edifício na praça do Rossio. Ehrhardt (1990: p. 27) refere: “ No ano de 1922 a Irmandade voltou a receber do Estado Português a maior parte dos seus bens, incluindo os prédios no Rossio, restaurados em 1913. Com as suas lojas e o seu hotel adaptados às exigências dos tempos modernos, estes edifícios tornaram a ser, nessa altura, a mais importante fonte de receitas da Irmandade”. Nos anos seguintes, a Irmandade adquiriu com os fundos destinados à reorganização da *colónia* alemã, um edifício na Rua do Passadiço e uma Quinta na Palhavã.

A relação entre a Irmandade e o Lar para Idosos é actualmente referida pela coordenadora da organização como um vínculo essencialmente administrativo: *São duas organizações. A Irmandade de São Bartolomeu responde pelo Lar nas questões jurídicas e burocráticas. Mas a Irmandade tem ainda outras actividades e o Lar é somente uma delas. E eu estou profissionalmente ligada à Irmandade.* [M9 p.2] O vínculo entre a Irmandade de São Bartolomeu e o Lar para Idosos possibilita a manutenção da Segurança Social Alemã. *Temos o reconhecimento de ser uma instituição social em Portugal. Mas não temos vínculo com a Segurança Social de Portugal por mantermos vínculo com a Alemanha.* [M9 p.2]

Quanto às divergências entre as duas denominações religiosas, para conseguir a administração da actual Associação de São Bartolomeu, afirma-se que foram postas de lado, na intenção de finalizar processos que perduraram anos. Sendo que actualmente a Associação quer ser conhecida como uma instituição sem vínculo com religião ou igreja. Embora os estatutos preservem a definição de que é dever da Associação zelar pela manutenção e a continuidade dos cultos religiosos de língua alemã: “ A Associação de S. Bartolomeu dos Alemães em Lisboa é uma instituição particular sem fins lucrativos e tem por objectivos: (...) d. Contribuir para a continuidade dos cultos religiosos de língua alemã em Lisboa. F. Promover (...) e subsidiar (...) nos campos dos cultos religiosos, actividades e empreendimentos de interesse para a comunidade alemã em Lisboa.”³⁴

³⁴ Estatutos da Associação de S. Bartolomeu dos Alemães em Lisboa, Extracto do Diário da República III Série nº 181 de 8.8.1986

Schwarz (2006), descreve que em 1870 foram redigidos estatutos como termo e reconhecimento do processo de secularização que previam o tratamento paritário das duas confissões. Os discursos revelam que a secularização da Associação ainda não foi completamente assimilada e estabelecida – *E a Irmandade ficou e fica na mão dos protestantes mesmo que hajam católicos hoje na Irmandade. Por exemplo, actualmente o presidente da Irmandade é católico. Mas o cemitério que fica aqui ao lado da Igreja Católica Alemã pertence aos protestantes e se um católico quer ser sepultado, ali tem de pedir autorização aos protestantes e também pagar por isso. Para a sepultura do padre Helm, que foi ali sepultado a comunidade católica tem de pagar a cada dez anos uma taxa de renovação. E o Lar para Idosos no Estoril pertence à Irmandade de São Bartolomeu e está todo na mão de protestantes. E ainda hoje vivem em Lisboa pessoas que fizeram parte destes processos.* [M4 p.5]

A análise da documentação histórica cruzada com os relatos, mais as observações etnográficas feitas no decorrer da pesquisa, levam a conclusão de que a Associação de São Bartolomeu dos Alemães é uma instituição de valor histórico cujas origens ficarão preservadas como herança de diferentes fases da presença alemã em Portugal e na Europa. Deve ser evocada como uma instituição que ao longo dos séculos soube aproveitar os privilégios e os bens adquiridos e negociados. Os acontecimentos protagonizados por esta instituição caracterizam a identidade dos seus representantes com uma capacidade original de preservação da distinguibilidade grupal como forma de permitir ao grupo, o que afirma Bastos (2007) a “função de proteger a identidade social dos membros”. Actualmente a invisibilidade da Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa é uma estratégia identitária, acontece em nível consciente, sendo uma conduta para atingir o objectivo de seus membros: *A Confraria de São Bartolomeu dos Alemães existe há 700 anos em Lisboa. E vai continuar existindo em razão de estar plenamente integrada no sistema da sociedade portuguesa.* [H17 p.2]

A Associação Alemã de Auxílio é uma instituição fundada em 1846 com a finalidade de apoiar alemães pobres que vivem em Portugal ou aqueles alemães que desejam regressar à Alemanha sem condições financeiras para tal. Essa Associação foi criada com o propósito de preencher a vaga deixada pela Associação de São Bartolomeu, que pelas suas obrigações estatutárias não presta auxílio a todos os alemães. O auxílio da Associação de São Bartolomeu é restrito somente a pessoas de nacionalidade alemã e residentes na área de Lisboa. Os estatutos da Associação Alemã de Auxílio ampliam a

oferta de ajuda a alemães, descendentes de alemães ou portugueses casados com alemães em necessidades financeiras – *Há uma coisa que é a Associação Alemã de Auxílio (Deutscher Hilfsverein). O meu irmão é presidente e eu sou presidente da assembleia-geral, mas esse órgão não tem dinheiro. É uma organização de beneficência que tem a mesma finalidade da Irmandade de São Bartolomeu, com a diferença de que a Irmandade de São Bartolomeu só pode subsidiar pessoas que tenham nacionalidade alemã e que vivam na região da grande Lisboa. A associação Alemã de Auxílio recebe dinheiro de São Bartolomeu e depois distribui às pessoas. Este órgão não impõe condições à nacionalidade e não é tão regional. O meu irmão recebe dinheiro da Irmandade de São Bartolomeu para subsidiar por exemplo pessoas na Madeira que não tem ajuda da segurança social alemã e nem portuguesa.* [H1 p.4]

4.7.4 Cemitério Alemão de Lisboa

O Cemitério Alemão de Lisboa é administrado pela Igreja Evangélica Alemã. Desde 1147 estão documentadas sepulturas de indivíduos alemães em Lisboa. Conforme Strassen e Gandara (1944: p.308), D. Afonso Henriques consagrou o primeiro cemitério em São Vicente em 1147. Embora propriedade legal da igreja Evangélica Alemã de Lisboa, o cemitério acolhe alemães tanto protestantes, católicos ou judeus, como também portugueses casados com alemães. Nicolaus Berend Schlink foi o comerciante que doou o terreno para o actual cemitério, constituindo um espaço simbólico de reprodução da organização e tradição alemã em Portugal e simultaneamente um ponto de ligação das diversas instituições em Lisboa. Em Novembro de cada ano ocorre ali uma cerimónia oficial realizada pela Embaixada da Alemanha com a presença do embaixador, do adido militar e demais representações militares alemãs do Exército, Marinha e Força Aérea. Esta cerimónia é presidida pelo embaixador alemão e há palavras das lideranças espirituais das Paróquias Católica e Evangélica Alemãs.

A direcção e a organização do Cemitério são distribuídas entre os membros da Igreja Evangélica Alemã: *Tenho um cargo de liderança na igreja há quinze anos. Também tenho a responsabilidade pelo Cemitério Alemão na questão burocrática. São em torno de 420 túmulos. No início a grande parte dos alemães eram comerciantes protestantes*

vindos do Norte da Alemanha. Estes não podiam ser sepultados em cemitérios de Portugal por estes serem cemitérios católicos. [M11 p.2]

O cuidado com a administração e manutenção do Cemitério confere tranquilidade e reforça a decisão de muitos alemães em fixar-se definitivamente em Portugal, tendo a segurança de um local apropriado também postumamente. A relação entre a *colónia alemã* a Igreja Evangélica Alemã e o cemitério alemão está demonstrada na menção que se faz em site de divulgação do Cemitério Alemão em Lisboa: “ Um local de tranquilidade e recolhimento, cuidadosamente mantido – eis como o Cemitério Alemão é considerado pela colónia alemã e pelos numerosos visitantes do país e do estrangeiro”³⁵.

4.7.5 Instituto Goethe de Lisboa

Embaixada da Alemanha em Lisboa

O Instituto Goethe e a Embaixada da Alemanha são as duas instituições representativamente oficiais em Lisboa/Portugal – *Há apenas a Embaixada e o Instituto Goethe como representantes oficiais. Todas as demais instituições são iniciativas privadas feitas por alemães que desejam conservar a tradição ou certos aspectos da cultura alemã. No entanto estas organizações não servem para integração no país de acolhimento pode acontecer o contrário, que aqueles que se ocupam destas instituições acabem por se isolar em num círculo que os retira da possibilidade de integração na sociedade onde vivem.* [H16 p.2]

A função do Instituto Goethe é promover o conhecimento da língua alemã no estrangeiro, fomentar a colaboração cultural a nível internacional, manter um serviço de informação cultural actualizado e contribuir para a preservação da diversidade cultural na Europa. O instituto ocupa-se com a realização de actividades de intercâmbio cultural entre Portugal e a Alemanha e a cooperação com as demais instituições alemãs instaladas no país: *Somos a organização cultural da República Alemã. No entanto não estamos estruturados a partir da organização governamental alemã e isto para evitar a*

³⁵ <http://www.deutsche-kirche-portugal.net/pt/pages/informationen/friedhof/friedhof.html>

propaganda política ou o enquadramento político partidário. Houve, no tempo do Nazismo aqui em Lisboa um instituto cultural alemão que era um órgão de propaganda do regime nazi; para evitar esse facto é que estamos desvinculados do estado. O Instituto Goethe ocupa-se com a divulgação da língua alemã no estrangeiro, também a biblioteca e o serviço de informação cultural são constantemente actualizados. Além disto, o intercâmbio cultural é uma prioridade do nosso trabalho. Através do Instituto cooperamos quando somos solicitados, mais especificamente com a Escola Alemã e com a Embaixada Alemã. O Instituto Goethe também é responsável por acompanhar as aulas de alemão que são ministradas em Portugal, fora do Instituto. Realizamos actividades de formação para os professores que ministram aulas nas escolas secundárias. Também fazemos conferências com a Embaixada uma ou duas vezes ao ano. Trabalhamos com as igrejas, assessoramos a programação musical da Igreja Protestante Alemã. Também os departamentos de germanística das Universidades são nossos parceiros. [H18 p.3]

As actividades produzidas pelo Instituto Goethe em Lisboa e no Porto visam a interacção cultural entre os dois países. Nisto se constata a característica diferencial entre o Instituto e as demais organizações alemãs, para a maior parte delas a prioridade é acompanhar e atender as questões do grupo alemão – Com as demais instituições não nos ligamos tanto em razão de que a nossa missão é a de incentivar o contacto com a sociedade de acolhimento. Nossa tarefa é voltada para a sociedade portuguesa e para o fortalecimento das relações entre Portugal e Alemanha. Outras instituições culturais alemãs têm ênfase voltada para os alemães que vivem aqui. Há pouco tempo foi fundada aqui em Lisboa uma organização de advogados alemães e isso aconteceu aqui no Instituto. Isso significa que podemos estar activos nestas iniciativas. Também com a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã temos um bom contacto e fazemos actividades conjuntas. Eu ajudei para que a Festa da Cerveja Alemã acontecesse em frente ao Instituto no espaço da Junta de Freguesia. Há também a Irmandade de São Bartolomeu que já existe há séculos; conheço alguns membros que frequentam o Instituto, tivemos uma exposição de livros onde a Irmandade teve uma participação. Mas o foco do nosso trabalho não é uma instituição em particular. Também não temos de acompanhar ou apoiar os alemães que vivem em Portugal, a nossa tarefa é a da construir pontes entre Alemanha e Portugal. [H18 p.4]

A função da Embaixada da Alemanha em Lisboa relaciona-se da mesma forma com a manutenção do vínculo entre Alemanha e Portugal. O adido militar que actua na Embaixada refere desta forma uma de suas actividades diárias – *Eu leio três jornais alemães e três portugueses diariamente. E procuro no jornal alemão o que há em relação a Portugal e no jornal português o que há em relação à Alemanha. E assisto o noticiário da RTP sempre com a intenção de perceber como aqui em Portugal se faz referência à Alemanha. Tenho de me ocupar com os dois meios comunicação tanto português como alemão.* [H16 p.1]

Uma das entrevistadas refere ter acompanhado o desenvolvimento histórico da actual Embaixada da Alemanha em Lisboa desde o seu início – *Meu vínculo com a Embaixada foi sempre muito forte. Depois que acabou a guerra houve um vazio, ninguém sabia de ninguém. A Alemanha era um país arruinado e passado um ano ou dois houve um senhor que foi ao escritório do meu marido; era Chanceler e vinha com instruções de Bonn, do novo governo para procurar só o meu marido como advogado. Meu marido constituiu então a abertura da Embaixada da Alemanha em Lisboa, ele foi advogado da embaixada naquele intervalo em que não havia representação diplomática.* [M3 p.2]

4.7.6 ABLA – Associação de Beneficência Luso-Alemã

A Associação de Beneficência Luso-Alemã é uma instituição particular de solidariedade Social portuguesa reconhecida oficialmente desde 1984. A partir desta data a ABLA é uma ONGD em Portugal. Portanto, não se trata de uma organização alemã tal como as demais aqui referidas, é citada nesta pesquisa em razão da sua característica histórica e pela presença actual de cidadãos alemães enquanto funcionários na organização. A fundação da ABLA ocorre por iniciativa de um grupo de alemães evangélicos que decidiram constituir uma organização humanitária que prestasse apoio às famílias de refugiados das ex-colónias portuguesas. Actualmente o Centro Social está localizado na Parede mantendo parceria com a Câmara Municipal de Cascais. A ABLA é uma continuação da Organização Humanitária Alemã chamada ORA Internacional. *A ABLA foi até há oito anos uma organização social no âmbito de ajuda à infância e ajuda social para famílias destas crianças aí envolvidas. Defino a ABLA como uma associação cristã com ênfase na infância carente.* [H11 p.1]

O governo português disponibilizou o terreno para a construção da nossa casa, foi uma tremenda ajuda pois nós não podíamos comprar o terreno. Todo o resto da construção foi feito com dinheiro alemão. Quando temos grupos alemães que vêm e eu apresento o trabalho, gosto muito de falar destes inícios. Gosto de dizer que eu sou muito grato aos alemães que sustentaram a construção, porque só quando a casa estava construída e tudo estava estruturado é que vieram os portugueses e disseram: sim, agora investimos em vocês. Agora o Serviço Regional de Segurança Social vai apoiar, agora a Câmara de Cascais vai apoiar. [M14 p.3]

A actuação alemã na ABLA ocorre actualmente por duas vias principais: Pela presença dos cinco cidadãos alemães que actuam em tempo integral em cargos de liderança. A líder no apoio domiciliário é uma alemã. A líder no guest house é uma alemã. O líder nos projectos de ajuda humanitária é um alemão. O líder na manutenção é um alemão. O líder na área da informática é um alemão. Portanto, na liderança estão na grande maioria os alemães. E eles são muito chatos, eles puxam os nervos da nossa directora e sempre a desafiam. [M14p.3]

A outra via que mantém o vínculo alemão da instituição são os projectos de financiamento, apadrinhamento e apoio para a realização de actividades em Moçambique e Guiné-Bissau que, através da ABLA, e dos cidadãos alemães que nela actuam, recebem subsídios de empresas alemãs ou do governo alemão: Eu escrevo os projectos e envio às autoridades alemãs para financiamentos de escolas ou para facilitar meios de envio de um contentor de produtos de Portugal para Guiné-Bissau. [H11 p.1]

A referência alemã tende a tornar-se cada vez mais emblemática do passado histórico, o que se intensificou com a eleição de uma direcção portuguesa, e não mais alemã, como nos primeiros anos de fundação – A ABLA é uma organização fundada por alemães. Mas penso que irá tornar-se ainda mais caracteristicamente uma organização portuguesa. A nossa directora faz um trabalho muito bom. Temos actualmente boa influência na Câmara de Cascais e também Lisboa. E penso que a ABLA irá continuar neste aspecto cada vez mais portuguesa. Os cinco alemães que ainda estão a actuar na ABLA tiveram os seus contratos modificados para o modelo português e hoje não há mais contratos de trabalho alemães aqui na ABLA. [H11 p.2] A mudança de direcção alemã para uma direcção portuguesa é referida como positiva para o contexto da organização. No entanto, diminuiu a influência alemã e também a visibilidade dos

sujeitos alemães que permaneceram nos respectivos cargos de liderança, sendo supervisionados por uma chefia portuguesa: *Eu observei uma coisa que no início não foi visível para mim. Quando cheguei a Portugal a nossa equipa era feita por estrangeiros: um americano, um canadiano – alemão, um alemão, uma alemã, o filho deles, e dois moçambicanos. Neste contexto era muito agradável trabalhar ali porque era uma equipa internacional com grande toque alemão. Portanto era mais alemão do que português. E toda gente se sentia bem, se sentia em família, nós estávamos felizes ali.* [M14 p.3]

A importância histórica e ainda actual da presença alemã na ABLA é testemunhada pelos entrevistados, que no entanto lamentam a gradativa perda desta memória. Segundo relato destes sujeitos, a importância da presença alemã não está sendo devidamente considerada – *Tenho que dizer que sem os alemães a ABLA nem sequer existiria. Até 1997 todo o trabalho da ABLA dependia de verba alemã. Hoje a presença alemã é de influência secundária. A direcção é portuguesa e os encaminhamentos financeiros internos acontecem pela orientação do Estado Português. A única coisa que permanece é o apadrinhamento de crianças aqui de Cascais, que ainda é feito por alemães de diversas zonas da Alemanha. A Câmara de Cascais financia os trabalhos com toxicodependentes, o trabalho de apoio domiciliário e também da creche. A influência dos seis alemães que trabalham na ABLA é hoje limitada. Nós vivemos com uma administração portuguesa e podemos uma vez ou outra acrescentar um componente alemão, mas não estamos nos processos decisórios.* [H11 p.2]

Enquanto instituição de beneficência, a ABLA adquiriu estatuto de referência internacional, fomentado, através dos contactos conseguidos pelos seus representantes alemães e de outras nacionalidades: *A ABLA é certamente conhecida na Alemanha pelos nossos patrocinadores. A casa de hóspedes vive muito da propaganda de boca em boca. Os hóspedes que aqui estão conhecem alguém que já esteve aqui anteriormente. E nós publicamos mensalmente, na Alemanha, uma carta circular aos nossos patrocinadores informando a respeito das actividades aqui em Portugal. E também podemos dizer que os alemães que financiam a ORA internacional também conhecem a ABLA.* [H11 p.2]

A característica da análise de conteúdo dos discursos dos sujeitos envolvidos na ABLA aproxima-se dos objectivos da investigação que aqui desenvolvemos, nos relatos de tensão entre os cinco cidadãos alemães e a direcção da ABLA, actualmente realizada por uma cidadã portuguesa. Apenas três dos cinco sujeitos que actuam na organização

aceitaram realizar entrevista. Os outros dois cidadãos alemães reagiram ao contacto com a entrevistadora afirmando não sentirem-se à vontade para tal procedimento declinando da solicitação. Um destes sujeitos é filho do antigo director e pastor da igreja evangélica alemã que, ao retornar à Alemanha foi substituído no cargo de direcção pela sua secretária de nacionalidade portuguesa, esta é ainda actualmente a directora da ABLA. A forma portuguesa de planear e conduzir os trabalhos, de tomar decisões e de coordenar as actividades da organização é observada pelos sujeitos alemães como distanciamento dos princípios das actividades desenvolvidas pela ABLA. Essa postura faz com que a organização deixe de ter as características alemãs do princípio de sua estruturação em Portugal: *Hoje não é uma casa alemã. Não é uma família, embora ainda seja transmitido desta maneira. Mas se é uma família, é uma família portuguesa. E nós somos apenas uns cinco alemãezinhos, que são um apêndice neste sistema.* [M14 p.3]

Dos três sujeitos alemães entrevistados, dois estão na organização desde a sua fundação, facto que leva a constantes comparações entre a antiga direcção e a actual. A diferença na forma como a actual directora conduz os trabalhos é vivenciada pelos sujeitos como uma dificuldade para continuar desenvolver as actividades que antes já desempenhavam dentro da organização. E relacionam isso com a mudança de mentalidade de uma administração para a outra: *Nós aqui temos uma boa chefia e temos bons projectos, mas eu penso que temos também um potencial humano não aproveitado. E isso para mim tem relação com a mentalidade portuguesa em manter os empregados subalternos e não investir na sua formação. (...) Nós vivemos actualmente com uma administração portuguesa e podemos uma vez ou outra acrescentar um componente alemão, mas não estamos nos processos decisórios.* [H11 p.2 e 3]

4.7.7 CCILA – Câmara do Comércio e Indústria Luso-Alemã

Volkswagen/ Autoeuropa

A Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã (CCILA), com mais de 1000 membros, é a maior câmara de comércio estrangeira em Portugal. Segundo dados da própria

organização, Portugal mantém com a Alemanha relações comerciais privilegiadas, sendo a Alemanha o segundo parceiro comercial mais importante de Portugal, a seguir à Espanha. Em Portugal estão instaladas cerca de 350 médias e grandes empresas alemãs, empregando perto de 75 mil trabalhadores.³⁶

A CCILA é uma delegação e representação da República Federal Alemã em Portugal. Foi fundada em 1954, somando-se à rede mundial que totaliza 117 câmaras de comércio no estrangeiro. A Câmara tem como um dos objectivos apoiar empresas alemãs a entrarem no mercado português. Da mesma forma, as empresas portuguesas são apoiadas no início das suas actividades comerciais na Alemanha. Alguns sujeitos do estudo de caso referem a sua actuação na CCILA como local de convívio com outros indivíduos alemães: *O único espaço onde me encontro com alemães é na Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã.* [M2 p.2] Também a interacção entre a CCILA e o Instituto Goethe de Lisboa é referida: *Com a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã temos um bom contacto e fazemos actividades conjuntas.* [H18 p.2] O significado da organização para cada um dos sujeitos, está condicionado pela experiência e necessidade individual: *Para mim as instituições alemãs servem apenas para fazer negócio e para trabalho. Por exemplo os meus contactos na Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã são contactos profissionais. Mas para a minha vida privada ou para a minha integração no país essas instituições não servem.* [H15 p. 2]

No entanto, a análise permite perceber que a existência da organização oferece oportunidades tanto de convívio pessoal como profissional, de acordo com a necessidade e empenho de cada sujeito: *A integração pode acontecer por exemplo através da Câmara da Indústria e Comércio luso-alemã onde há alemães e portugueses activos. Integrar-se significa que o grupo alvo não é o alemão, mas os portugueses.* [H13 p.2]

A empresa Autoeuropa é uma subsidiária portuguesa da empresa alemã Volkswagen. Instalada há uma década e meia em Palmela/ Lisboa, é, segundo o informe da Revista *Impakt*, considerado o investimento estrangeiro industrial mais importante até hoje executado em Portugal. A estabilidade política do país, as condições de vida para as chefias estrangeiras e as infra-estruturas oferecidas pela empresa são os aspectos positivos apontados para Portugal ser uma das alternativas mais atractivas oferecidas pela Volkswagen em termos de circulação e mobilidade profissional de quadros

³⁶ cf. Revista *Impakt* nº 116

qualificados. E Portugal é descrito como a maior conquista para estes profissionais alemães dentro da empresa: *A Volkswagen tem locais de trabalho em várias regiões do mundo e havia aqui uma vaga na direcção de recursos humanos. Eu assumi esta vaga em Lisboa porque é uma das ofertas de trabalho mais bonitas oferecidas pela Volkswagen. [H13 p.1]; É uma estratégia da Volkswagen oferecer rotação aos dirigentes da empresa para ocupar cargos no exterior. Eu aceitei a vaga de directora financeira com gosto por ter a oportunidade de estar um tempo maior em Portugal. A Volkswagen tem filiais por todo o mundo e eu tive o grande privilégio de receber essa oferta para Portugal. [M22 p.1]*

Os actores envolvidos no ambiente da empresa são incentivados a assimilar uma identidade e um sentimento de superioridade e aparente imunidade em relação a crises ou derrotas. Segundo o descrito pelo jornal periódico internamente distribuído: “quem trabalha na Volkswagen (...) terá provavelmente o sentimento de estar do lado dos vencedores. De certa maneira, tudo corre bem na Volkswagen”.³⁷ O sentimento de realização profissional no cargo que ocupam os sujeitos entrevistados associa-se às vantagens que este propicia, entre elas o clima e a localização geográfica da empresa: *Portugal ainda é um ambiente razoavelmente pouco estranho em relação a outras possibilidades onde a Volkswagen está instalada como China, Índia, Rússia, Austrália. Portugal é para mim o local mais atractivo dentro da Europa em razão do clima e da localização geográfica da Volkswagen Autoeuropa por estar localizada tão próxima de Lisboa. [M 22 p.4]*

A interacção cultural dentro da empresa é outro ponto de destaque dado pelos meios de comunicação internos, referindo a constituição de novas referências identitárias de funcionários portugueses e alemães: *Eu diria que o português que trabalha na Autoeuropa não é mais 100% português e o alemão que vem para Autoeuropa também acaba por se aproximar do estilo português. [M22 p.1]* Esta aproximação do estilo português é visto com reservas por exemplo no hábito português de realizar pausas para café – *Outra situação comum aqui em Portugal é a pausa para café. Temos aqui na Autoeuropa máquinas para café onde há sempre pessoas a conversar. O que na visão portuguesa é normal, para o alemão é visto como aqueles que não têm nada para fazer. Mas penso que esteja relacionado com o gosto que o português tem por falar e conversar. [M22 p.3]* Em visita guiada às instalações da empresa foi possível observar a

³⁷ Revista Impakt, março 2010 p. 1

disposição destas máquinas, localizadas em um corredor que serve de passagem de funcionários e materiais. Não havendo cadeiras, apenas duas mesas pequenas num canto simbolizando a função deste espaço.

4.8 Processos e estratégias de integração

“... Talvez este seja o segredo da integração: quando saio da Alemanha, levo o meu coração comigo, não deixo o meu coração na terra...” [H7 p.2]

“...Posso imaginar que haja alemães que se sintam integrados na sociedade portuguesa. Penso que uma parte está envolvida com a sociedade portuguesa e outra parte dos alemães residentes em Portugal está envolvida com a comunidade alemã...” [M11 p.2]

Um dos objectivos para esta pesquisa refere-se à intencionalidade de conhecer os processos de integração de cidadãos alemães através dos discursos dos sujeitos entrevistados. Segundo Bastos e Bastos (1999: p.40) estratégias identitárias são procedimentos elaborados por actores sociais em função da situação de interacção em que se encontram. Estas estratégias dependem de determinações sócio-históricas, culturais e psicológicas. O que se constata é que os 43 discursos interpretados, apesar de reflectir o mesmo contexto de cidadãos alemães, ou descendentes em âmbito lisboeta, ainda assim, referem experiências diversas e cada qual com definições próprias para a maior ou menor integração no espaço português. A heterogeneidade das respostas e das

experiências quanto à integração individual e/ ou de alemães como grupo de estrangeiros residentes em Portugal demonstra-se no quadro que se segue. Os elementos de distinção entre os níveis de integração ou de não integração não são nitidamente discerníveis ou facilmente evocados nos discursos, e a categorização empregada entre integração pela positiva e integração pela negativa não define antagonismos, mas metodologias para caracterizar, no discurso, as estratégias de integração e de não integração ou de fragilidade e instabilidade no processo de incorporação social e cultural dos indivíduos alemães em Lisboa.

Quadro 14. Processos de integração

Tema	Categoria	Pela Positiva	Pela Negativa
Processos de integração	1. Decisão e atitude pessoal	<p>‘...Integração tem relação com a vontade pessoal. Se chegamos aqui e apenas nos dedicamos ao trabalho ou à vida familiar, excluimo-nos intencionalmente do convívio social e vivemos num gueto. Para mim é mais importante fazer a experiência do conhecimento da forma como as pessoas vivem neste país e entrar em contacto com a sociedade. Penso que há alemães que vêm para Portugal e se ocupam muito com a família, com as crianças ou até com outros alemães que também vivem aqui e acabam por criar laços intensos a tal ponto que não lhes resta mais muitas forças para ainda dedicar-se ao país de acolhimento. E isso é mesmo fácil que eu diga para o meu colega alemão que aqui vive: Vamos sair hoje à noite, traga também a sua família. Mas é mesmo mais difícil e exigente convidar uma família portuguesa para estar na nossa casa...’</p>	<p>‘...Há aqueles alemães que por exemplo trabalham na Autoeuropa e sabem que ficarão aqui dois anos ou três anos e para que então gastar energias em integração, aprender a língua e fazer amizades? Integração é algo que exige tempo...’</p> <p>‘...Estando há tanto tempo aqui fica claro para mim onde a integração termina. E onde podemos nos integrar ou não e onde gostaríamos de nos integrar e não podemos. O que gostamos e o que não gostamos...’</p>

	2. Estabilidade financeira e profissional	<p>‘...Acho que a integração tem muito a ver com a nossa situação em termos de trabalho. Quando se chega a um país tal como eu, em condições muito favoráveis e já com um contrato de trabalho, isso não se pode comparar a um trabalhador que chega como imigrante. As pessoas foram sempre muito simpáticas comigo desde o início...’</p>	<p>‘...Conheci muitas pessoas que chegaram aqui com um contrato de trabalho de cinco anos. Sabiam perfeitamente que iriam voltar depois à Alemanha e isso também tem certas consequências para a vida diária. Ficam mesmo dentro daqueles grupinhos alemães. Essas pessoas nunca aprendem a língua, só um pouco porque trabalham em empresas onde podem falar alemão. Têm os filhos na Escola Alemã e não vêem a necessidade, e obviamente a língua é um factor bastante importante para fazer amizades também...’</p>
	3. Capacidade de adaptação X ausência de identificação	<p>‘...Os Alemães têm grande capacidade de adaptação. Acho que há os dois lados. Os alemães gostam de estar em grupo com outros alemães, mas não se fecham somente nestes grupos; ao contrário, gostam de estar com portugueses pelo facto de estes serem bastante hospitaleiros. E a integração acontece naturalmente...’</p>	<p>‘...A maior parte dos alemães não está integrada. Em especial quando o casal é alemão parece-me que a integração é quase nula. Temos membros no Clube Alemão que falam alemão em casa, assistem o canal de TV alemão, fazem compras no Lidel e assim. Eu considero isso terrível. Tão longe eu não vou...’</p>
	4. Fechamento de redes sociais – entrada apenas pela rede familiar	<p>‘...Aqui em Portugal conta muito em termos de integração a rede familiar. Quem não tem família portuguesa, ou vive só ou é um casal alemão tem mais dificuldades. Eu conheci alemães que tinham pena por não ter isso ou aquilo cá, eu não faço isso...’</p> <p>‘...Os portugueses são simpáticos e dispostos a ajudar, mas têm o seu próprio círculo familiar ao qual se dedicam...’</p>	<p>‘...Não tenho contactos ou amizades com pessoas portuguesas, com excepção dos familiares de minha esposa...’</p> <p>‘... Penso que seja mais simples para casais onde um alemão é casado com uma portuguesa ou um português casado com uma alemã porque ali se chega mais rapidamente à família. O que eu vejo é que o português vive com um conceito diferente de família. Na Alemanha há uma compreensão muito mais forte e significativa para o círculo de amigos e há uma convivência mais aprofundada com pessoas amigas que não são familiares...’</p> <p>‘...Para os portugueses também é difícil fazer amizade com os alemães. Mas é certo que o alemão que não tem família aqui tem toda a forma de problemas...’</p>

	<p>5. Geografia e clima do país de pertença X gastronomia e auto-estima pelo país de referencia</p>	<p>‘...Há um grupo de alemães que vivem em Portugal mesmo em razão da geografia ser atractiva; o clima é agradável, a proximidade com o mar é propícia e nesta perspectiva vivem há 20 ou 30 anos em Portugal, falam um português pior do que o meu, mas que apesar disto sentem-se integrados no ambiente português...’</p>	<p>‘...Assisto ao canal alemão. Não tenho canal português em casa. Estou afastado das questões relativas ao estado e a sociedade portuguesa e posso viver bem aqui assim, não me faz diferença alguma e até prefiro que seja assim. Claro que há vantagens em viver em Portugal como por exemplo o clima que aqui é mais agradável. Por mais que eu prefira o verão da Alemanha porque aqui o calor é demais para mim, mas Janeiro é mesmo mais agradável estar em Portugal. Minha esposa importa alimentos biológicos Alemanha. Por exemplo não existe iogurte biológico português, portanto se desejamos nos alimentar de iogurte biológico temos de buscar o alemão, não pela nacionalidade mas por ser biológico. Também importamos pão alemão, mas muitos portugueses também compram pão alemão...’</p>
--	---	--	--

	6. "Deixar viver"	<p>‘...Os portugueses são extremamente simpáticos e prestativos. Penso que os portugueses fazem distinção entre estrangeiros. Os europeus são melhor vistos e são no dia-a-dia tratados de forma mais respeitosa. Penso que há em Portugal uma modalidade de discriminação positiva e outra negativa em relação aos estrangeiros que aqui vivem. E os alemães fazem parte do grupo de discriminação positiva...’</p> <p>‘...Os alemães são bem vistos aqui. O facto de ser alemão é capaz de abrir certas portas. Os portugueses sempre receberam os estrangeiros com cortesia. Uma faceta positiva que cá me deixam em paz, deixam-me fazer as coisas como eu quero e não fazem pressões...’</p>	<p>‘...O meu círculo de amizades são pessoas com experiencia de viver entre duas culturas. Um ponto é a língua, o português é de difícil compreensão para os alemães. Outra percepção que tenho é de que o português é bastante educado e reservado. Não quer incomodar o outro de forma alguma e assim também não tem curiosidade pelo outro. Também o ritmo de vida português é diferente. Trabalha-se muito em horas de trabalho. Também tenho o sentimento de que portugueses querem dar aos estrangeiros que aqui vivem o máximo de liberdade e evitam incomodar e até aproximar-se...’</p> <p>‘...Eu não estou integrada na sociedade portuguesa, ainda assim me sinto bem aqui. Também acho muito positivo que os portugueses me deixam viver assim. Ninguém fica a avaliar-me e criticar-me pela minha forma de viver aqui. E os portugueses são realmente agradáveis e simpáticos, mas quando vivemos aqui ao lado são fechados para aprofundar amizades e contactos...’</p>
	7. Diferenças culturais	<p>‘...Eu diria que antes de integração há uma aceitação dos alemães na sociedade portuguesa. Ou talvez seja assim que ao nos sentirmos bem em Portugal já estamos integrados. Não sei se esta é uma definição para integração...’</p>	<p>‘...Tu não tens isso com uma pessoa portuguesa. Chega-se até um certo limite e ali fecha-se a porta. Depois é só superficial e tu não vais mais fundo, não há relacionamentos profundos. Isso não entra na minha cabeça, essa incapacidade minha de chegar ao coração do português, de poder sentar com ele e poder conversar com ele...’</p>

	8. Língua e localização geográfica	‘...Senti-me integrada logo no início por causa da língua. Nunca me senti estranha em Portugal. Tenho imensos amigos portugueses e também tenho bons amigos alemães...’	‘...Começa com a língua e depois ainda moram em Cascais e Estoril onde acabam a reunir-se com alemães somente e se vem para ficar aqui só dois ou três anos realmente não conseguem integração na sociedade portuguesa. Então a intenção para a integração existe, mas não conseguem simplesmente. E agora que estou em Portugal percebo com clareza essa questão da integração, quais os espaços onde eu gostaria de me integrar, onde eu gostaria de aceitar uma mudança em mim mesma e também nas coisas que eu não quero mudar.
	9. Vínculos de amizade	‘...O processo de integração foi mais ou menos rápido. Nas primeiras semanas eu fiquei um pouco frustrada porque queria mesmo integrar-me rapidamente e ter amigos portugueses. A integração foi mais fácil através da igreja e também pelo meu namorado e os amigos do meu namorado. Para mim integração não é só compreender as pessoas na rua ou no mercado ou no autocarro, mas quando eu tenho realmente contactos com portugueses. Eu recebo convites para actividades e tenho relações estáveis com portugueses. Tenho uma melhor amiga que é uma portuguesa. Agora que volto para a Alemanha sinto que tenho uma rede social para onde posso voltar...’	‘...No geral as minhas amizades são com portugueses que já estiveram na Alemanha ou com alemães que também têm um parceiro português. E com portugueses acho difícil fazer amizades. Mas quando estamos há tanto tempo aqui fica claro onde a integração termina. E onde podemos nos integrar ou não e onde gostaríamos de nos integrar e não podemos...’ ‘...Ouço os lamentos de alemães que não conseguem contacto com portugueses. Os portugueses não estão facilmente abertos para os estrangeiros. Temos de conhecer um português por muito tempo até que ele cria confiança...’

Fonte: Entrevistas realizadas entre 2009 e 2010

Os sujeitos divergem entre si quanto à abertura para o contacto com portugueses no âmbito da experiência interactiva. A questão familiar determina, em boa parte, a maior ou menor interacção com a sociedade envolvente, sendo fundamental tanto a rede familiar portuguesa quanto a alemã – *Se é um casal só de alemães, eles têm mais dificuldade de integrar-se do que um casal bicultural porque aqui em Portugal conta muito em termos de integração a rede familiar. Quem não tem família portuguesa, ou vive só ou é um casal alemão tem mais dificuldades. Conheci vários casais alemães que se sentiam sozinhos aqui. E sentiam dificuldade em ter contacto com portugueses. Eu penso que os laços mais importantes na relação portuguesa são os familiares. Se temos*

relações familiares é um factor facilitador de integração. Sem não esses laços familiares é muito mais difícil. [H7 p.1]

Várias são as referências ao difícil acesso às redes sociais com portugueses. Menciona-se que a abertura para a integração com portugueses acontece quase somente pela via de envolvimento na rede familiar portuguesa, sendo esta a via acessível para a incorporação no grupo social português: *Acho que estou integrado, mesmo que me sinta sempre um pouco diferente dos portugueses, mas acho que até nos primeiros anos consegui muito facilmente integrar-me. E senti-me aceite. Penso que foram amigos e familiares por parte da minha mulher que facilitaram isso. [H7 p.1]* Aspecto positivo é a facilidade de adaptação de cidadãos alemães através do casamento com portugueses: *Acho que os alemães se adaptam facilmente. As pessoas alemãs que eu conheço são casadas com mulheres ou homens portugueses e isso facilita a integração. [H5 p.2]*

A estrutura familiar e profissional da sociedade portuguesa reflecte no grupo a noção de indisponibilidade para novos relacionamentos. Demonstra-se escassez de tempo e falta de condições favoráveis para que se aprofunde relações de convívio e amizade – *Eu vivo em Lisboa e percebo que as pessoas estão sempre muito ocupadas. Têm longas horas de trabalho e quando chegam a casa à noite não têm mais forças e nem vontade para dedicar-se a algo fora do ambiente familiar. E no final de semana tem de fazer compras, limpeza e ocupações familiares muito mais do que na Alemanha. Vejo que há pouco espaço, poucas possibilidades. [M1 p.2]*

Característica das representações discursivas analisadas é a concepção de que boa parte da resistência para a integração está no grupo português. A existência de tensões entre os dois grupos culturais transparece nos relatos naquilo que Vala (1986: p. 5 -30) definiu como a dificuldade de gerir a diferença. Facto que leva à noção de que o desejo de integração é em boa parte das vezes unilateral, ou seja, não se reflecte como uma habilidade de ambos os grupos envolvidos. O que se mostra é uma diferenciação quanto à conceitualização daquilo que venha a ser compreendido como estado de integração no país de destino, sendo para o grupo alemão boa parte das vezes relacionado com a capacidade em desenvolver relacionamentos e manter laços de amizade. Segundo Berger e Luckmann (2002), a amizade é fundamental para a plausibilidade da realidade subjectiva e para a dimensão afectiva da socialização, na medida em que cria sentimentos de pertença ao grupo: *À partida os alemães são bem recebidos em Portugal. Há no entanto uma barreira que diz respeito ao hábito social dos portugueses*

que leva a que de todo o modo seja difícil manter contactos mais profundos com os portugueses ou estabelecer compromissos. Sempre quando alemães se reúnem surge esse tema de que os portugueses compreendem a amizade de outra forma que a dos alemães. Os alemães têm a noção de que uma amizade tem de ser cuidada, que se tem de fazer algo por ela. Para nós não basta essa ideia de se encontrar uma vez ou outra para comer juntos. Tenho a impressão de que para os portugueses essa é a forma única de expressar a amizade. Vejo isso como algo extremamente limitado. [M15 p.2]

O desconhecimento da língua portuguesa, a segregação geográfica dos alemães, concentrados em maior número nas regiões de Cascais e Estoril, são questões estruturais que condicionam o distanciamento e a incapacidade em manter contacto, reflectindo-se na ausência de integração: *Eu percebo por exemplo as amizades da minha filha com alemães na escola alemã, eu diria que mais de metade tem interesse pela cultura e sociedade portuguesa e gostariam de conhecer os portugueses mas não conseguem. E começa com a língua e depois ainda moram em Cascais e Estoril onde acabam reunindo-se com alemães somente e se vêm para ficar aqui só dois ou três anos realmente não conseguem integração na sociedade portuguesa. Então a intenção para a integração existe, mas não conseguem simplesmente. [M1 p.2]*

Condicionantes externos podem servir como pontes de acesso entre sujeitos de grupos culturais distintos, por exemplo um animal de estimação: *Tenho amigos portugueses. Posso dizer por exemplo que quando o meu cão faleceu os meus vizinhos portugueses tiveram muita conversa. Conheciam-me e perguntavam a respeito do cão. Eu não tenho dificuldades. Quando se tem um cão abre-se também uma porta de diálogo com pessoas. [H4 p.1]*

A determinação para uma integração ‘bem sucedida’ perpassa realidades individuais subjectivas; na maior parte dos relatos mostra-se uma definição de integração associada ao bem-estar, às amizades e à qualidade de vida possível no país de destino: *Eu gosto da vida aqui. Gosto muito de ir para a Alemanha, mas só por uma ou duas semanas. Depois começo a sentir-me fechada. As pessoas lá têm um tipo de relacionamento muito diferente do que nós temos aqui em Portugal. Eu identifico-me e sinto-me muito melhor aqui. [M10 p.2]* Os portugueses que ‘evitam incomodar’ o estrangeiro no seu país e o factor climático colaboram para o sentimento de ‘boa integração’: *Tenho o sentimento de que portugueses querem dar aos estrangeiros que aqui vivem o máximo de liberdade e evitam incomodar e até de se aproximar. E há um grupo de alemães que*

vivem em Portugal mesmo em razão da geografia ser atractiva, o clima é agradável, a proximidade com o mar é propícia e nesta perspectiva vivem há 20 ou 30 anos em Portugal, falam um português pior do que o meu, mas apesar disto sentem-se integrados no ambiente português. [M23 p.2]

Com efeito, aspectos de uma discriminação positiva por parte dos portugueses, que deixam os estrangeiros viver ‘em paz’ no seu país, são retratados como factores facilitadores da presença de boa parte dos alemães em Lisboa – *A integração é difícil. Amizade mesmo com portugueses só a minoria dos alemães é que consegue e só quando tem casamento com português. Aqueles alemães que entram para a família através do casamento talvez consigam um contacto maior. Mas quando o casal é alemão penso ser mesmo difícil. Eu não conheço ninguém nesta posição. Os portugueses são muito fechados. São simpáticos e agradáveis, mas muito fechados. Eu não estou integrada na sociedade portuguesa; ainda assim sinto-me bem aqui. Também acho muito positivo que os portugueses me deixem viver assim. Ninguém fica a avaliar-me e a criticar-me por minha forma de viver aqui.* [M6 p.1]

O que boa parte dos entrevistados perspectiva como um bom processo de integração associa-se ao comprometimento, amizade e convívio aprofundado. São experiências subjectivas que exigem tempo e desprendimento de ambos os lados. *No trabalho é fácil lidar com portugueses. Mas amizade e integração são tarefas difíceis. Integração sem domínio da língua é impossível, pelo facto de que o domínio de uma língua estrangeira por parte dos portugueses é limitado, ou pelo facto de não haver conhecimento, ou falta de prática ou por razão de não desejar mesmo falar outra língua. O que significa dizer que se desejamos fazer contacto temos também de saber falar a língua do país. Há alemães que aqui vivem e que permanecem nos seus grupos fechados, negociam apenas com o Lidl ou o Aldi, mesmo que para isso tenham de fazer 50 km ou mais. Mas este não é o meu sentido de vida e a minha escolha. Assim também não era nossa opção morar aqui num condomínio alemão. Onde moramos temos vizinhos portugueses.* [H12 p.3]

O interesse pela boa integração por parte do grupo alemão está condicionado, segundo relatos, à situação profissional e ao planeamento de permanecer no país de acolhimento por maior ou menor período, aspecto que elabora uma categorização de grupo nos alemães residentes em Portugal – *Vejo três grupos entre os alemães que vivem aqui. Um grupo é constituído pelos alemães em espaços profissionais com tempo*

determinado em Portugal. Um outro grupo é formado por pessoas como eu, que num determinado momento da vida vêm para Portugal e decidem ficar aqui. Parece-me que este grupo é formado mais por mulheres do que homens. O terceiro grupo é bastante diverso, são alemães que já estão aqui na terceira ou quarta geração. Na igreja alemã encontramos senhoras idosas que já nasceram aqui em Portugal e apesar disso têm todas as características de uma autêntica alemã. Penso que essas pessoas que nasceram aqui, ou cujos pais ou avós vieram para cá, estão bem integradas. [M11 p. 2]

Os relatos demonstram a percepção de que integração é um processo em dimensão temporal, relacionada com o projecto de vida, algo que exige tempo: *Acho que o importante é como as pessoas vivem dentro de um país. Eu conheci muitas pessoas que chegaram aqui com um contrato de trabalho de cinco anos, sabiam perfeitamente que iriam voltar depois à Alemanha e isso também tem certas consequências para a vida diária. Essas pessoas ficam mesmo dentro daqueles grupinhos alemães, nunca aprendem a língua, só um pouco, porque trabalham em empresas onde podem falar alemão. Têm os filhos na Escola Alemã, não vêem a necessidade de aprender a língua do país, e obviamente a língua é um factor bastante importante para a integração. [H3 p.3]*

A complexidade subjectiva dos processos de interacção analisados implica em constatações amplas em relação à maior ou menor competência de integração dos sujeitos. Relevante para a temática da elaboração identitária que aqui se observa é a importância dada ao contacto nas instituições luso-alemãs e o envolvimento em grupos de convivência com outros alemães, como afirma o presidente do Clube Alemão em Lisboa, casado com uma portuguesa e trabalhando numa empresa portuguesa: *Eu vivo aqui porque aprecio e gosto da sociedade e cultura portuguesas. Penso que devemos nos integrar sem no entanto esquecer as nossas raízes. É neste sentido importante manter a língua alemã de toda a forma, sem poder falar o alemão eu não gostaria de viver em Portugal e também se eu não conhecesse nenhum alemão aqui em Portugal penso que não ficaria a morar aqui por muito tempo. Isso para mim é importante assim como algumas tradições como o Natal tem também um significado especial. [H6 p.3]*

E mesmo onde se defina como inválida a função integrativa das instituições, o vínculo afectivo com outros alemães é indispensável para o sentimento de bem-estar no país de pertença – *Para mim as instituições alemãs servem apenas para fazer negócio e para trabalho. Por exemplo, os meus contactos na Câmara de Comércio e Indústria Luso-*

Alemã são ligações profissionais. Mas para a minha vida privada ou para a minha integração no país essas instituições não servem. Nossa vida social passa por laços privados. O nosso círculo de amigos é dividido, uma parte são familiares da minha esposa e por outro lado são alemães. Tenho uma amiga alemã do tempo de escola, ela tem uma quinta no Alentejo e com ela mantemos contacto. Tenho também um colega de trabalho que também é alemão, com o qual também tenho amizade. [H15 p.1 e 2]

Andreas Dornseifer (2002),³⁸ investigador alemão, igualmente interessado em observar a forma e os níveis de integração de cidadãos alemães em Portugal, afirma a contribuição das instituições religiosas no passado e no presente para a integração positiva de alemães em Portugal. Destaca o papel da Congregação Evangélica Alemã de Lisboa na fundação das Escolas Alemãs de Lisboa e Estoril e o significado da Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa, principalmente nos primeiros séculos da presença alemã em Lisboa. E acrescenta ainda o Cemitério Alemão em Lisboa como instituição significativa para a assistência de alemães no contexto português.³⁹

Segundo este autor, realizando estudos de Direito Comunitário e de Integração na Universidade Técnica de Lisboa, a integração alemã em Lisboa é harmoniosa, e conclui isso a partir dos relatos dos próprios alemães por ele contactados. Para Dornseifer, a história dos alemães em Portugal serve como modelo para descrever a história de cidadãos europeus e afirma isso em razão do sucesso da integração entre alemães e portugueses no contexto português. A identidade europeia é, segundo citação do autor, definida dialecticamente a partir de conceitos como diversidade e unidade, sendo este o conteúdo do Projecto de Integração da UE para o qual integração não significa infiltração. Segundo o artigo 6 parágrafo 3 do Projecto de Integração, “ O processo de integração visado para a UE deseja salvaguardar as diferenças culturais de cada nação e simultaneamente possibilitar uma existência comum entre culturas”. As diferenças

³⁸ Dornseifer compilou um artigo de 17 páginas após uma breve estadia em Lisboa em 2002 na qual desejou observar as actividades e a vida social e familiar de cidadãos alemães por ele seleccionados. O artigo, não publicado, foi-nos tornado acessível através da biblioteca pessoal de um de nossos entrevistados, segundo o qual o artigo foi posteriormente publicado no âmbito de investigação e documentação da União Europeia.

³⁹ Conforme o autor: “ Dass die deutschen christlichen Gemeinden, die Deutsche Evangelische Kirchengemeinde in Lissabon und die Katholische Deutsche Seelsorge in Lissabon ihren Beitrag zur Integration geleistet haben und leisten, muss nicht explizit und detailliert hervorgehoben werden, erinnert sei nur an die wichtige Rolle der Evangelischen Kirchengemeinde bei der Grundung der Deutschen Schule sowie an die Bedeutung der Bartholomäus-Bruderschaft, insbesondere in den ersten Jahrhunderten der deutschen Ansiedlung in Lissabon. Nicht zuletzt ist auch die Errichtung des Deutschen Friedhof , der am 25. Januar 1822 eingeweiht wurde, steht im Eigentum der Deutschen Evangelischen Gemeinde in Lissabon. „

nacionais e culturais, os direitos culturais, levam a intensivos diálogos no âmbito da UE. O autor conclui o seu estudo afirmando que a história dos alemães em Lisboa é um exemplo prático de integração europeia positiva, realizada por cidadãos europeus.

Nos relatos, o que se destaca é, em boa parte, a definição da diferença do grupo alemão para o português, demonstrando exercícios mentais de comparação. Através dos discursos das diferenças caracterizou-se positiva ou negativamente os processos de integração do grupo alemão no ambiente português.

4.9 Representações e identidade de género

“...Em Portugal, com certeza há mais aceitação para que mulheres tenham filhos e mantenham carreira profissional. O que eu fiz aqui, vivendo sozinha, mantendo minha carreira e as minhas filhas comigo, seria impossível na Alemanha...”. [M25 p.4]

O papel da mulher no contexto das duas sociedades envolvidas, a alemã e a portuguesa, aparece como tema emblemático definido, em especial, por quatro das 25 mulheres entrevistadas. As mulheres em questão são alemãs, e actuam em diferentes áreas profissionais em Lisboa:

- * Jornalista e relações públicas com escritório próprio actua junto à Câmara do Comércio e Indústria Luso-Alemã (há 12 anos em Portugal);
- * Directora de recursos/Autoeuropa em Lisboa (há 4 anos em Portugal);
- * Socióloga actualmente professora de Alemão e Germanística (há 29 anos em Portugal);
- * Tradutora, professora de Alemão e responsável por intercâmbios estudantis da Universidade de Lisboa (há 5 anos em Portugal).

A oportunidade de conciliar maternidade e profissão é citada por uma destas mulheres como o fundamento da sua opção por Portugal. Ao optar por Portugal foi-lhe possível concretizar dois sonhos: fazer carreira e ter filhos – *Eu notei que aqui em Portugal eu*

podia realizar ambos os meus sonhos: o meu conceito de vida era fazer carreira e ter filhos. Eu queria ter dois ou três filhos e não abandonar a minha carreira, o que na Alemanha é incompatível. Na Alemanha quase não há mulheres em cargos de liderança. E aqui em Portugal os filhos são considerados do casal e não um problema que a mulher tem de resolver se quiser continuar a trabalhar. Na Alemanha quase não há creches. E isso tem muito a ver com mentalidade. Aqui é muito fácil, eu tive três filhos. Se tivesse ficado na Alemanha teria tido no máximo um filho, o que é triste. [M2 p.1]

Embora sendo um país moderno e economicamente mais desenvolvido, em relação a outros países europeus, a sociedade alemã mantém-se tradicionalmente conservadora em relação à imagem e ao papel da mulher. Até hoje, as mulheres na Alemanha recebem salários menores para desempenhar as mesmas funções que os seus colegas do sexo masculino, o que, em muitos casos, costuma acarretar a dependência económica destas mulheres em relação aos seus parceiros.⁴⁰ A opção pela maternidade significa para a maioria das mulheres o fim da carreira académica: *No que diz respeito ao tema família a Alemanha é caracteristicamente conservativa e tradicional. Conheço muitas mulheres da minha geração que fizeram formação profissional em áreas muito expressivas para as quais estudaram anos. Então engravidaram e com isso fizeram uma pausa de três anos, então tiveram mais um filho e são mais três anos em casa. E estando seis anos fora do ambiente profissional não há possibilidade de retornar ao contexto de trabalho. A discussão é de tal modo antiquada que na Alemanha se toma como senso comum que nos três primeiros anos de vida a criança tem de estar em casa com a mãe. Como se todas as mulheres automaticamente fossem uma perfeita educadora. [M23 p.3]*

A organização profissional e social portuguesa, comparativamente com a alemã, apresenta-se, na compreensão das mulheres entrevistadas, mais aberta e flexível para que as mulheres possam trabalhar e ter filhos sem precisar de abdicar de uma ou outra: *Em Portugal com certeza há mais aceitação para que mulheres tenham filhos e mantenham carreira profissional. O que eu fiz aqui, vivendo sozinha, mantendo minha carreira e as minhas filhas comigo, seria impossível na Alemanha. [M25 p.4]*

Um dos homens entrevistados refere a diferença entre o sistema alemão e português como de difícil comparação em razão do desenvolvimento histórico e social de cada

⁴⁰ cf. www.Mulheres:creche ou fogão? / Alemanha / Deutsche Welle / 21.02.2007

país: *Até 1974 Portugal era um país fechado, ocupado com suas colônias e com as guerras coloniais. Até o final dos anos setenta foi uma fase de insegurança para saber em que rumo Portugal se desenvolveria. Foram cinco anos para orientar os caminhos da nação. E quando isso se fez, Portugal foi logo adicionada à União Europeia. E hoje Portugal, como um país pequeno é mais fortemente atingido pela crise do que por exemplo a Alemanha. E o modelo social que aqui se desenvolveu é de que em regra homem e mulher trabalham. As crianças permanecem o dia em escolas ou creches, o que também modifica uma sociedade. E é diferente do sistema alemão, por este motivo não podemos comparar as duas sociedades com tanta facilidade.* [H16 p.4]

A tradição alemã conserva a imagem da mulher após o casamento como ‘dona de casa’ e após o nascimento dos filhos pressupõe-se a dedicação ao papel de mãe em tempo inteiro. Para a mulher que não segue esta tradição e retorna ao trabalho após o nascimento deixando os filhos em creches, há uma expressão que é *Rabenmutter* (mãe corvo), referindo-se a este animal que abandona os seus filhos após o nascimento. Nesta expressão está implícita a ideia de que uma criança até aos três anos de idade só deve ficar sob os cuidados da própria mãe e por isso há um número irrisório de creches disponíveis no país. “ Na Alemanha, ainda olham com desprezo para as mulheres que tentam conciliar carreira e filhos. Tudo já começa com o vizinho, que muitas vezes diz ‘hum, não consigo imaginar como você educa bem seus filhos’. Até comentários de colegas do tipo ‘o quê, ela já está a sair de novo para ir buscar o filho à escola’? São incontáveis os factores que tornam tudo muito difícil”⁴¹

A decisão de ‘sair da tradição’ leva à discriminação e isolamento social. Uma das mulheres descreve a experiência de desprestígio profissional que o marido experimentou após o período em que ficou com os filhos integralmente enquanto a mulher mantinha a carreira profissional: *Eu fiz uma experiência diferente com o meu esposo. Com a primeira filha estivemos no Chile em razão de trabalho que eu tinha lá. Mas depois voltámos para a Alemanha e tivemos o segundo filho. Nos primeiros meses, seis ou sete meses, estivemos em casa. Mas depois voltei ao trabalho e tinha de trabalhar em tempo integral. O meu marido disse não haver problema, que ele ficaria em casa com as crianças. E foi assim com o segundo e também no nascimento da terceira filha. Aí fizemos assim: depois de um ano, cada qual trabalhou 50% na sua profissão. Mas neste tempo em que o meu esposo esteve integralmente lá para as*

⁴¹ Cf op cit

crianças e eu estive no trabalho fora de casa, muitas pessoas o viam como um herói, o homem que se faz modelo contra-social, enquanto eu era a mulher má capaz de abandonar as crianças com o pai. Na comparação europeia percebe-se o quanto a sociedade alemã é antiquada neste aspecto. Mais tarde, o meu esposo percebeu que não era mais levado a sério no trabalho e coisas assim, ou seja, verifica-se a desvalorização de um homem que fica em casa, lava e cozinha, leva as crianças no parque enquanto a mulher trabalha fora. [M23 p.3]

As mulheres entrevistadas avaliam positivamente as suas experiências no contexto português resultando em uma maior realização pessoal e profissional: *De maneira que eu aqui sou uma pessoa mais equilibrada, mais realizada, pois podia ter os meus filhos e manter a minha carreira profissional. [M2 p.2]*

Uma das mulheres relata haver feito, ainda na Alemanha, a escolha entre carreira, realização profissional ou maternidade, segundo ela a conciliação entre as duas coisas seria impossível. Na opinião desta mulher, não há como fazer bem as duas coisas: *Eu, na minha experiência pessoal, fiz a escolha por uma ou por outra coisa – ou seguir e manter uma carreira profissional ou ter filhos e ocupar-me com a educação das crianças. Não há como fazer bem as duas coisas. Não há como ser uma profissional de sucesso e paralelamente também uma boa mãe. Para uma boa profissional espera-se entre outras coisas flexibilidade, o que significa que algumas vezes há trabalho até nove ou dez horas da noite, o que para uma mãe seria impossível pois a criança tem prioridade. Para mim é inimaginável ser 100% profissional no cargo que actualmente ocupo aqui na Autoeuropa como directora financeira e ao mesmo tempo ser 100% mãe. O que talvez seja diferente de pessoa para pessoa. Mas no contexto alemão sempre me foi claro que deveria escolher entre uma coisa e a outra. Na perspectiva alemã é afirmado que para a criança é traumatizante ter tão pouca dedicação e contacto com uma mãe que esteja profissionalmente muito envolvida. Mas tenho de admitir que percebo que no contexto português isso é possível, pois as mulheres fazem concessões uma vez ou outra sem que as crianças tenham de sofrer sob essas restrições. Mas coloco essa modalidade possível em razão da existência de uma rede familiar com avó e avô que fazem muitas vezes a vez de mãe. Penso que nas empresas portuguesas há também muito mais aceitação em relação à realidade das mães trabalhadoras e profissionais do que na Alemanha. Na Alemanha, se eu quero fazer carreira, é presumível que o chefe espere que eu esteja lá em horário e tempo indefinido e aqui em*

Portugal é compreensível e quase normal que a mulher tenha de sair mais cedo em razão do cuidado com os filhos. [M22 p.5]

A estrutura das empresas portuguesas é mais flexível e adapta-se às necessidades familiares dos seus funcionários. Também a rede familiar portuguesa é mencionada, na qual as avós ou outros familiares participam e servem como auxílio na educação das crianças enquanto as mães mantêm as suas ocupações profissionais: *Em Portugal não há sequer a pergunta a esse respeito. Mulheres portuguesas trabalham tanto como os homens em espaços profissionais. Mas o que ocorre é que, além da ocupação profissional, as mulheres têm, na maioria das vezes a preocupação da casa e dos filhos como uma tarefa só delas. E têm de procurar lugar nas creches, levar e buscar as crianças. Mas não há essa ideia absurda de que as mulheres devem ficar em casa quando têm filhos. [M23 p.4]*

Para mim foi motivo de admiração perceber como aqui em Portugal as mulheres têm muito mais facilidade para contornar as duas coisas: carreira e vida familiar. Há aqui também muito mais mulheres grávidas. Por exemplo na praia onde mulheres grávidas passeiam mostrando a barriga, o que no contexto alemão não é nada comum. Percebo que aqui em Portugal é mais viável para uma mulher ter filhos e ainda assim permanecer na sua carreira profissional. Há aqui muitas vezes a possibilidade de ajuda por parte dos avós e também a modalidade de ter uma ama que fica com a criança boa parte do dia. Na Alemanha custa muito dinheiro ter alguém que cuide da sua criança enquanto a mãe retorna ao seu ambiente profissional. Na Alemanha é quase sem sentido pois o dinheiro que se ganha trabalhando é usado praticamente todo para pagar uma pessoa que fique com as crianças. Há neste momento também já algumas iniciativas de creches na Alemanha, mas que recebem crianças apenas a partir de um ano de idade. [M22 p.5]

A identidade de género é uma das construções identitárias que, na nossa compreensão, se faz com atributos de elementos culturais assimilados pelos sujeitos, tornando-se um forte elemento comunicador das relações luso-alemãs aqui estudadas. A descrição destas 4 mulheres descreve formas de exercício da vontade individual e familiar para permanecer no modelo de construção identitária de género assimilada no país de origem ou modelar novos processos e novas categorias de representações identitárias. Processos que demonstram a característica de metamorfose pela qual estes sujeitos auto definem sua identidade, o que confirma a heterogeneização da vida social aqui observada.

4.10 Identidade de elite

“...Quem tem filhos na Escola Alemã já é, quase naturalmente, parte da elite...” [M11 p.5]

“... A minha única acção de elite foi a Escola Alemã para meus filhos...” [M12 p.2]

“...Acho muito bom e destaco essa possibilidade de que os portugueses decidam colocar os seus filhos na Escola Alemã, ainda que para fazer esta escolha tenham de fazer parte dos financeiramente privilegiados....” [H13 p.5]

“...Sim, os alemães que eu conheço são altamente qualificados e por isso têm cargos de prestígio e consequentemente recebem salários elevados e formam uma elite em Portugal...” [H15 p.3]

O tema «identidade de elite» contextualiza-se, nesta pesquisa, pelo conjunto alargado da reflexão teórica relativa à temática das identidades. Segundo Claude Javeau, (1998: p. 157), o conceito de identidade descreve disposições comportamentais que as pessoas desenvolvem no curso das suas vidas. As relações sociais referem-se a grupos e são inseparáveis da concepção hierárquica da sociedade. No guião de entrevista o tema «identidade de elite» foi abordado em dois momentos interligados. Uma vez através da questão da concessão de privilégios, concedidos pelo Estado Português a estrangeiros residentes no país; outra vez pela temática das instituições alemãs enquanto detentoras de um estatuto de elite identitária em Portugal, compreendendo que as identidades conferem diferença aos grupos humanos.

O conceito «elite» possui diversas definições. Conforme o *Dicionário Sociológico*, o termo é utilizado para definir indivíduos ocupando posições que, resultando de processos de selecção, conferem poder para influenciar e alterar a estrutura de uma

determinada sociedade.⁴² Bottomore (1964) afirma que a palavra elite era usada durante o século XVIII para nomear produtos de qualidade excepcional. Posteriormente o seu emprego foi expandido para destacar grupos superiores, como unidades militares ou os elementos mais altos da nobreza. Etzioni (1974: p.125) define como elites os grupos de pessoas que têm poder, os quais divergem de acordo com a origem do seu poder, que pode ser derivado tanto do local de trabalho do indivíduo, como de características pessoais, ou mesmo de ambos. O mesmo autor define poder como a habilidade de um indivíduo para induzir ou influenciar outro a seguir suas directrizes. Hartmann (2007), pesquisador das elites europeias inicia uma das suas obras com a definição de que actualmente elite tem sempre a ver com poder e refere a classe social com maior poder económico – *Os que formam a elite são pessoas com um nível específico e que se sentem diferentes dos outros, mais importantes talvez.* [M7 p.3] Segundo Silva (2000), a identidade e a diferença estão em estreita conexão com as relações de poder. O que reafirma a compreensão de Hall (1999) de que a identidade é politizada e modificada em relação aos interesses individuais de cada sujeito.

Pareto (1848-1923) desenvolveu a teoria da circulação das elites. Na perspectiva deste autor, sempre existiram indivíduos que se destacaram dos demais por suas qualidades superiores. Estes indivíduos compõem uma minoria distinta do restante da população, ou seja, uma elite, termo que pode ser atribuído a qualquer grupo que se destaque na sua actividade específica. Estes grupos renovam-se através de um processo contínuo de circulação das elites, num movimento que projecta para a frente os elementos mais válidos e desqualifica ou desclassifica os outros: “A hegemonia que uma minoria alcança no seio do seu próprio grupo, camada ou classe social, ou ainda sobre o conjunto dos outros grupos, constitui o facto social e sociológico das elites”.⁴³

A estrutura estratificada da sociedade portuguesa faz com que certos grupos estejam particularmente melhor colocados do que outros, de tal forma que os seus próprios códigos gozem de prestígio: *Penso que os portugueses fazem distinção entre estrangeiros. Os europeus são melhor vistos e são no dia-a-dia tratados de forma mais respeitosa. Penso que há em Portugal uma modalidade de discriminação positiva e outra negativa em relação aos estrangeiros que aqui vivem. E os alemães fazem parte do grupo de discriminação positiva.* [M7 p.3] Actualmente há, nas ciências sociais, um

⁴²cf BERGER, Gehard. *Worterbuch der Soziologie* p. 94 e 95

⁴³ Circulação de elites. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2010.

crescente interesse pelo estudo das minorias étnicas mais desfavorecidas. A perspectiva da pesquisa aqui apresentada é a observação de um grupo associado às minorias mais favorecidas e portanto, privilegiadas, ou seja, as comunidades de estrangeiros ligados a países mais desenvolvidos, cujas expressões culturais têm aos olhos dos portugueses uma visibilidade elitista.

Procurou-se, através das entrevistas, perceber a relevância actual do Ribeiro (1919: p. 4), os estrangeiros não obtinham simplesmente privilégios comerciais, mas também de ordem civil e religiosa. Os reis portugueses concederam liberdade de culto nas casas e navios, cemitérios próprios e juízes conservadores privativos. O autor refere o privilégio da Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães para fazer os enterramentos aos irmãos da sua nação, o que se confirma no relato de um dos entrevistados: *A Associação de São Bartolomeu nasce destes privilégios. E continuam até hoje. Também tem a ver o facto destes grupos ou pessoas serem influentes, terem o poder de influenciar nas decisões. Em boa parte são privilégios económicos. Por exemplo o senhor que eu acompanho, como auxiliar geriátrico, tem uma gráfica, uma empresa que surgiu numa época muito propícia para receber benefícios económicos. Esta empresa sobrevive muito bem assim até hoje.* [H4 p.3]

O mesmo empresário citado na entrevista, proprietário de uma gráfica que emprega 120 funcionários portugueses, ao ser entrevistado refere ter sido convidado por membros da Irmandade de São Bartolomeu para associar-se à Instituição e justifica economicamente o seu declínio ao convite: *Convidaram-me para ser membro da Irmandade de São Bartolomeu, mas eu não aceitei, eles já têm muito dinheiro, eu ajudo o Centro Paroquial São Vicente de Paula no bairro da Serafina.* [H9 p.2]

O privilégio em forma de monopólio confirma-se no relato do próprio empresário: *Quando o meu pai faleceu em 1965 eu fiquei aqui por dois meses e foi o tempo em que iniciámos a gráfica em Sacavém. E ainda hoje temos 120 pessoas a trabalhar. Desde o início foi sempre um bom negócio. Porque antigamente havia monopólio aqui em Portugal. Cada sector tinha monopólio daquilo que produzia, não havia concorrência e daí que eu tinha muitos escudos os quais não podia transferir ou não queria transferir e com isso comprei essa casa. Ela tem 19 mil metros quadrados e pertenceu por cinquenta anos à família real espanhola. O pai do actual rei da Espanha foi quem me vendeu esta casa. Ele falava fluentemente o alemão. O rei ainda vem aqui de vez em quando.* [H9 p.1]

Esta referência exemplifica a compreensão da relação de interdependência entre a organização social e a organização espacial. O próprio espaço participa na constituição da diferenciação social. Conforme Miguel do Carmo (2006: p. 28), “A forma do espaço reproduz e produz as desigualdades sociais que constituem a sociedade”. No decorrer da pesquisa pôde-se evidenciar que a localização espacial escolhida como habitação dos alemães, entrevistados no estudo de caso, é representativa para uma amostra de segregação espacial positiva, ou seja, o nível económico do grupo em estudo permite-lhe habitar em zonas geograficamente privilegiadas de Lisboa e Cascais onde as casas têm jardins e muitas vezes piscinas privativas. *Moro na Praia das Mações. Na direcção da zona mais ocidental da Europa.* [M24 p.1]

Diria que de maneira geral os alemães que vivem aqui têm muito dinheiro. Moram em casas espaçosas com jardim e talvez até piscina. Vivem melhor que a maioria dos portugueses. A maioria dos alemães que vivem aqui em Portugal tem um nível de vida melhor do que 80 ou 90% dos portugueses. [M11 p.5]

Quando um filho de um funcionário de uma firma alemã estuda na Escola Alemã, a firma paga o transporte, os livros, a escola em si, a casa onde os funcionários vivem e não são casas pequenas mas naturalmente casas espaçosas. [M18 p.1]

Comparando a totalidade do grupo de alemães residindo em Portugal, em relação a outros grupos estrangeiros também residentes no país, alguns dos entrevistados constatarem haver consenso na distinção que os portugueses fazem dos alemães e de outros estrangeiros europeus e da conotação negativa atribuída a certos grupos nacionais: *Eu diria que há estrangeiros com prestígio e outros sem. Melhor vistos são os alemães, ingleses, europeus ocidentais e norte-americanos. Os malvistos são os imigrantes pobres: brasileiros, cabo-verdianos, ucranianos, moçambicanos.* [M11 p.5]

A visibilidade dos alemães através do olhar português é constatada como positiva e claramente distinta da atribuição dada a outros grupos de estrangeiros – *Os alemães não têm privilégios no sentido de receber algo. O que eu diria é que os alemães são melhor vistos pelos portugueses do que outros estrangeiros.* [H10 p.4]

A definição do termo elite, para referir os alemães enquanto um grupo social privilegiado, refere-se, em boa parte, à notoriedade económica que este grupo sustenta em Portugal – *Penso que os alemães em Portugal formam uma elite financeira, não obrigatoriamente uma elite intelectual, mas financeira.* [M23 p.3] A valorização conferida pelos portugueses aos alemães, na visão de alguns dos alemães entrevistados,

está também relacionada com a criação de postos de trabalho por iniciativa de alemães que se estabeleceram em território português: *Isso tem a ver com os cargos que os estrangeiros ocupam. As pessoas que vêm dos PALOP ou do Brasil ou da Ucrânia ocupam outras posições na sociedade. O meu avô chegou à Madeira e criou uma empresa, começou a criar postos de trabalho, começou a dar às pessoas o que Portugal não havia conseguido fazer. Portanto um estrangeiro fez isso e os portugueses estavam agradecidos.* [M16 p.4]

O atendimento nos serviços públicos portugueses é apontado como uma modalidade de discriminação positiva em relação aos alemães: *Penso que se percebe isso na forma como somos tratados em diferentes instituições, como lhe falei, sou sempre ainda chamada por ‘Madam’ em Campo do Ourique, e isso desde o princípio deixou-me totalmente irritada, eu não compreendi. Quando há pouco fui renovar o meu cartão de residência tive forte esse sentimento de quanto seja melhor ser alemã e não africana aqui em Portugal. Eu não tive prioridade no atendimento mas percebi quantas dificuldades esses grupos têm para conseguir estar em Portugal.* [M15 p.4]

O que predomina, na maior parte das definições a respeito do tema elite, em relação ao grupo de alemães em Portugal, é a noção de que a comunidade como um todo é detentora de um estatuto socioeconómico superior, tratando-se de uma elite económica. *Nas empresas alemãs aqui instaladas, o cargo de director financeiro é quase sempre alemão.* [M2 p.3] Esta caracterização de uma diferenciação económica genericamente superior para a maior parte dos alemães residentes em Portugal em relação à maioria dos cidadãos portugueses é um indicador de um outro aspecto por vezes referido pelo grupo de estudo. Trata-se da atribuição de um complexo de inferioridade que os portugueses apresentam em relação a determinados grupos de estrangeiros residentes em Portugal. *O que de facto existe aqui neste país e vê-se constantemente, é um certo complexo de inferioridade por parte dos portugueses e uma atitude de que os outros sabem melhor do que nós. Tornou-se quase uma anedota que em tempos de crise algum jornalista escreve: ‘Nós deveríamos ter um presidente da Dinamarca ou da Suécia ou da Alemanha, nós não sabemos gerir o nosso próprio destino. Devia chegar o grande salvador do Norte da Europa para mostrar-nos o caminho certo’. Pode ser um bocado de ironia mas também mostra alguma coisa. Por outro lado, quando se vê que a economia aqui de facto produz relativamente pouco em produção de carros, etc., daí*

percebe-se de onde vem a ideia de que os outros sabem melhor do que nós e nós temos de procurar no estrangeiro. [H3 p.4]

Miranda (2002: p.3), num trabalho de investigação analisando a identidade nacional portuguesa e os processos que regem as dinâmicas de expressão da identidade nacional, afirma que, no caso português, essa identidade não é criação do próprio grupo, mas resulta de uma dinâmica intergrupala: “O ser português será um processo de construção, desempenhando os grupos de comparação um papel determinante na identidade nacional”. A autora refere a Escola de Genève e na hipótese da assimetria introduz o conceito de assimetria variada nas relações intergrupais, o que define a ideia de que o mesmo grupo pode assumir uma posição de dominante num dado contexto de comparação e a de dominado num outro contexto. Em outras palavras, a autora afirma que a atitude face aos imigrantes ou estrangeiros pode variar consoante as suas origens. Esta compreensão reflecte-se na análise de um dos sujeitos do grupo de estudo: *Eu diria que os portugueses não facilitam nada para os alemães em termos de privilégios, mas também não nos discriminam. E há diferenças entre os cidadãos da União Europeia e os cidadãos das ex-colónias portuguesas, por exemplo. E mesmo os brasileiros são vistos pelos portugueses de forma diversa, dependendo da classe social de onde estes provêm. Outro exemplo é ouvir portugueses dizer: com os ciganos e com os pretos não quero conversa. E aquilo que nós antigamente falávamos na Alemanha a respeito dos portugueses é o que hoje os portugueses falam dos brasileiros – que trabalham bem mas que sempre se tem de ficar ‘em cima’, cuidando para que façam um bom trabalho. Cada país tem seus pequenos pressupostos a respeito de outros.* [H10 p.4] Esta diferença de consideração que um grupo expressa em relação ao outro transparece na afirmação de uma das entrevistadas, de nacionalidade portuguesa, filha de pai alemão e mãe espanhola: *O alemão desdenha o português. Mas gosta de estar cá.* [M3 p.3]

Miranda (2002) refere a conclusão de autores em considerar Portugal um país intermediário em termos de desenvolvimento, sendo receptáculo de países mais poderosos em relação aos quais assume uma identidade social de dominado – *Os estrangeiros adquiriram um estatuto específico, por exemplo os ingleses que vieram como comerciantes. Ninguém tem privilégios por ser inglês, francês ou alemão, mas em razão de alguma capacidade específica seja ela mental ou material e isso torna-o privilegiado. O que penso é que há uma melhor impressão que se tem dos alemães em Portugal como mais organizados ou trabalhadores, coisas típicas que se diz a respeito*

de um povo. Não acredito que apenas em razão da nacionalidade alguém tenha privilégios em Portugal. Podem haver privilégios ligados com profissões de destaque mas não com nacionalidade ou ainda com bens materiais; uma pessoa muito rica vai ter privilégios em Portugal independente de sua nacionalidade. Se eu tenho bens materiais e posso comprar algo que outros não podem, então sou privilegiado neste sentido. [H13 p.4]

O autoconceito que os cidadãos alemães demonstram em relação ao seu próprio grupo é, em regra, bastante positivo. Evidencia-se que a comparação social feita entre os alemães em relação aos portugueses contribui para a elevação da auto-estima destes alemães – *Materialmente os alemães em Portugal, em boa parte, fazem parte de uma elite. Mas isso não tem a ver com os alemães, mas com todos que aqui vivem na modalidade de overall employment ou global employment, que vêm para cá através de sua Home Company e são materialmente muito bem colocados. E por isso são aqui parte de uma elite. Se pessoalmente também pertencem a uma elite depende de como já viviam em casa e do estilo de vida que tinham no seu país. Não diria que só pelo facto de ser alemão em Portugal vou me sentir num grupo de elite aqui, porque isso não faz a diferença.* [H13 p. 4]

Friedrichs (2008) uma jornalista alemã, é autora do livro: *Apresentando as Elites: Seguindo os passos dos poderosos de amanhã.*⁴⁴ (*Gestatten: Elite. Auf den Spuren den Machtigen von Morgen*). O livro relata um ano de pesquisa, na qual a autora realiza viagens pela Alemanha e também Harvard nos Estados Unidos na intenção de conhecer jardins-de-infância, escolas e universidades denominadas como Centros de Formação de Elites. Ela inicia dizendo que a compreensão do termo elite deveria estar relacionada com o destaque dos melhores indivíduos em cada área, e relaciona elite com capacidade intelectual e inteligência mental. No entanto, ao encerrar a pesquisa, e na conclusão do livro, afirma que a palavra elite tem frequentemente sido utilizada de forma abusiva e demasiado vaga para definir a forma como ela pode, através do seu significado, modificar a sociedade – “ Eu percebi que elite pode significar que só aqueles que pagam é que recebem uma educação muito boa e com ela recebem um bônus de redes de contacto com garantias de uma rápida ascensão profissional. Estou certa de que elite significa para alguns a exigência de direitos especiais por toda a vida e que esses poucos aceitam como ainda mais evidente o facto de a Alemanha se dividir entre vencedores e

⁴⁴ Tradução nossa

perdedores”. *Todo o país tem suas cicatrizes e complexos e experiências sociais mais positivas com um grupo e menos com outro. E por isso os alemães gozam de maior confiança em alguns países, ou privilégios. Em regra, em Portugal os alemães têm algo como um bónus por transmitir a ideia de um grupo cultural e cientificamente muito activo e produtivo.* [H18 p.5]

Na sua pesquisa, a autora persegue o objectivo de conhecer quem são, como vivem e que auto imagem fazem de si mesmos os candidatos a futuras elites. Nesta análise ela faz uma crítica à segregação espacial a que são submetidas as crianças colocadas em jardins-de-infância para elites, isoladas das restantes crianças ‘normais’, onde acabam por perder a noção dos problemas do resto da sociedade. O atributo de elite deveria ser dirigido a pessoas não nos jardins -de -infância, mas no final da vida, quando se pudesse reconhecer as contribuições que esta tenha feito em favor da comunidade. A autora afirma ter ouvido diferentes definições do termo elite, ficando com a sensação de que cada grupo decide fazer uso da palavra conforme lhe é conveniente, a fim de distinguir-se dos outros. O conceito passa a ser abusado e utilizado com fins de comercialização. Os alunos nas universidades para formação de elites deveriam denominar-se como uma elite económica, em vez de elite por capacidade própria (*Verantwortungs-Elite*). Na opinião da autora, o termo seria correctamente utilizado se houvesse a possibilidade de separar o poder das ideias da origem social de quem as elabora, e se todos pudessem aspirar a uma oportunidade de promoção especial independente de sua origem social. Uma das entrevistadas do estudo de caso tem a mesma opinião crítica a respeito da atribuição do termo elite aos alemães residentes em Portugal: *Elite para mim significa um conhecimento que sobressai. Mas as pessoas que conheço e que querem caracterizar-se como elite não têm formação académica para tal. Mas o que é uma elite? Elite é o resultado de uma capacitação. E deveria ser conotado positivamente. Eu trabalhei com estudantes de elite de Harvard e esses sim são elite. Eram super-inteligentes e treinados para tal. Mas os alemães que andam por aqui e dirigem um BMW ou um grande Mercedes e vivem em casas espaçosas não são para mim considerados elite. Alunos da Escola Alemã são uma elite? Eu não sei. Tenho alunos nos meus cursos que estudam na Escola Alemã e eu vejo o que se passa lá. É um caos. Há escolas portuguesas tão ou mais apropriadas para formar bons alunos, o Liceu Camões, por exemplo. Alemães que aqui se consideram elite! Eu tenho cuidado e quero distância deles! Não são elite! E se estas pessoas retornam a Alemanha são tratados da*

mesma forma como eu ou outro alemão. Muitos alemães sentem-se como elite e comportam-se como se fossem. [M25 p.3]

A compreensão do conceito de elite realiza-se de acordo com a experiência individual e a concepção conjuntural de cada indivíduo. Um dos entrevistados, na condição de professor universitário em regime de contrato português, atribui o termo elite para referir os professores portugueses titulares, segundo ele, melhor colocados que os alemães enquanto professores leitores. *No estatuto de professor-leitor na universidade não posso identificar-me como elite. Penso que talvez no Algarve vivam alemães que não têm necessidade de trabalhar porque têm dinheiro suficiente para viver. Assim como também ingleses e outros mais. Penso que elite esteja relacionada com estatuto económico. Nós, professores alemães leitores, temos em Portugal um estatuto inferior ao de professores portugueses aqui na universidade. Por essa razão também não posso conceber-me como privilegiado. Em razão de que o Estado Português deseja cortar gastos, os professores leitores são extremamente mal pagos e muitos foram dispensados. Privilegiado talvez seja um professor português.* [H12 p.3]

Um aspecto singular em relação ao privilégio das elites relaciona-se com percepção da desterritorização. Breidenbach e Zukrigl (1998) definem identidade cultural em contexto globalizado. As autoras introduzem o conceito de privilegiados sem pátria (*privilegierten Heimatlosen*), referindo um determinado grupo de pessoas para as quais espaços com determinações geográficas perdem o significado. As novas formas culturais do mundo globalizado surgem destes processos de desterritorização; para um número crescente de pessoas e grupos as localizações geográficas perdem a primazia como ponto de referência da identidade. A constante mobilidade transnacional de indivíduos cuja existência é moldada através da participação activa em comunidades transnacionais constitui num leque de alternativas futuras, entre elas o planeamento da reforma: *Fizemos cinco mudanças antes de vir para Portugal. E a nossa pergunta real é: onde está a nossa casa? Na Baviera onde estudámos? Na Saxónia onde temos uma casa e vivemos um ano? Ou em Portugal? Ou em Espanha? Nesta perspectiva as fronteiras abrem-se e perguntamos onde nos sentimos em casa. E sentimo-nos bem lá onde há família ou bons amigos e conhecidos. Se eu restringir o meu contacto apenas aos estrangeiros que como eu vieram para este país ou mantenho sempre o contacto com o meu local de nascimento, então tenho sempre o sentimento de querer voltar para casa. Mas eu consigo imaginar-me a viver bem aqui, como na Baviera ou na Saxónia e*

também em Espanha. Acho que está relacionado com a minha situação profissional, já nos deslocamos muito geograficamente, então não temos esse sentimento forte de um dia voltar para casa. Também me pergunto as vezes onde vou ficar quando entrar na reforma. O mundo ficou em muitos aspectos diminuído nos últimos cem anos. A mobilidade tem uma ênfase grande na actualidade, a era da educação internetica é tal que as fronteiras se desfazem. [H13 p.3]

Segundo Castles (2002: p. 84), grupos representados como extremamente cosmopolitas sentem-se em casa em toda parte. Indivíduos que correspondem a esta imagem são caracterizados pelas elites profissionais de elevadas qualificações e da esfera do grande capital. Enquanto Guibernau (2007) contrapõe os conceitos de identidade nacional e identidade cosmopolita. Segundo o autor, os cosmopolitas representam uma nova classe livre de requisitos nacionais, ansiosos por ultrapassar os limites das suas comunidades locais. Indivíduos cosmopolitas gostam de viajar no mundo que para eles se tornou realmente num lugar único – *Penso que isso é uma questão de gerações; aquelas que crescem no ambiente de internet e das novas tecnologias por si já são internacionais. Essa geração tem uma outra consciência do mundo. Os meus filhos não deixariam de ir a França por não falar francês, eles falam inglês, espanhol e um pouco de português. A pergunta é também pelo conhecimento da língua. Um deles fez um estágio na China, em Pequim, e não teve medo de fazer essa experiência. Para as novas gerações de hoje as fronteiras não têm sentido real; a pergunta que se faz é: - Como eu posso comunicar?* [H13 p.3]

Guibernau (2007: p 168- 169) afirma que por definição a identidade cosmopolita é dinâmica com uma prerrogativa aberta a uma elite seleccionada. Os cosmopolitas pertencem à classe média e superior, tendem a falar inglês como língua materna ou como língua franca, detêm recursos suficientes para tirar proveito dos bons estilos de vida associados às sociedades pós-industriais, usando continuamente novas gamas de tecnologia sofisticada de informação e comunicação. E conclui ser necessário ir além de um tipo de identidade cosmopolita cega, defende a adopção de uma atitude crítica e construtiva em relação às culturas nacionais existentes: “ A verdadeira identidade cosmopolita deve empenhar-se numa luta activa contra as ideologias, sistemas de valores e práticas sociais que impeçam a liberdade humana e a igualdade. O desejo de transcender o etnocentrismo nunca pode ser alcançado se a identidade cosmopolita é feita para caber nas perspectivas de uma única cultura. (...) No presente, eu considero a

identidade cosmopolita o privilégio de uma elite. E não prevejo a sua expansão entre as massas num futuro previsível”.

Rothkopf (2008: p. 12), define elite como uma super-classe e segundo ele, “ Há um bem que, para os membros da superclasse, é mais precioso que o ouro, a prata, as pedras preciosas ou o petróleo. É a capacidade de acesso”. O grupo económico no qual as elites estão inseridas é o que permite o livre acesso e o uso de estratégias de poder para viabilizar alternativas quanto ao futuro: *Durante 30 anos fiz os meus descontos no sistema alemão. Tenho a minha segurança social e de saúde na Alemanha. Naturalmente que em caso de doença ou uma necessidade maior eu retornaria quase imediatamente para a Alemanha. E se eu tivesse que fazer a escolha entre os benefícios que a ABLA oferece e a segurança do sistema alemão, optaria por retornar à Alemanha, naturalmente. O sol é agradável, as sardinhas também sabem bem. Fazer férias em Lisboa é muito bom. Mas viver com um rendimento relativo aqui em Portugal é desajeitado. Quem tem dinheiro vive bem. Eu conheço alemães que têm Portugal como opção de segunda morada, ou seja, têm moradia fixa em Berlim e aqui estão quando o sol lhes agrada, quando sentem uma dor ou algo semelhante correm para Alemanha para lá serem tratados.* [H11 p.5]

Como aspecto último, mas da mesma forma relevante destaca-se a diferenciação no que diz respeito às actividades desenvolvidas pelas elites no tempo de entretenimento – *Penso que seja muito importante que ao tomar a decisão de transferir-se sozinho para outro país não apenas buscar fazer amizades no trabalho mas manter alguns hobbies como também fazíamos em casa, no país de origem. Assim, através do hipismo consegui criar um pequeno círculo privado de pessoas com as quais mantenho algum contacto. E estes são, na maior parte portugueses. Portugal é um país amante de cavalos. No entanto a tradição aqui é completamente diferente da Alemanha. Na Alemanha a equitação é um desporto feminino enquanto em Portugal é essencialmente masculino. Aqui em Portugal pode-se falar com qualquer homem a respeito de cavalos e da criação destes animais, o que na Alemanha não é usual. Eu trouxe um de meus cavalos da Alemanha para cá e aqui também adquiri um exemplar da raça Lusitana. E através desta experiência fiz uma volta ao país e conheci demais criadores portugueses. E foi assim que conheci uma esposa de um destes criadores que é professora de dança Sevillhana e passei a integrar um grupo de aulas de dança típica espanhola.* [M22 p. 2]

5 - A RELEVÂNCIA DA EMOÇÃO NAS RELAÇÕES SOCIAIS IDENTITÁRIAS

Há no dicionário uma palavra que é teutomania. É o gosto, a apreciação por tudo o que é alemão. E às vezes eu penso que há mesmo portugueses assim. Por exemplo, um jogo no computador tem vários papéis que são escolhidos pelos jogadores e fico admirado que a grande maioria dos portugueses escolhe o teuto como auto-identificação. Talvez queira dizer que eles queiram ser como os alemães, eu não sei. [H4 p.4]

5.1 A Dimensão social da emoção

O que fizemos no capítulo anterior foi fornecer exemplos de um quadro complexo. Constatámos que os resultados obtidos neste estudo podem ser analisados a partir de diferentes ângulos e critérios. Todavia, o problema objectivado nesta investigação está na relação entre as instâncias organizacionais e a sua influência nos processos de elaboração de representações identitárias sociais e pessoais e os comportamentos intra e intergrupais, a partir do estudo de caso. Segundo Moscovici (2003: p.12), as representações sociais desempenham um papel vital na comunicação. E Jodelet (2001: p.36-37) complementa afirmando que, enquanto sistemas de interpretação, as representações regulam a relação com os outros e orientam o comportamento. Conforme Castells (1997: p.73), a questão de fundo é saber “como, de quê, por quem e para quê” são construídas identidades. Fundamental para as observações que aqui fazemos é a compreensão de Firmino da Costa (1999: p. 82), já referida no capítulo anterior, de que a identidade é construída num contexto de relações de poder e de aparatos da história, da geografia, da biologia, das memórias colectivas e capacidades pessoais de

manipulação identitária de cada sujeito. O autor refere-se às manifestações de identidades culturais contemporâneas no contexto de globalização e aos efeitos, segundo ele, negativos da tematização identitária essencialista, pois entende identidade cultural na perspectiva construtivista como fenómeno socialmente construído mutável e contextual.

Uma tática identitária é a compartimentação de comportamento e até de valores consoante o contexto onde o sujeito se encontra – *Temos dois software que não entram em conflito, devemos pensar quando usar um, em que contexto, e quando usar outro. (...) Mas pronto eu sou assim, aqui faço coisas que não fazia na Alemanha e quando estou na Alemanha faço coisas que não faria se estivesse em Portugal. (...) São contextos diferentes e temos de actuar conforme o contexto. É muito curioso que os filhos façam isso automaticamente. Então é agir conforme o contexto, não conforme uma única identidade.* [H7 p.2]

Berger (1988: p. 68-75) afirma que as pessoas modificam as suas cosmovisões e as imagens que fazem de si mesmas à medida que passam de um mundo social para outro. Este processo é o que classifica uma das características mais proeminentes das culturas urbanas modernas: a configuração multicultural. Os discursos analisados permitem concluir que os sujeitos vivem, em simultâneo, tensões identitárias internacionais, culturais e étnico-culturais, profissionais e de género, causadas por ausência ou excesso de identificações. Por outro lado evidencia-se nos discursos analisados aquilo que afirma Rosales (2002: p.308), ou seja, “...a aceleração do ritmo, extensão e complexidade das sociedades modernas têm como consequência uma crescente instabilidade e fragilidade, ao nível da identidade.” A autora, fazendo um estudo a respeito das dinâmicas do consumo e citando Giddens (1992), chama a atenção para a importância da escolha, da opção e do exercício da vontade individual dos sujeitos como modeladores da identidade, definindo assim um entendimento reflexivo das identidades. A autora conclui que “a forma como cada um de nós exerce a sua vontade e o seu poder de escolha é tomado como um indicador de quem somos”.⁴⁵

Desta forma aproximamo-nos do que procuramos observar neste capítulo. A pergunta que fazemos é: as representações identitárias e os comportamentos dos sujeitos em estudo reflectem escolhas pessoais, uma autonomia do *self*, ou derivam da coesão de grupo e das influências das instituições em que actuam? Dito de outra forma, tornamos

⁴⁵ ROSALES, Marta. (2002) p. 314

interrogativa a afirmação feita acima: as instâncias institucionais intervêm na elaboração das representações identitárias por meio de processos de influência social? E, do ponto de vista psicológico, desejamos entender a identidade levando em conta os elementos da emoção e do afecto e o comportamento da pessoa na sua adesão ou não adesão ao grupo.

O que se observa é que os processos identitários dos sujeitos são construídos por oposições, conflitos e negociações, enquanto modos de reinvenção de estratégias que resultam da ausência ou do excesso de identificações. António Ciampa (1987) dedicando-se ao estudo da identidade, emprega o termo «metamorfose» para referir mudança e actividade constante – “ Identidade é movimento, é metamorfose, numa infundável transformação.” Também Velho (1994: p.9 e 48) chama a atenção para um «potencial de metamorfose» que possibilita, através do accionamento de códigos, que os indivíduos estejam em constante mudança: “As pessoas mudam através de seus projectos. A transformação individual dá-se ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial em termos amplos”. Pensar a metamorfose identitária envolve identificar as transformações nos processos de interacção dos sujeitos. Neste sentido é que, do ponto de vista psicológico, a identidade é entendida, levando-se em conta os aspectos cognitivos e afectivos da pessoa e da sua adesão ao grupo, valorizando o significado, o discurso e o contexto das relações estabelecidas. A dimensão da emoção no contexto social é aqui conceptualizada como um fundamento na realidade da experiência individual e nas relações sociais.

Segundo Lindholm (2008: p. 268), o estudo da emoção é um tema relativamente recente na antropologia psicológica, o que é em parte reflexo da atitude em geral negativa das ciências sociais para “assuntos do coração”. O autor refere o facto de que as emoções são demasiado subjectivas para serem tema adequado para a pesquisa científica que procura ser empírica, acima de tudo. Lindholm afirma que as emoções são difíceis de estudar, no entanto são as forças mais poderosas que motivam a vida humana – “As emoções têm sido objecto de controlo racional, apostrofadas como sede da verdadeira humanidade e geradas internamente como reflexo do contexto.”⁴⁶

⁴⁶ LINDHOLM, Charles. *Culture and Identity*. p. 291 (tradução nossa)

A dimensão afectiva é uma das partes da comunicação humana pessoal e intergrupar, narrada pelos entrevistados referindo dificuldade em manter e aprofundar comunicação efectiva com indivíduos portugueses: *Não tenho contactos além dos profissionais com portugueses.* [H12 p.1]

Discursos de base emocional revelam ansiedade e insatisfação dos sujeitos em relação ao desenvolvimento dos processos de convívio pessoal e social com portugueses. As tensões que prevalecem nas narrativas encontram-se no âmbito dos relacionamentos afectando os sujeitos que apresentam dificuldade em gerir as diferenças. Revela-se um sentimento de incómodo pela pouca curiosidade que os portugueses demonstram em relação ao diferente: *Outra percepção que tenho é de que o português é bastante educado e reservado. Não quer incomodar o outro de forma alguma e assim também não tem curiosidade pelo outro. Há situações em que eu desejaria muito mais abertura e comunicação. (...) Mas também tenho o sentimento de que portugueses querem dar aos estrangeiros que aqui vivem o máximo de liberdade e evitam incomodar e até de se aproximar.* [M23 p.2]

Neste sentido destaca-se a caracterização de teóricos a respeito da relevância da emoção nos processos sociais. Scheff, professor emérito do Departamento de Sociologia da *University of California at Santa Barbara*, EUA (1996 e 1997), dedica-se ao estudo das emoções e caracteriza-as enquanto dimensões psicológicas das relações sociais, assim como as relações são os aspectos sociais das emoções. (1996: p. 298). Segundo Scheff, citando Turner e Stets, as emoções elaboram as estruturas sociais e sistemas de símbolos culturais. O autor afirma a necessidade de uma taxonomia das emoções, estudando todas as partes da comunicação humana; os gestos e as emoções são tão importantes quanto as palavras, pensamentos e acções. Todos estes são elementos necessários para a compreensão da identidade dos sujeitos e a natureza das relações.

Conforme Scheff (1997), os factores sociais podem não só identificar, mas também explicar experiências emocionais. Portanto, a emoção é um fenómeno social. Também Lindholm (2008) afirma que as emoções têm, por um lado, conteúdo fisiológico e por outro resultam de construções culturais. O autor diferencia emoções fundamentais e periféricas, nomeando entre as emoções fundamentais o medo, a raiva, a tristeza e a felicidade. Para este autor as emoções são regulamentadas de forma diferente em diversas culturas, diferenças relacionadas com as diversidades na estrutura social, o que leva a uma visão dialéctica da emoção e da cultura como esferas do ser interligadas e

mutuamente interdependentes, mas não sobrepostas. O autor conclui que, para o estudo antropológico da emoção, deve-se admitir que todos os seres humanos partilham de um património comum. Assim, os impulsos emocionais existem e estão ligados numa dialéctica com limitações culturais que não prejudicam a análise antropológica, ao contrário, fornecem uma base melhor para o trabalho de comparação e para a afirmação de que, ao nível das emoções, os sujeitos não são tão diferentes entre si.

Para a análise que fazemos, importa a percepção do significado da emoção na constituição das relações, das organizações e dos processos sociais entre os sujeitos e o processo de comparação social que estes elaboram. Na troca activa do sujeito com os outros, a experiência emocional é estimulada, passando a ser orientadora de conduta. Uma das entrevistadas destaca o factor da emoção como pilar de diferenciação entre alemães e portugueses: *O português fala e discute emocionalmente e utiliza o corpo todo para isso. Já o alemão é reprimido neste aspecto. Num diálogo dificilmente vemos um alemão gesticular. Eu penso que a mistura dos dois seria o ideal. Quando estou num encontro com portugueses, ou numa conferência ou o que for, parece-me que os portugueses procuram a emoção do alemão, o que descreve também a forma do fado, que é bastante melancólico e repassa através da história mesmo que hoje muitos portugueses não ouçam fado. Mas as pessoas na minha faixa etária cresceram ouvindo esse estilo musical folclórico que esbanja emoção e descreve bem o ser português.* [M 22 p.3]

Outro aspecto relacionado com o comportamento do grupo em relação à sociedade portuguesa diz respeito à definição da auto-estima, ou complexo de inferioridade que estes identificam no grupo português: *O que de facto existe aqui neste país e vê-se constantemente é um certo complexo de inferioridade e uma atitude de que os outros sabem melhor do que nós.* [H3 p.4] Isto corresponde, na definição de Scheff (1988: p.395-406), à vergonha enquanto emoção crucial que domina em quase todos os contactos humanos: “Vergonha é a emoção que funciona como sinal de distância entre as pessoas, permitindo-nos regular o quão perto ou longe estão umas das outras”. Para o autor, a vergonha é um mecanismo para a conformidade, que para influenciar o comportamento não é necessário que seja sentida conscientemente. A consciência de um sentimento encontra-se associada à capacidade de uma pessoa dar a esse sentimento uma expressão verbal ou linguística, o que na interpretação de alguns alemães está, na sociedade portuguesa, demonstrado no fado e no seu aspecto considerado melancólico.

José Gil (2004), num breve demonstrativo das fenomenologias da sociabilidade portuguesa, destacando fundamentos da psicologia social, da sociologia e da etnologia dos afectos, define Portugal como uma sociedade fechada, aberta à superfície, e fechada no interior. (2004: p.53). É um aspecto semelhante ao referido por uma das professoras do grupo: *Penso que de maneira geral os alemães têm dificuldades em manter contacto com portugueses, dizem que são bastante hospitaleiros, prontos a ajudar e até abertos, mas não há nada além disso. São contactos soltos e se alguém quiser aprofundar essa convivência e tenta convidar para algo como um almoço ou jantar em conjunto, então muitos portugueses desviam a possibilidade ou nem sequer permitem que essa proximidade se faça. (...) O contacto com os portugueses é muito difícil.* [M17 p.2]

Na questão do comportamento e da comparação social que os alemães fazem entre as duas sociedades envolvidas, refere-se uma insatisfação em relação à proximidade e uma certa frustração por parte de alguns alemães em não aprofundar contactos pessoais de amizade com portugueses.

Também os aspectos dos traços diferenciados de mentalidade e do respeito às normas que revertem em comportamentos opostos são referidos enquanto entraves para o desenvolvimento de uma maior aproximação; a fixação de uma categorização definida restringe o processo de aproximação: *Quando eu, na Alemanha, vou passar pelo sinal vermelho no semáforo vou dizer: -Pena, mas vou pagar. O português com certeza absoluta começa uma discussão: Tinha de trazer os meus filhos para a escola ou a minha mulher fez isso, e etc. Pode levar uma hora mas depois sai sem pagar a multa. Isso quer dizer que aquela ideia de diariamente negociar o direito tem claramente a ver com a influência árabe aqui. E tenho de admitir que depois de tantos anos a viver aqui não consigo entender como um Estado consegue sobreviver sem ter tribunais a funcionar e um certo respeito pela lei.* [H3 p.3]

5.2 O grupo de professores

Para aprofundar estas questões distinguimos, entre o grupo de estudo, o conjunto de professores, compartilhando uma identidade profissional comum ou papéis sociais comuns. Castells (1997: p. 3) aplica uma diferença conceptual entre identidade e papel social, afirmando que os papéis sociais são definidos por normas estruturadas pelos

grupos, instituições e organizações da sociedade, e a importância destes papéis no acto de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e esses grupos ou instituições. Castells conclui que em termos gerais, as identidades organizam os significados, enquanto os papéis organizam as funções. Para Goffman (1993: p. 222), o papel social que um indivíduo exerce tem geralmente uma “legitimidade institucional” por ser reconhecido e influenciado pela sociedade em que actua. O autor, estudioso do interacionismo simbólico, desenvolveu um estudo sobre as representações sociais na vida quotidiana. Um dos entrevistados definiu a compartimentação dos papéis identitários da seguinte forma: *Uma estratégia construtivista que eu tenho para mim é a de no dia-a-dia conviver com identidades diferentes. E não há problema nenhum. Os ocidentais têm muitos problemas em lidar com paradoxos. Os orientais assumem isso mais. Em termos profissionais podemos ser uma pessoa, em termos pessoais outra e com a identidade pode passar-se algo muito semelhante, podemos ter uma identidade, entre aspas, alemã que é útil quando estou lá ou quando lido com alemães etc. Por exemplo quando converso com os meus amigos alemães é diferente de como converso com os meus amigos portugueses, não tem nada a ver uma coisa com a outra. E não há problema, nem vejo isso como uma desvantagem, mas como vantagem. Acho que é benéfico.* [H7 p.4]

Para esta pesquisa consideramos os papéis sociais enquanto vivências de identidades profissionais e culturais. A identidade social constitui-se de uma multiplicidade de papéis, sendo neste capítulo o papel de professor o que destacamos do grupo de estudo de caso. O quadro refere-se a 14 sujeitos, do total de 43 do estudo de caso.

Quadro 15. Caracterização do grupo de professores

Código	Local de Trabalho	Formação Académica	Tempo de Residência em Portugal	Deslocamentos à Alemanha ao ano	Nacionalidade do cônjuge	Língua falada em casa
H 1	Instituto Superior Técnico	Química orgânica	Nasceu em PT	2x	Esposa Alemã	Alemão
H 3	Faculdade de Letras de	Literatura Alemã / Pedagogia/	19 Anos	3x	Esposa Portuguesa	Português/ Alemão

	Lisboa	Linguística				
H 5	Faculdade de Letras de Lisboa	Linguística	16 Anos	1x	Esposa Brasileira	Português
H 7	Faculdade de Psicologia de Lisboa	Psicologia	38 Anos	2x	Esposa Portuguesa	Português
H 12	Universidade Nova de Lisboa	Linguística	22 Anos	3/4x	Esposa Alemã	Alemão
H 18	Instituto Goethe de Lisboa	Filosofia/Literatura/ História da Arte	8 Anos	12x	Esposa Portuguesa	Inglês, Alemão e Português
M1	Faculdade de Letras de Lisboa	Germanística/ Linguística	20 Anos	2x	Esposo Alemão	Português /Alemão
M7	Universidade Nova de Lisboa	Inglês/ Francês/ Geografia	27 Anos	2x	Esposo Indiano / Goa	Alemão/ Português
M10	Liceu no Estoril	Letras	36 Anos	6x	Esposo Português (divorciada)	Português /Alemão
M15	Faculdade de Letras de Lisboa	Estudos Eslavos / Germanística	30 Anos	2/3x	Esposo Português	Alemão/ Português
M17	Universidade Nova de Lisboa	Tradução: Inglês e Português	36 Anos	1x	Esposo Português	Português
M18	Escola Alemã de Lisboa	Germanística	23 Anos	1x	Esposo Indiano/Goa	Português/ Alemão

M23	Faculdade de Letras de Lisboa	Germanística	4 Anos	4/5x	Esposo Alemão	Alemão
M25	Faculdade de Letras de Lisboa	Germanística / Sociologia / História da Arte	29 Anos	1x (dois meses para aulas)	Esposos Alemão e Italiano (divorciada)	Alemão /Português

Fonte: Entrevistas realizadas entre 2009 e 2010

O grupo de 14 professores (06 homens e 08 mulheres) constitui um conjunto não homogéneo, no entanto algumas características são verificáveis enquanto comuns ao grupo. Trata-se de cidadãos alemães vivendo em Portugal há um período que vai dos 04 aos 36 anos.⁴⁷ A totalidade do grupo realizou socialização primária na Alemanha, permitindo cada qual maior ou menor experiência de ressocialização no contexto português. A qualificação académica está voltada para a capacitação pedagógica, sendo que 7, do total de 14 sujeitos, se apresentam em modalidade de profissionais altamente qualificados, com mais de uma qualificação específica ou com qualificação de pós-graduação. (3 homens e 4 mulheres). Três dos sujeitos realizaram a formação em Lisboa (graduação/ licenciatura e pós-graduação).

Dois dos 14 sujeitos do grupo de professores estiveram no Porto a exercer actividade profissional transferindo-se para Lisboa posteriormente. 06 estão activos na Faculdade de Letras de Lisboa (sendo que no momento da entrevista uma das entrevistadas perspectivava solicitar a reforma); 03 na Universidade Nova de Lisboa; 01 na Faculdade de Psicologia de Lisboa; 01 na Escola Alemã de Lisboa; 01 actua no Liceu no Estoril. O único sujeito referido em relação ao Instituto Goethe não actua como professor, mas como director e coordenador do Instituto em Lisboa e no Porto, sendo por este motivo incluído no conjunto de professores.⁴⁸

Quanto ao idioma utilizado para a entrevista, 05, do total de 14, optaram por fazê-lo em português, demonstrando facilidade com a língua portuguesa, sendo também casados

⁴⁷ Apenas um dos sujeitos deste grupo (H1) tem dupla nacionalidade. Nascido em Portugal, foi registado no registo civil e também no consulado alemão. Ele relata factos característicos da sua experiência: *Quando eu passei da escola alemã para o ensino português, primeiro o meu pai teve de arranjar documentos falsos como português, que eu não era, e depois na escola chamavam-me Hitler.* [H1 p.4]

⁴⁸ Dos 43 entrevistados há ainda 03 professores que, por diferentes motivos, não foram inseridos neste grupo: M4 actua na Igreja Católica Alemã e lecciona Ensino Religioso nas Escolas Alemãs de Lisboa e no Estoril. M6 refere ter formação pedagógica, no entanto não a exerceu no contexto lisboeta. M12 não tem formação pedagógica, no entanto actuou como professora de alemão no Instituto Goethe, actualmente está na reforma, ainda que refira ministrar aulas particulares de alemão.

com cônjuges portugueses.⁴⁹ Do total de 14, 03 são casados com cônjuges alemães, que os acompanharam na transferência para Portugal; os 11 sujeitos restantes tem cônjuges portugueses, uma brasileira, e dois indianos / de Goa.⁵⁰

O grupo refere duas motivações para a sua vinda para Portugal: o intercâmbio académico (DAAD – *Deutscher Akademischer Austauschdienst*) ou o envolvimento emocional com portugueses que conheceram na Alemanha, tanto de namoro como casamento. A modalidade de intercâmbio académico (DAAD) foi realizada por 10 sujeitos do total de 14. Os que não o fizeram foram os dois sujeitos que realizaram formação académica de graduação em Lisboa e o director do Instituto Goethe que, no entanto, experimenta também uma modalidade de intercâmbio e contrato por tempo determinado. Todos os 14 entrevistados referiram assistir regularmente ao canal alemão e ler jornais alemães, na maior parte dos casos pela internet.⁵¹

Quanto ao envolvimento em organizações alemãs, 09 dos sujeitos referem ter filhos ou netos a estudar na Escola Alemã em Lisboa ou no Estoril⁵², enquanto M10 e M25 afirmaram razões semelhantes para as filhas terem estudado em escolas portuguesas: *As minhas filhas estiveram sempre no ensino oficial português. Não estudaram na Escola Alemã por razões financeiras e também porque o ambiente na Escola Alemã na altura não era bom. Eu conheci professores e alunos da Escola Alemã e professores do Instituto Alemão. O Instituto Alemão e a Escola Alemã contratavam professores na Alemanha que nunca ficavam mais de três ou quatro anos no país. (...). As pessoas que vinham da Alemanha ganhavam muito mais e eram intratáveis. Do tipo: nós somos da Alemanha, nós sabemos tudo, e na própria Escola Alemã entre os alunos havia muitos problemas. Para os filhos dos empregados das empresas alemãs era a única opção que existia. Os alunos portugueses que estudavam na Escola Alemã vinham de um nível social elevado com muitos cuidados em casa e com rendimento escolar às vezes superior ao dos alemães e criou-se uma rivalidade entre eles. Eu sabia por amigos que*

⁴⁹ Com excepção de H1 cuja esposa, alemã, conheceu na Alemanha enquanto realizava estudos de pós-graduação.

⁵⁰ Duas mulheres referem estar divorciadas (M 10 e M25) de cônjuges português, alemão e italiano respectivamente.

⁵¹ Justificaram isso em razão do trabalho que exige actualização e conhecimento a respeito da cultura e sociedade alemã. Apenas M1 refere não assistir ao canal alemão em razão da escolha por não ter televisão em casa, no entanto afirma que se tivesse televisão assistiria aos noticiários alemães. M15 refere não assistir ao canal alemão e tão pouco o português.

⁵² M23 referiu que a escolha quanto à zona de residência no Estoril deu-se de forma que os filhos pudessem ir de bicicleta para a escola. H3 e H5 não têm filhos e H18 tem as filhas a estudar na Escola Inglesa.

havia essa rivalidade entre alunos e também entre professores portugueses e alemães.
[M10 p.3]

Por um ano as minhas filhas frequentaram o infantário na Escola Alemã no Estoril, pelo facto de que o pai de uma delas que é alemão queria que ela fosse para a Escola Alemã. As filhas já haviam antes estado num infantário português e pediram sempre para voltar para o convívio português. Eu leccionei voluntariamente por um ano na Escola Alemã aulas de alemão para crianças portuguesas, pois a escola tinha a metodologia de aceitar crianças portuguesas, mas estas deveriam fazer testes de língua alemã para entrar. A minha filha quando tinha quatro anos podia falar melhor português do que alemão. Por este motivo foi discriminada e tinha de retornar um ano no jardim-de-infância. E a minha experiencia neste ano de aulas voluntárias para crianças portuguesas foi terrível. As mães alemãs que lá estavam não tinham outra ocupação senão gastar o dinheiro que os seus maridos recebiam e viviam na escola com ideias do que fazer e sempre estava tudo relacionado com dinheiro. As minhas filhas estavam felizes quando retornaram para a escola portuguesa. [M25 p.1]

Outro aspecto característico do grupo de professores refere-se ao planeamento futuro de permanência no país de pertença. Dos 14 professores entrevistados apenas dois referem a possibilidade de no futuro manter residência em Portugal e simultaneamente na Alemanha, vivendo alguns meses em cada local, justificando tal decisão em razão dos filhos que já vivem na Alemanha. Os 12 demais entrevistados apontam como perspectiva futura manter a residência em Portugal, considerando aspectos como a nacionalidade portuguesa do cônjuge, a aquisição de imóvel e o vínculo afectivo de filhos que também residem em Portugal – *Vou permanecer aqui. Eu tenho aqui uma casa com jardim e gosto muito do meu espaço. Tenho as filhas a viver perto de mim.*
[M10 p. 2]

As motivações pessoais para a decisão em manter residência futura em Portugal exemplificam a emotividade enquanto um fenómeno social característico: *O que me motiva a viver em Portugal é essa mistura da segurança europeia e a democracia e o estilo de vida tropical que sinto aqui um pouquinho. E a vida solta e leve. Nós temos aqui uma casa. E as crianças vivem aqui.* [M7 p.4]

5.3 Processos emocionais em relação às instituições

Eu não sou fanática pela Alemanha. Há alemães que fora da Alemanha são mais alemães do que os alemães da Alemanha e com estes eu não quero me encontrar. [M15 p.3]

De modo geral, o grupo de professores apresenta comportamentos e sentimentos plurais demonstrando a «heterogeneização das formas de vida social»⁵³ ainda que partilhando de um mesmo papel social. No entanto, em relação aos 43 entrevistados, o grupo revela determinados aspectos comuns quanto aos processos de ressocialização, o investimento emocional que o grupo demonstra em relação ao contexto português e a representação das pertenças sobre as quais os sujeitos ancoram a sua auto-identidade.

Um aspecto relevante é a visão comparativa entre as duas culturas envolvidas, a demonstração de identificações ou a ausência de identificações ao se destacarem aspectos positivos ou negativos de ambas as culturas. Um ponto a ser sublinhado é a importância dada por todos os entrevistados deste grupo ao valor da preservação de tradições festivas aprendidas na infância. A vivência de tradições consideradas essenciais representa a ligação com a sociedade de origem ou com o local de origem ancestral. Segundo Beck, Giddens e Lash (2000: p.77) “ A tradição é um meio de identidade... Tanto a identidade pessoal como a colectiva.”. São mencionadas as festas de Natal e Páscoa, consideradas significativas por suas características distintas em relação à tradição portuguesa, como o dia de São Nicolau, a coroa e o calendário de Advento, as velas e canções típicas no tempo do Natal e a pintura de ovos na Páscoa, ainda que seja referida a gradativa diminuição das diferenças que se tornam cada vez menos evidentes: *Noto uma certa mistura, aproveita-se sempre o melhor de cada país. Isso também tem a ver com um certo nivelamento de costumes. Por exemplo, antigamente o Natal em Portugal era um bocado diferente. Agora todos têm árvore de Natal, os calendários de Advento para as crianças, todas essas coisas que se vê agora na Europa.* [H3p.2] Connerton (1993: p. 81) afirma a importância da memória social partilhada segundo a qual as imagens do passado legitimam geralmente uma ordem

⁵³ Expressão retirada de Domingues (1999)

social presente e factores do passado tendem a influenciar as vivências do presente. Para o autor, as imagens do passado são transmitidas e conservadas através de rituais que têm a capacidade de conferir valor e sentido à vida daqueles que a executam. As cerimónias comemorativas são formas de uma comunidade recordar a sua identidade, definida pelo autor enquanto uma variante colectivamente organizada da memória pessoal.

A influência das organizações de cariz alemão nos processos de ressocialização é baixa, comparativamente ao restante do grupo e em alguns aspectos até inexistente. Exceptuando-se o aspecto da ligação com a Escola Alemã, já citada, através dos filhos ou netos.

Os professores destacam-se do restante do grupo pela postura crítica em relação às organizações alemãs e aos critérios de pertença:

Com grupos alemães em nunca me envolvi. Sempre achei esses grupos um extremo engano. No Clube Alemão participei em algumas actividades pontuais, no bazar de advento na escola ou em algum concerto na igreja evangélica. [M15 p.2]

Isso não me agrada nada. Soa-me muito alemão. Através das crianças e da escola já temos de toda a forma muito contacto com alemães. E por isso quero distanciar-me de mais contactos com alemães. Penso que nunca participaria num Clube Alemão.(...) A minha impressão é de que estas pessoas não assimilam nada do país onde estão vivendo. Fazem compras no Lidl e Aldi, estão todas as férias na Alemanha, não dominam a língua e nem têm interesse por ela. Deste estilo de vida não retiro nada para mim. [M23 p. 2]

Não gosto nada deste tipo de encontros. Comecei a conhecer algumas pessoas ainda no meu tempo do Porto e tenho de admitir que estes grupos no estrangeiro têm uma forma de conservar certos valores que eu acho que hoje em dia na Alemanha já não existem e tornam-se pessoas conservadoras de que eu não gosto. Parece que têm uma imagem completamente errada de Portugal e da Alemanha. [H3 p.5]

Conheço o Clube Alemão só de falar e da documentação. Quando cheguei aqui a Portugal era muito conotado com a geração mais antiga, com uma certa visão ideológica de que eu gostava de me distanciar. [H7 p.2]

A relevância das organizações enquanto influentes para a manutenção do sentimento identitário nas situações relacionais do dia-a-dia é constatada enquanto necessidade válida no passado, perdendo o papel influenciador em razão das actuais alternativas da

globalização: *Havia há anos uma colónia alemã que tinha a sua própria igreja e sentia-se longe da Alemanha, o que mudou radicalmente na Europa. Vivemos hoje num contexto onde simultaneamente recebemos as informações tanto em Portugal como na Alemanha. Um alemão que vive hoje em Lisboa tem a possibilidade de assistir a quase todos os canais ou noticiários que se tem na Alemanha. Pode ler notícias alemãs online e informar-se quase identicamente como se estivesse a viver na Alemanha. O que significa que os alemães que vivem hoje em Portugal não têm mais a necessidade de zelar pela sua tradição cultural com medo que ela se perca. Hoje, através do Skipe podemos passar horas a falar com nossos queridos na Alemanha e isso quase gratuitamente. O que quer dizer que há alguns anos para se manter a identidade era necessário ficar em grupo e formar parte da colónia alemã, o que hoje não é mais significativo. (...) Os alemães que vivem hoje em Lisboa e Portugal são um grupo tão heterogéneo com tanta diversificação. Há alemães tão diversos entre si, entre aqueles que querem ficar em Portugal e aqueles que não querem ficar aqui. Entre os que se sentem muito alemães e outros menos. Cada qual tem sua própria mistura. E há aqueles que não sentem necessidade alguma de se encontrar ou estar com outros alemães. E preferem estar com os seus vizinhos ou algo assim.* [H8 p.4]

Em relação à Associação de São Bartolomeu, há uma diversificação de informações por parte de alguns membros deste grupo e 5 destes sujeitos referem desconhecer por completo a existência da Associação:

O que sei é que a Escola Alemã no Estoril pertence à Irmandade de São Bartolomeu. [H12 p.4]

...Eles tem esse Lar para idosos no Estoril, não é? Tenho o contacto apenas em razão de que há concertos ali e meus filhos participam. Só isso. Sei que financiam muitos projectos e que fazem um trabalho muito bom, mas eu particularmente não sei mais nada. [M23p.3]

Estive com os meus alunos lá no ano passado. Visitámos o Lar para Idosos no Estoril. Tocou-me muito a ideia de saber que desde o século XIII alemães já viviam aqui e mantiveram essa Irmandade ainda que eu não saiba ao certo como ela funciona. [M15 p.3]

Não tenho contacto com a Irmandade de São Bartolomeu, por razões ideológicas. Engraçado é que eu conheço vários alemães e nenhum deles está ligado a isso. [H7 p.1]

Dois dos professores deste grupo elaboram discursos com forte investimento emocionado a respeito da sua experiência pessoal com a instituição de São Bartolomeu, referindo amizades muito próximas e/ou familiares aí envolvidos, o que resultou em conflitos de ordem estrutural em relação à instituição e actualmente a completa rejeição para qualquer contacto com o grupo. Os relatos demonstram aquilo que tem afirmado Tajfel (1981:p. 294): “ Se um grupo não oferece condições adequadas para a preservação da identidade social positiva, o indivíduo abandoná-lo-á – psicologicamente, objectivamente, ou ambos”.

O meu pai era director clínico do Hospital Alemão de 1930 a 1970, era médico. E era membro da Irmandade. Esse hospital acabou em 1970. O hospital era dependente da Irmandade de São Bartolomeu mas era economicamente insustentável porque já não correspondia aos regulamentos mínimos. (...). Eu quanto mais soube sobre o nazismo, mais eu quis dissimular ou minimizar a minha identidade alemã. Eu queria parecer o menos alemão possível. (...) Portanto, sobre a Irmandade de São Bartolomeu é hoje uma organização que está na mão de algumas famílias alemãs que estão radicadas em Portugal há muito tempo. [H1 p.4]

Há dois anos eu tive grandes dificuldades financeiras e, como conheço pessoalmente membros da direcção da Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães, procurei o presidente que era meu vizinho e eu conhecia bem a esposa dele. Eu perguntei se a Irmandade poderia ajudar-me com um empréstimo em razão de estar com dificuldades e a resposta foi: não! Portanto, a minha experiência com a Irmandade de São Bartolomeu é negativa. Eles têm tanto a esconder. É inacreditável! Há semanalmente uma reunião no Lar no Estoril onde as finanças são ajeitadas de um lado e outro. Aqueles que ali estão têm muito dinheiro e arrecadam sempre mais. (...) Eu experimentei muito no contacto com alemães aqui e por isso de maneira geral distanciei-me dos espaços onde os alemães se reúnem aqui em Lisboa. [M25 p.4]

Outro aspecto relevante diz respeito à insatisfação quanto ao comportamento de grupos de alemães, uma entrevistada refere o seu desapontamento e consequentemente o seu afastamento do contacto com alemães em Portugal. A entrevistada afirma três vezes no decorrer da entrevista uma frase idiomática, fruto da sua elaboração académica, com elevado teor afectivo-emocional: *No meu primeiro ano aqui profissionalmente como representante do DAAD não tive bons contactos com alemães. E ao concluir este trabalho para o DAAD escrevi um relatório onde o título dizia assim: «Os alemães fora*

da Alemanha são como a ameaça de ventos e tempestade na nossa direcção». (Furchte dich von Sturm und Wind und von Deutsche die in Ausland sind). A minha experiência foi a de que há alemães que vêm para cá através de empresas alemãs e vivem aqui «como a gordura no estômago». (Leben hier wie magen in Speck). Recebem e dependem de toda forma de subvenções. Têm os filhos na Escola Alemã. Por vezes nem sequer têm a formação académica para o cargo que ocupam. Essas pessoas pensam ser missionários da cultura alemã no estrangeiro. Conheci representantes do Instituto Goethe que viveram quatro anos aqui e não se esforçaram sequer para aprender o português. [M25 p.1]

A decisão pelo afastamento do convívio com instituições e indivíduos alemães em contexto português gera tensões. Estas tensões são de carácter afectivo e também estrutural em relação às instituições referidas, havendo uma demarcação de limites: *Eu comprei uma casa em Peniche onde moro agora longe dos alemães.* [M25 p. 4]

5.4 A Amizade: Categoria para a integração social

Referimos anteriormente que as identidades são também concebidas como processos de identificação e diferenciação. Ciampa (1984) afirma que a identidade se forma na relação recíproca com os outros. Pelo processo de identificação e diferenciação, o indivíduo apresenta-se diante do outro representando um papel social. A amizade é referida como categoria necessária aos sujeitos entrevistados para a integração social de alemães em contexto português. A menção frequente a essa categoria aponta uma tensão que atravessa os discursos emotivos e problematiza o espaço da amizade no conjunto das relações sociais. A ausência da capacidade de vivenciar o papel social da amizade põe em foco a própria construção identitária e dramatiza essa via de acesso para a pessoa na sociedade. O elemento emotivo não é visto pelo grupo apenas como uma experiência subjectiva ou interna mas aparece nas práticas discursivas para além do domínio da vida privada. O grupo revela noções construídas a respeito do que pensam de si mesmos e do que esperam dos outros, havendo um pressuposto de que todo indivíduo socializado na cultura alemã deve necessariamente ter um melhor amigo para

referir ao longo de toda a vida. O discurso a respeito da amizade dramatiza uma concepção de pessoa que necessita revelar-se ao outro por completo.

O grupo de professores refere a ausência da experiência da amizade com portugueses em razão da dissemelhança na concepção do significado da amizade para ambas as culturas. E os relatos deste grupo apresentam-se ainda mais emotivos em relação ao restante do grupo em razão de que boa parte destes professores não actua nas organizações alemãs e afasta-se dos grupos onde alemães se reúnem, referindo assim uma lacuna emocional. Para os alemães a amizade é apresentada enquanto categoria essencial das relações humanas, até mesmo acima da concepção familiar, enquanto para os portugueses a amizade é um vínculo afectivo de menor influência e importância na experiência existencial: *Em geral parece-me que há um conceito muito importante que é o de amizade, que na Alemanha tem um valor muito mais importante que em Portugal. Em Portugal, em primeiro lugar para a maioria das pessoas está a família; de facto a família tem um estatuto muito superior. Com todo o movimento social na Alemanha o conceito de amizade tornou-se cada vez mais importante.* [H3 p. 2]

A amizade é referida como sendo para os alemães um vínculo que pressupõe confiança e o desejo de revelar-se reciprocamente. Os alemães atestam o desejo de realizar a experiência do vínculo de amizade com sujeitos portugueses a partir de escolhas próprias – *Tenho contacto com portugueses através do meu marido, mas amizade é algo diferente de família e contactos com familiares do meu marido tenho suficientes, mas não são amizades.* [M18 p.4]

As diferenças estruturais que envolvem a dinamização dos vínculos da amizade são relatadas para referir a dificuldade que os alemães encontram em vivenciar este papel social em contexto português. Um das entrevistadas refere a falta de espontaneidade no contexto português em relação às actividades desenvolvidas entre amigos – *Os portugueses dão prioridade à família. Para as mulheres portuguesas é quase um problema se elas vão a algum lugar sem o marido. Tenho uma amiga portuguesa cujo marido faleceu. Por isso vamos juntas ao cinema ou a um concerto pelo facto de ela não ter um marido. Outro facto que me inquieta é que na Alemanha quando nos encontramos com amigos em casa colocamos um prato de biscoito sobre a mesa e café e então conversamos. Aqui não é assim. Aqui temos de fazer comida e até sobremesa e é sempre um trabalho de preparação, o que tira a espontaneidade de apenas dizer: nós encontramos-nos simplesmente.* [M18 p.2]

Há neste grupo de 14 professores exemplos de estratégias elaboradas para reorientar a ausência de relacionamentos com portugueses através de laços estabelecidos com representantes de outros grupos nacionais – *Desde o início eu tinha amigos africanos, brasileiros. Eu nunca estive inserido num ambiente germânico. Sou uma pessoa sociável, gosto muito de conviver. Mas nunca cheguei a um convívio em intensidade com um português. Eu tenho amigos americanos, franceses, belgas ou ingleses que tem a mesma experiência. Eu bebo café com portugueses, tenho conversa com professores, mas amigos mesmo de confiança não tenho. Talvez tenha a ver com o facto de que a minha primeira namorada e meus primeiros contactos tenham sido com angolanos e me senti muito bem. Para mim foi um choque cultural conviver com os portugueses.* [H5 p.1]

O exagero na reflexão sobre o tema da amizade pode ser uma das razões da frustração sentida pelos sujeitos, uma das professoras deste grupo refere haver aprendido a conviver com portugueses e aceitar a sua maneira de viver a amizade, acabando por identificar-se com esta modalidade: *As pessoas na Alemanha têm um tipo de relacionamento muito diferente do que nós temos aqui em Portugal. Eu identifico-me muito melhor aqui. Na questão das amizades eu penso que os alemães fazem uma coisa: entre amigos falam constantemente sobre o relacionamento deles. Problematizam sistematicamente e dizem eu sou assim e você é assim. Enquanto os portugueses falam de outras coisas e definem a amizade através do modo de viver e não tem necessidade de verbalizar isso. E eu consigo viver bem na maneira portuguesa.* [M10 p.4]

Ao estudar os vínculos de amizade revelam-se representações a respeito da organização social próprias de cada contexto nacional. A análise de conceitos emotivos é significativa pois expõe estratégias de negociações entre pessoas situadas em posições específicas. O modo como o tema é abordado nas narrativas refere noções culturalmente construídas, o que leva à conclusão de que a amizade pode ser tratada como uma categoria social privilegiada servindo para a análise dos sujeitos em sociedade. A amizade como via de acesso para pensar a pessoa em sociedade. A análise das relações de amizade expostas no estudo aponta para elaborações culturais particulares diferindo de cultura para cultura e imprescindíveis para a concretização da integração social do grupo aqui observado.

6- CONCLUSÃO

“...Logo no início tentei assimilar tudo e queria ser portuguesa de toda forma. Mas de repente comecei a valorizar o que eu tinha de herança cultural alemã, mais do que se eu tivesse ficado na Alemanha. Comecei a ler literatura alemã, a ter aulas de canto e trabalhar o repertório alemão. Isso foi um revalorizar a herança das tradições alemãs. Mas também me ocupei com as tradições portuguesas. Por exemplo no verão participamos das festas dos santos populares. Eu criei uma identidade que não é plenamente alemã e nem portuguesa...” [M10 p. 3]

Nesta investigação propusemo-nos analisar as dinâmicas de expressão da identidade pessoal e interpessoal, a manutenção da identidade social e o universo simbólico de representações criadas por cidadãos alemães residentes na região de Lisboa. Com o objectivo de estudar as representações identitárias, direccionámos a nossa investigação no sentido de compreender os processos de formação de identidade nas organizações alemãs e a interacção no contexto português. Definimos objectivos de investigação a que agora procuramos dar cumprimento tendo em conta as conclusões já apresentadas ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Retomando a hipótese que formulámos no início da investigação, podemos verificar que esta foi validada. Esse facto foi confirmado com as narrativas recolhidas nas entrevistas. A hipótese afirmava que as instâncias institucionais intervêm na construção de identidades pessoais e sociais por meio de processos de influência social. Não sendo porém nosso objectivo quantificar o grau de influência das organizações, mas antes demonstrar que, não sendo entidades paralelas cuja existência decorre apenas através de normas fixadas pela tradição, as organizações facilitam o processo de construção de pertença e a finalidade estratégica de reconhecimento da existência do sujeito no interior do sistema social. Como afirma Castells (1997) a formação de identidades no contexto das instituições ocorre somente quando os actores sociais a interiorizam, construindo o seu significado com base nessa interiorização. A construção da identidade é entendida

como um processo dialéctico e portanto também as estruturas institucionais recebem influência do contexto onde se desenvolvem. As instituições servem para identificar o grupo e o indivíduo no grupo e são uma alternativa para os sujeitos que afirmam não chegar a um convívio aprofundado com portugueses, sanando esta ausência na relação com alemães nas organizações. O poder de influência é variável de uma instituição para outra, assim como alguns sujeitos demonstram potencialidade criadora para reflectir e moldar sua referência identitária, enquanto outros apresentam atitudes mais conformistas em relação à construção identitária. Segundo Berger e Berger (1980: p. 364) “ O conformista preenche o seu papel conformando-se da forma mais exacta possível às expectativas institucionais”. Exemplos destas capacidades criadoras ou conformistas na elaboração identitária foram apresentados neste trabalho na descrição de identidade de género, onde as mulheres descrevem o seu exercício da vontade individual como modeladoras da própria identidade.

Constatámos que a relação entre as representações sociais e os processos intergrupais são bastante complexas e no entanto não tivemos oportunidade de analisar mais detalhadamente a margem de aproximação entre a apropriação do ‘novo’ por parte dos sujeitos e a manutenção de conservadorismos. Seria desejável a continuação da investigação a respeito da observação de um paradoxo da identidade destes sujeitos. Por um lado, há uma identificação negativa em relação ao próprio grupo nacional e uma delimitação de distâncias e fronteiras em relação a algumas organizações alemãs; a finalidade dos grupos e os objectivos individuais dos sujeitos diferem chegando a opor-se em determinados aspectos. E por outro lado, criam-se tensões a nível afectivo/emocional com portugueses. Alguns dos sujeitos que referem dificuldades no relacionamento com portugueses também não actuam em organizações alemãs. O que demonstra que as identidades sociais se constroem por integração e por diferenciação.

Destacamos a Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa enquanto instituição emblemática da presença histórica de alemães em Lisboa. Contextualizámos histórica e cronologicamente a influência desta organização sobre os seus membros e a comunidade alemã de modo geral. De acordo com os actuais estatutos, a Associação de São Bartolomeu caracteriza-se como uma entidade particular de beneficência que serve os cidadãos alemães residentes em Lisboa. De entre os historiadores que se dedicaram a descrever a história da Irmandade/Associação, destacamos a afirmação de Ehrhardt (1990: p.27): “No ano de 1926 (...) a Irmandade era considerada a representante secular

e verdadeira da totalidade dos interesses da colónia alemã em Lisboa”. Ao apresentar a instituição procurámos demonstrar que a sua actuação soube aproveitar os privilégios resultantes de acordos e tratados concedidos pelo Estado Português à *colónia alemã* aqui residente, e que os mantém até hoje. Fundada por comerciantes hanseáticos da *colónia alemã*, esta instituição ocupa-se desde a sua fundação com a manutenção dos cultos religiosos de língua alemã em Lisboa, sendo por nós caracterizada como instituição de preservação dos laços de um transnacionalismo económico e religioso.

Nos relatos das narrativas observamos que na prática actual há comportamentos de distanciamento e uma demarcação de limites em relação à Associação, Irmandade ou Confraria de São Bartolomeu, ao Clube Alemão e à Escola Alemã. Esta postura de distanciamento resulta de tensões, que geraram traumas e são percebidos a partir das representações das diferenças tanto estruturais como também afectivas dos sujeitos em relação aos grupos.

Verificámos que, de um modo geral, a valorização da identidade nacional alemã contribui para elevar a auto-estima dos sujeitos e elaborar uma imagem social crítica dos portugueses. Aos portugueses são atribuídas características como: falta de pontualidade, complexo de inferioridade, desorganização, improvisação, maior emotividade e sensibilidade, enfim, expressões que simbolizam a representação de superioridade de um grupo em relação ao outro. Enquanto aos alemães são atribuídas características como perfeccionismo, pontualidade, responsabilidade, planeamento com metas exactas e rigorosas, pensamentos objectivos e sistemáticos, horizontes mais abertos e maior aspereza nas relações. Face a estas características desenvolve-se um ambiente de pouca ou nenhuma identificação, comprometendo a capacidade de estabelecer vínculos entre os dois mundos, o de pertença e o de referência.

A amizade é um tema central na maior parte das narrativas a respeito da integração e do envolvimento na sociedade de destino, ou seja, a dimensão afectiva da socialização é o elemento criador do sentimento de pertença e da auto-estima dos sujeitos. Verificámos dois aspectos relevantes em relação ao tema da amizade: por um lado os discursos apontam para uma descrição da incapacidade de conviver com a diferença sendo uma definição quase unânime que a amizade exige pressupostos de igualdade ou a assimilação das diferenças entre os dois grupos, alemão e português. No entanto, isto não se realiza em razão das relações de poder entre os sujeitos, facto que consequentemente gera emoções e sentimentos erróneos em relação ao outro. Um

segundo aspecto constatável nos discursos é a construção cultural de categorias exóticas e de curiosidade dos alemães em relação ao grupo português, sendo esta também uma característica da visão superficial e distante que reforça estratégias de distanciamento, de manutenção de poder, dificultando a manutenção de laços de amizade.

O que fomos verificando ao longo desta investigação é que os discursos tanto revelam quanto escondem identidades sociais e características identitárias das organizações analisadas. A afirmação da identidade prescreve aos indivíduos a elaboração de estruturas discursivas a respeito das diferenças, necessárias para a afirmação da identidade. As relações sociais produzem processos de activação de identificação e diferenciação, envolvendo relações de poder em forma de sistemas de representações sociais. As instituições estão activamente envolvidas na elaboração de estratégias e no desenvolvimento de processos para a criação e manutenção tanto das identidades quanto das diferenças identitárias. Organizações desenvolvem a capacidade de fixar as pessoas em identidades determinadas e as diferenciar entre si por meio das diferenças culturais.

Chegados a esta fase final do trabalho perante as diferentes dinâmicas que se nos foram revelando no universo do estudo das identidades, pensamos que esta investigação foi capaz de desenhar perfis bastante heterogéneos do grupo social que apresentamos. No decorrer de todo exercício académico interessou-nos demonstrar que as representações sociais identitárias do grupo analisado resultam de verdadeiras construções nas relações intergrupais e interacções que os sujeitos realizam em Lisboa desde o século XIII até a data actual.

Pessoalmente aprendemos muito sobre a complexidade inerente às relações humanas. Compreendemos, da mesma forma como Miranda (2002), que uma convivência intercultural saudável implica a relativização do nosso próprio sistema de valores, um movimento de descentração.

De tudo que aqui foi estudado, fica a declaração de uma cidadã de identidade nacional alemã, que, optando por viver em Lisboa, afirma: *Eu sinto-me luso-alemã. E tomei a decisão de deixar a Alemanha e vir para Portugal com toda a consciência de que obviamente os meus descendentes vão ser portugueses.* [M2 p.3] A forma como cada pessoa exerce a sua vontade individual e demonstra dominar o seu poder de escolha é o que modela as identidades no contexto das sociedades cosmopolitas e multiculturais onde este estudo se insere.

Bibliografia

- AMÂNCIO, Lúcia. "Identidade Social e Relações Intergrupais". In: J. Vala & M.B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- ASSOCIAÇÃO de S. Bartolomeu dos Alemães em Lisboa. Estatutos, 1986.
- BARBALET, J.M. *Emoção, Teoria Social e Estrutura Social. Uma abordagem Macrossocial*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Persona, 1986.
- BARLOEWEN, von Constantin. "Fremdheit und interkulturelle Identität." In: WIERLACHER, Alois. *Kulturthema Fremdheit Leitbegriffe und Problemfelder kulturwissenschaftlicher Fremdenheitsforschung*. München: Iudicium, 1993.
- BARTH, Fredrik. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. São Paulo. SP: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997 (original publicado em 1969)
- BASTOS, José G. P. & BASTOS, Susana P. *Portugal Multicultural. Situação e estratégias identitárias das minorias étnicas*. Lisboa: Fim de Século, 1999.
- BASTOS, José Gabriel Pereira. *Portugal Europeu. Estratégias Identitárias Internacionais dos Portugueses*. Lisboa: Celta, 2000.
- _____. "Eppur si muove" – Nota introdutória a uma antropologia dos processos identitários. in *Ethonologia* (ns) 12-14, Lisboa: Departamento de Antropologia da FCSH/UNL & Fim de Século, 2002 pp.11-35.
- _____. *What are we talking about when we talk about identities?* Lisboa: CEMME FCSH / UNL, 2007.
- _____. "Antropologia dos processos identitários". In: *Ethonologia* (ns) 12-14, Lisboa: Departamento de Antropologia da FCSH/UNL & Fim de Século, 2002.
- _____. O conceito de representação – uma abordagem antropológico-psicanalítica. In: Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, nº 10, Lisboa: Edições Colibri, 1997.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva. Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. Oeiras: Celta, 2000.
- BELL, Judith. *Como realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- BERGER, Gerhard. „Elite“. In : ENDRUWEIT, Gunter; TROMMSDORFF, Gisela. (Hrsg.) *Wörterbuch der Soziologie*. 2. Auflage. Stuttgart: Lucius & Lucius, 2002.

BERGER, L. Peter; BERGER, Brigitte. “O que é uma instituição social?” In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1981.

_____. “Socialização”. In: ESTEVES, António Joaquim; FLEMING, Arnaldo Jorge. *Sociologia Textos e Notas Introdutórias*. Porto: Porto Editora, 1980.

BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 1988. (original publicado em 1963)

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: Um livro sobre a Sociologia do Conhecimento*. Lisboa: Dinalivro, 1999.

BERG, Wolfgang. “Cultures are Always Intercultural.” In: *Identity, Diversity and Intercultural Dialogue*. Coimbra: ESEC. 2008.

BERNOUX, Philippe. *A Sociologia das Organizações*. Porto: Rés-Editora, 2005.

BERTRAUX, Daniel. In: MISSAE, Norma & NIEWIADOMSKI, Christophe. (orgs) *Reinvenções do Sujeito Social: Teorias e Práticas Biográficas*. Porto Alegre, Brasil: Editora Sulina, 1987.

BESSA, António Marques. *Elites e Movimentos Sociais*. Lisboa: Universidade Aberta, 2002.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação – uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOUDON, Raymond. *Dicionário de Sociologia*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

BOTTOMORE, Thomas B. *Elites and Society*. London: C.A. WATTS & CO. LTD., 1964.

BURGESS, G. Robert. *A pesquisa de Terreno Uma introdução*. Oeiras Celta, 1997.

BUTTERWEGGE, Christoph; SIEGFRIED, Jäger. *Europa gegen den Rest der Welt?* Köln: Bund Verlag, 1993.

BREIDENBACH, Joana; ZUKRIGL, Ina. *Tanz der Kulturen. Kulturelle Identität in einer Globalisierten Welt*. München: Dustman, 1998.

BRUBAKER, Rogers. *Citizenship and Nationhood in France and Germany*. Harvard: University Press, 1996.

CAMPENHOUDT, Van Luc. *Introdução à Análise dos Fenómenos Sociais*. Lisboa: Gradiva, 2003.

CARMO, Renato M. do. *Contributos para uma Sociologia do Espaço-Tempo*. Oeiras: Celta, 2006.

CARVALHO, Lourenço Xavier de. *Impacto e Reflexos do trabalho imigrante nas empresas portuguesas. Uma visão qualitativa*. Lisboa: ACIME, 2004.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A idade da informação: economia, sociedade e cultura*. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1997.

CASTLES, S.; MILLER, M.J. *The Age of Migration – International population Movements in the Modern World*. Mac Millan Publisher, 2003

CASTLES, Stephen. *Globalização, transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios. Dos trabalhadores convidados às Migrações Globais*. Lisboa: Fim de Século, 2002.

CIAMPA, António da Costa. “Identidade”. In: LANE, Silvia T. Maurer; CODO, Wanderley. (Orgs) *Psicologia Social. O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. *A questão original da psicologia social*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; São Paulo, 1933.

COHEN, Robin. *Global Diasporas An Introduction*. Seattle: University of Washington Press, 2003.

CONNERTON, Paul. *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras: Celta, 1993.

CONNOR, Steven. “A Sociologia da Cultura e as Ciências da Cultura”. In: TURNER, Bryan S. *Teoria Social*. Algés: Difel, 1996.

COSTA, Antonio Firmino da. “A pesquisa de terreno em Sociologia.” In SILVA, Augusto Santos e José Madureira Pinto. (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento, 1986.

_____. *Sociedade de Bairro – Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Oeiras: Celta, 1999.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim de Século, 1999.

DELGADO, Mariano; BACHMANN, Lutz Mathias. *Herausforderung Europa Wege zu einer europäischen Identität*. Munchen: Beck. 1995.

DOISE, Willem; DESCHAMPS, Jean-Claude; MUGNY, Gabriel. *Psicologia Social Experimental*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.

DOISE, Willem. *A Articulação Psicossociológica e as Relações entre Grupos*. Lisboa: Moraes Editores, 1984.

DOMINGUES, José Maurício. “Desenvolvimento, Modernidade e Subjectividade”. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.14 nº40 pp.83-91 <http://www.anpocs.org.br>

DORNSEIFER, Andreas. *Einige Gedanken zu der Geschichte der Deutschen in Lissabon und einer Europäischen Integration und Burgerschaft*. (2002) (Não publicado)

DUBAR, Claude. *A Socialização. Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Porto Editora, 1997.

_____. *A Crise das Identidades A interpretação de uma Mutação*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

EHRHARDT, Marion. *A Alemanha e os descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Texto Editora, 1989.

_____. *Die Bartholomaus – Bruderschaft der Deutschen in Lissabon. Ein Ruckblick. 1290 – 1990*. Lisboa: Editora Gráfica Portuguesa, 1990.

_____. „Geschichte der deutsch-portugiesischen Kulturbeziehungen“. in: *Zs. F. Kulturaustausch*, 44. Jg., Nr. 1, ifa Stuttgart 1994.

EHRHARDT, Marion; HESS, Rainer; SCHMIDT-RADEFELDT, Jurgén. *Portugal-Deutschland. Beiträge zur Aufnahme der Portugiesischen Kultur und Sprache in Deutschland*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

ELIAS, Norbert. *The Germans. Power Struggles and the Development of Habitus in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. Polity Press, 1996.

ERIKSON, Erik. *Einsicht und Verantwortung: Die Rolle des Ethischen in der Psychoanalyse*. Stuttgart: Ernst Klett Verlag, 1966.

ETZIONI, Amitai. *Análise Comparativa de Organizações Complexas. Sobre o Poder, o Engajamento e seus Correlatos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

FALCÃO, Luísa. *A Imigração em Portugal*. Relatório Síntese elaborado pela Delta Consultores – Projecto financiado pela EU no âmbito do Programa Sócrates. Lisboa, 2002.

FEATHERSTONE, Mike. *Undoing Culture Globalization, Postmodernism and Identity*. London: Sage Publications, 1995.

FERREIRA, Carvalho, J.M, MARQUES, Rafael, PEIXOTO, João, RAPOSO, Rita (org.) *Entre a Economia e a Sociologia*. Oeiras: Celta Editora, 1996.

FERREIRA, Eduardo de Sousa (Coord.) e RATO, Helena, *Economia e Imigrantes – Contribuição dos Imigrantes para a Economia Portuguesa*. Oeiras: Celta Editora, 2000.

FERREIRA, J.A. Pinto. *Privilégios concedidos pelos Reis de Portugal aos Alemães nos séculos XV e XVI*, Porto: 1969.

FONER, Nancy. “Transnationalism then and now: New York immigrants today and at the turn of the twentieth century”. in CORDERO-GUZMAN, Héctor, et al. *Migracion, transnationalization & Race in a changing New York*. Philadelphia: Temple University Press, 2001

FORTUNA, Carlos. *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais*. Oeiras: Celta Editora, 1999

FRIEDRICHS, Júlia. *Gestatten: Elite. Auf den Spuren der Mächtigen von morgen*. Hamburg: Hoffmann und Campe, 2008.

GARLIPP, Herman. *Die deutsche evangelische Gemeinde in Lissabon*. Festschrift zur 150 jährlichen jubelfeier der Gemeinde. O.V. Lissabon, 1911.

GEARY J. Patrick. *Europäische Völker im frühen Mittelalter – Zur Legende vom werden der Nationen*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag in der S. Fischer Verlag GmbH, 2002.

GEIGER, P.P. *Migrações internacionais e Transnacionalismo na atualidade*. Revista Brasileira de Estudos de População v.17,nº1/2,jan./dez.2000

GELLNER, Ernest. *Nações e Nacionalismo*. Lisboa: Gradiva. 1993.

GENRICH, Paul-Wilhelm. *Evangelium und Deutschtum in Portugal*. Walter de Grytes&Co. Berlin, 1936.

_____ *Geschichte der evangelischen Gemeinde deutscher Sprache zu Lissabon*. Karlsruhe-Durlach, Johannes-Mathesius – Verlag, 1978.

GEORGE, Pierre. *As Imigrações Internacionais*. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

GHIGLIONE, Rodolphe; MATALON, Benjamin. *O Inquérito, Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora, 1992.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

_____ *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2004.

GIL, Isabel Capelo, DIAS, Mónica (org.) *O Colorido da Diferença a (s) cultura (s) de expressão alemã hoje*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005.

GIL, José. *Portugal, Hoje: O medo de existir*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

GIL, José. *Em busca da identidade – o desnorte*. Lisboa: Relógio D'água, 2009.

GIRON, Slomp Loraine; BERGAMASCHI, Eberle Heloisa. *Colónia um Conceito Controverso*. Porto Alegre: EDUCS, 1996.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio D'água, 1993. (original publicado em 1959)

_____ *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (original publicado em 1963)

GONÇALVES, Maria Guilhermina Bessa. *A Comunidade Britânica no Porto. Inter-relações Históricas, económicas, culturais e educativas*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

GOIS, Pedro e MARQUES, José Carlos. *Estudo Prospectivo sobre Imigrantes Qualificados em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.

GROSSER, Alfred. *Wie Anders sind die Deutschen?* Munchen: Beck, 2002.

GUIBERNAU, Montserrat. *The Identity of Nations*. Cambridge: Polity Press, 2007.

GUKENBIEHL, Hermann L. "Institution und Organization." In: Hermann Korte; Bernhard Schafers (orgs.) *Einführung in Hauptbegriffe der Soziologie*. 3. ed. Opladen: Leske+ Budrich, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. The work of Representation. In: HALL, Stuart. (org) Representation. Cultural Representations and Signifying Practices. Sage /Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

HANNERZ, Ulf. "Cosmopolitan and Local in World Culture." In: FEATHERSTONE, Mike. *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*. London: Sage, 1990

HARTMAN, Michael. *Eliten und Macht in Europa. Ein internationaler Vergleich*. Frankfurt/New York: Campus, 2007.

HELMLE, Erwin. *Geschichte der Katholiken Deutscher sprache in Portugal*. Lisboa: Printer Portuguesa Ind. Graf., Lda., 1987.

HINSCH, J.D. *Die Bartholomaus-Bruderschaft der Deutschen in Lissabon*. Hamburg: Hansische Geschichtsblätter, 1890.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. "Identidade." In: STREY, Marlene Neves, et al. *Psicologia Social Contemporânea: livro-texto*. Petrópolis: Vozes, 1998.

JAVEAU, Claude. *Lições de Sociologia*. Oeiras: Celta, 1998. (original publicado em 1976)

JACKSON, John. *Migrações*. Lisboa: Escher, 1991.

JODELET, D. "Representações Sociais: um domínio em expansão." In. JODELET, D. (Org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

KAMPF, Achim. *Recht kompakt: Portugal Informationen zum Wirtschaftsrecht in Portugal*. Germany Trade & Invest, 2009.

KHELLIL, Mohand. *Sociologie de l'intégration. Que sais-je?* Paris: PUF, 1997.

KYMLICKA, Will. *Ciudadanía Multicultural*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1996.

KORTE, Herman; SCHAFERS, Bernhard. (Hrsg.) *Einführung in Hauptbegriffe der Soziologie*. 5. Auflage. Augsburg: Leske&Budrich, 2000.

LEYENS, Jacques-Philippe. *Psicologia Social*. Lisboa: Edições 70, 1994.

LEVITT, Peggy. "You Know, Abraham Was Really the First Immigrant". In: *Religion and Transnational Migration Review*, 37 (3) 847-873, 2003

LIND, Wolfgang Rudiger. *Casais Biculturais e monoculturais: diferenças e Recursos*. Tese de doutoramento, Faculdades de Psicologia da Universidade de Lisboa, 2008.

LINDHOLM, Charles. *Culture and Identity. The History, Theory, and Practice of Psychological Anthropology*. Boston University, 2008.

LOURAU, René. "Instituição e Análise institucional". In: ESTEVES, António Joaquim; FLEMING, Arnaldo Jorge. *Sociologia Textos e Notas Introdutórias*. Porto: Porto Editora, 1980.

MAALOUF, Amin. *As identidades assassinas*. Lisboa: Difel, 1999.

MARTINS, G. d'Oliveira. *O Enigma Europeu. Ensaaios e Reflexões*. Lisboa: Quertzal Editores, 1993.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *Hansa e Portugal na Idade Media*, Lisboa: 1959.

MAUSS, Marcel. *Ensaaios de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

MEAD, George H. *Mind, self and Society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1934.

MERTON, Robert. *Sociologia: Teoria e Estrutura*, São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MIRANDA, Joana *A Identidade Nacional: Do mito ao Sentido Estratégico*. Oeiras: Celta Editora, 2002.

MORSDORF, Klaus. *A Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa*. Munique/Lisboa: 1957 – 1958.

MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1978.

_____. "On social representations". In FORGAS, J.P. *Social Cognition-Perspectives on everyday understanding*. London: Academic Press, 1981.

_____. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

- MUSGROVE, Frank. *The Migratory Elite*. Londres: Heinemann. 1963.
- NEUENSCHWANDER, Markus. *Entwicklung und Identität im Jugendalter*. Stuttgart. Wien: Verlag Paul Haupt Bern, 1996.
- NIETHAMMER, Lutz. *Kollektive Identität. Heimliche Quellen einer unheimlichen Konjunktur*. Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag. 2000.
- OLIVEIRA, Catarina Reis de. *Empresários de Origem Imigrante. Estratégias de Inserção Económica em Portugal*. Lisboa: ACIME, 2005.
- OLIVEIRA, Marques A. H. *Hansa e Portugal na Idade Média*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- _____. “Die Beziehungen zwischen Portugal und Deutschland im Mittelalter und 16. Jahrhundert” .in: *Aufsätze zur portug. Kultur geschichte*, 20.Bd.Munster: Aschendorffsche Verlagsgesellschaft, 1988-92.
- OPITZ, Alfred. *Modelos de Representação literária e Realidade Social nos relatos alemães sobre Portugal em meados do século XIX*. Lisboa: Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1988.
- PEIXOTO, João. *A Mobilidade Internacional dos Quadros*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- _____. *As teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, SOCIUS Working Papers nº 11/ 2004.
- PIERUCCI, António Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: São Paulo, 1999.
- PINTO, José Madureira. “Considerações sobre a produção social da identidade”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 32, 1991.
- PORTES, Alejandro. “Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante.” In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, Outubro 2004: 73-93
- _____. *Migrações Internacionais*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- RAVENSTEIN, Ernest. G. *The laws migration*. Journal of Royal Statistical Society. Vol. 48, Part II, 1885.
- REX, John. *Raça e Etnia*. Lisboa: Estampa, 1988.
- RIBEIRO, Vítor. *Privilégios de Estrangeiros em Portugal*, Coimbra: 1917.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. “Minorias. Polissemia do Conceito e Diversidade de Manifestações” in: SILVA, M.B. e tal. (org.). *Emigração/ Imigração em Portugal* (pp.422-433). Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (sec. XIX – XX). Alges: Editora Fragmentos, 1993.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. (org.) *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

ROHDE, Hans Heinrich. *Deutschland, England und die Portugiesischen Kolonien 1911/14*. Dresden: Landgraf Nachf. 1942.

ROSALES, Marta. “Consumos e identidades – o espaço doméstico em análise. Contributos e reflexões teóricas.” In: *Ethnologia: Antropologia dos Processos Identitários*. (ns) 12-14, Lisboa: Departamento de Antropologia da FCSH/UNL & Fim de Século, 2002.

ROTH, Johannes. *Die Bartholomäus – Bruderschaft der Deutschen in Lissabon. Geschichte, Zweck und Ziele*. Lissabon, 1970.

ROTHKOPF, David. *Superclasse. A elite do poder global e o mundo que ela está a construir*. Lisboa: QUIDNOVI, 2008.

SANTOS, Boaventura Sousa de. *Um discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

SANTOS, Boaventura Sousa de. (org) *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SCHEFF, Thomas. *Shame and Conformity: the Deference-Emotion System*. American Sociological Review, 53, 1988.

_____. “Emotions and Identity: A Theory of Ethnic Nationalism”. In: CALHOUN, Craic, Ed, *Social Theory and the Politics of Identity*. 1996.

_____. *Emotions, the Social Bond, and Human Reality*. Part/ Whole Analysis, Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SCHWARZ, Reinhard. *Os alemães em Portugal. 1933- 1945.A colónia alemã através das suas instituições*. Porto: Antília Editora, 2006.

SEMIN, Gabriel. “Protótipos e representações sociais”. In: JODELET, Denise. (org) *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. “A produção social da identidade e da diferença”. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, S. “Grupo de pertença. / Grupo de referencia.” In. *Dicionário de Sociologia*, Porto: Porto Editora, 2002.

SMITH, Anthony D, *A Identidade Nacional*. Lisboa: Grávida, 1997.

SCOTT, Allan. *Regions and the world economy: the coming shape of global production, competition, and political order*. Oxford: University Press, 1998.

STRASSEN, E.A e GANDARA, Alfredo, *Oito Séculos de História Luso-Alemã*. Instituto Ibero-Americano de Berlim, 1944.

TAJFEL, Henri. “La categorisation sociale”. In: MOSCOVICI, Serge. (org) *Introduction à la psychologie sociale*. Paris: Larousse, 1972.

TAJFEL, Henri. *Human Groups and Social Categories – Studies in social psychology*. Cambridge: University Press, 1981.

_____. “Instrumentality, identity and social comparisons”. In: H. Tajfel (ed.) *Social Identity and intergroup relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

TURNER, J.C. *Social comparison and social identity: Some prospects for intergroup behaviour*. European Journal of Social Psychology, 1975.

TURNER, J.C. Social categorization and the self-concept: “A social cognitive theory of group behaviour”. In: E. J. Lawler (Ed.) *Advances in group processes*. Greenwich, JAI, 1985.

VALA, Jorge; MONTEIRO, M. Benedicta; LIMA, Luísa; CAETANO, António. *Psicologia Social das Organizações. Estudos em Empresas Portuguesas*. Oeiras: Celta, 1994.

VALA, Jorge. “Representações Sociais – Para uma Psicologia Social do pensamento social”. In: J.Vala & M.B. Monteiro (Orgs), *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

_____. “A análise de Conteúdo” in Silva, Augusto Santos e José Madureira Pinto (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento pp.101-128, 1990.

_____. “Sobre as Representações Sociais – Para uma Epistemologia do Senso Comum”, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº4, 1986.

VASCONCELOS, José Leite. “Origem Histórica e Formação do Povo Português”. In: *Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, série antropológica e arqueológica*, nº2, Lisboa, 1923.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

VERTOVEC, Steven. *Transnationalism*. London: Routledge, 2009.

VINCENT, Lemieux; OUIOMET, Mathieu. *Análise das Estruturas das Redes Sociais*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

Outros:

AHK Portugal Deutsch- Portugiesische Industrie- und Handelskammer. *Impakt* : Deutsche Investitionen, ein eckpfeiler der Portugiesischen Wirtschaft. 05.06 2009

Bartholomaus Bruderschaft der Deutschen in Lissabon. Geschichte, Zwecke und Ziele, Ed. Bartholomaus Bruderschaft Lissabon 1970.

Deutsche sehen Portugal. (O olhar alemão) Livraria Buchholz, LDA, 1997.

Deutscher Verein Lissabon 100 Jahre. Festschrift zur Hundertjahrfeier dvl. 1870 – 1970. Lisboa 1971.

75 Jahre Deutsche Evangelische Kirche Lissabon an der Praça de Espanha/ Palhavã
In: Der Bote aus Lissabon nº 4 / 2009 p. 20

100 Jahre deutscher Verein in Lissabon, 1870-1970. Oficinas Gráficas Manuel A. Pacheco, Lisboa, 1971.

1848 – 1998. Deutsche Schule Lissabon / Escola Alemã de Lisboa. DSL/ Printer Portuguesa, Lisboa, 1998.

Festschrift zur feierlichen Eineiung der neuen Gebaude der Deutschen Schule in Lissabon. Imprensa Barreiro/ R. Bornhoft. Lisboa, 1963.

Circulação das elites. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2010. [Consult. 2009-07-07].

www.Mulheres: creche ou fogão? / Alemanha / Deutsche Welle / 21.02. 2007

www.eicos.psychology.ufrj.br/portugues/empoderamento.htm

<http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.com/2009/07/praca-d-pedro-iv-rossio-xii.html>

www. Vida académica e /ou filhos: o dilema das mulheres alemãs/ Economia/ Deutsche Welle/ 29.06.2005

www.bbc.co.uk/migrantes

Revista Impakt – vários números

Base de dados:

INE, Censos da População de 2007

INE, Estatísticas Demográficas

SEF, Relatórios Estatísticos

Lista de Quadros e Gráfico

Quadro 1 Acções desenvolvidas no campo	12
Quadro 2 Zona de residência dos entrevistados	14
Quadro 3 Locais de realização das entrevistas	15
Quadro 4 Alemães residentes em Portugal 1990-2008	18
Quadro 5 Alemães residentes nos distritos de Lisboa, Faro e Porto 2000-2008	19
Quadro 6 Faixa Etária do grupo de estudo	21
Quadro 7 Distribuição do grupo quanto à nacionalidade	22
Quadro 8 Diversificação da qualificação académica	23
Quadro 9 Semelhanças/diferenças	59
Quadro 10 Representação identitária nacional	67
Quadro 11 Motivação para o retorno ao país de referência ou para permanência no país de pertença	72
Quadro 12 Características das pertenças nas organizações	77
Quadro 13 Contacto ou conhecimento a respeito da Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa	88
Quadro 14 Processos de integração	103
Quadro 15 Caracterização do grupo de professores	135
Gráfico 1 Comparativo de Alemães em Portugal, Lisboa, Faro e Porto	20

Anexo 1

Quadro descritivo dos entrevistados

	Idade	Ano de chegada	Língua que fala em casa	Nacionalidade Cônjuge	Formação acadêmica
H 1	75	Nascido em PT	Alemão	Esposa alemã	Químico
H 2	78	2001	Alemão	Solteiro	Teólogo
H 3		1991	Português e alemão	Esposa portuguesa/ fala alemão	Literatura Alemã/ Pedagogia/ Linguística
H 4	43	2003	Fala alemão com o cão	Vive sozinho	Geógrafo
H 5	56	1994	Português	Esposa brasileira	Linguística
H 6	46	2002	Português	Esposa portuguesa	Economia
H 7		1972	Português	Esposa portuguesa/ fala alemão	Psicologia (estudou em Lisboa)
H 8	91	1938	Alemão	Esposa portuguesa/ fala alemã	Concluiu estudos na Alemanha até 18 anos
H 9	78	1936/2001	Alemão e português	Div. Ex Esposa alemã	Engenheiro
H 10	52	1994	Alemão	Esposa alemã	Gestão de Empresas
H 11	47	2001	Inglês	Esposa portuguesa	Arquitetura
H 12	48	1988	Alemão	Esposa Alemã	Linguística
H 13	45	2005	Alemão	Esposa Alemã	Jurista
H 14	43	Nascido em PT	Português e alemão	Esposa portuguesa /fala alemão	Economia
H 15	44	2000	Português e alemão	Esposa portuguesa / fala alemão	Psicologia
H 16	52	2007	Alemão	Esposa alemã	História/ Militar
H 17	72	1987	Alemão	Div. Ex esposas alemã e portuguesa	Contabilidade
H 18	47	1994	Inglês, alemão e português	Esposa portuguesa	Canto/Filosofia/ Literatura/ História da Arte
M 1	42	1990	Português e alemão	Esposo português / estuda alemão	Germanística e linguística
M 2	41	1997	Alemão e Português	Esposo alemão / fala português	Relações Públicas e Jornalismo
M 3	83	Nascido em PT	Alemão e português	Esposo português / falava alemão (viúva)	Concluiu estudos na escola alemã
M 4	52	1974	Português e alemão	Solteira	Teologia
M 5	21	2008	Português	Solteira / namorado português estudando alemão	Linguística /Literatura Comparada
M 6	53	1984	Alemão e inglês	Esposo alemão	Pedagogia
M 7	62	1980	Alemão e português	Esposo moçambicano /fala alemão	Inglês, Francês e Geografia
M 8	69	1967 (austriaca)	Português e alemão	Esposo português	Professora de educação infantil
M 9	45	1988	Alemão	Esposo alemão	Enfermagem

M 10	56	1974	Português e alemão	Ex esposo português	Letras (estudou em Lisboa)
M 11	48	1989	Alemão	Ex esposo português	Geografia
M 12	72	1962	Português	Esposo português	Fotógrafa profissional
M 13	53	1985	Português	Esposo português	Auxiliar Geriátrico
M 14	56	1987	Português	Esposo português	Concluiu liceu na Alemanha
M 15	60	1975	Alemão e Português	Esposo português/ fala alemão	Estudos eslavos e Germanística
M 16	54	Nascida em PT	Alemão e português	Ex esposo português/ alemão de 2ª geração	Conclui estudos na escola alemã em Lisboa
M 17	53	1974	Português	Esposo português	Tradução: inglês e português
M 18	49	1987	Português e alemão	Esposo português / natural de GOA	Germanística
M 19	25	2008	Alemão	Solteira	Letras / Erasmus
M 20	62	Nascida em PT	Inglês	Esposo Norte-Americano	Gestão de Empresas
M 21	34	Nascida em PT	Alemão “aportuguesado”	Solteira	Gestão de Empresas
M 22	48	2006	Alemão	Esposo alemão/ vive na Alemanha	Engenharia de Máquinas
M 23		2006	Alemão	Esposo alemão	Tradução/ Germanística
M 24	63	1966	Alemão	Esposo alemão	Teologia para Leigos
M 25	58	1970	Alemão e Português	Div. Ex esposos alemão e italiano	Sociologia/ Germanística

Anexo 2

Modelo de Guião das Entrevistas

- * Quando chegou a Portugal e qual foi o motivo da sua vinda?
- * Os familiares acompanharam desde o início a sua vinda para Portugal? Como a família participa na decisão de mudar de um país para o outro?
- * O que sabia sobre Portugal antes de vir para cá?
- * Qual a sua ocupação profissional actual?
- * Fala bem o português? Onde aprendeu? Qual a língua falada em casa?
- * Qual a sua identidade nacional?
- * Sente-se integrado (a) na sociedade portuguesa?
- * O seu círculo de amizades é formado por alemães ou portugueses?
- * O que planeia para o futuro?
- * Participa em algum grupo associativo onde alemães ou portugueses se reúnam?
Quais?
- * O que sabe a respeito da Associação ou Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa?
- * Acha que os alemães estão integrados na sociedade portuguesa?
- * Como define os contactos que os alemães estabelecem com os portugueses em Portugal?
- * Que importância têm para si as tradições alemãs?
- * O que entende por identidade? E como define a sua identidade? Que mudanças ou adaptações ocorreram na sua identidade depois que passou a viver em Portugal?
- * Qual a sua relação com a Alemanha actualmente?
- * Quantas vezes por ano viaja para a Alemanha?

* Documentos históricos relatam a concessão de privilégios para grupos estrangeiros em Portugal. Os reis portugueses concederam privilégios de cunho civil, religioso e comercial ao longo dos séculos XIII e XIV a certos grupos de estrangeiros. Percebe que os alemães façam parte destes grupos e que ainda hoje sejam um grupo privilegiado em Portugal?

* Podemos dizer que os alemães formam uma elite em Portugal?

* Na sua experiência pessoal sente-se tratado de forma especial por ser alemão em Portugal?

* Quais os espaços profissionais mais ocupados pelos alemães em Portugal?

* O que entende por nacionalismo?

* Qual a sua motivação para permanecer em Portugal ou retornar à Alemanha?

* Qual a sua formação académica?

* O que mais gostaria de falar sobre esse tema?